

STAR TREK®

EPISÓDIOS DA SÉRIE CLÁSSICA RS 4,60
ADAPTADOS POR JAMES BLISH

© 1994 Paramount Pictures. Todos os direitos reservados. Star Trek, Enterprise, Macropass, Enterprise, Star Trek, Enterprise, Star Trek, Enterprise, Star Trek, Enterprise.



*audaciosamente indo
aonde nenhum homem
jamais esteve*



James Blish

J. H. Lawrence

Star Trek

EPISÓDIOS DA SÉRIE CLÁSSICA

Tradução de Cristina Nastasi



1995

Impressão e acabamento W. ROTH S.A. - (011) 960-29M

Título original: *Star Trek: The Classic Episodes*
Copyright © Paramount Pictures Corporation,
Desilu Productions Inc. e Bantam Books
1967, 1968, 1969, 1971, 1972, 1973, 1974, 1975, 1977

Todos os direitos reservados.

Publicado mediante contrato firmado com Bantam Books, uma divisão
da Bantam Doubleday Dell Publishing Group Inc.
STAR TREK é marca registrada da Paramount Pictures Corporation.

Editor:

Silvio Alexandre

Revisão e colaboração:

*Georges Ribeiro, Sylvio Gonçalves
Isabel Grau e Cristina Segnin*

Capa:

Maria Amélia de Azevedo

Produção Gráfica:

Leonardo Bussadori

Assistente de Produção:

Daniela Shimabukuro

ISBN 85-7272-076-6

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Blish, James Benjamin, 1921 -1975

Star Trek : episódios da série clássica / adaptado por James Blish com J. A.
Lawrence; tradução Cristina Nastasi.

São Paulo: Mercury, 1995.(Unicórnio Azul; 3)

1. Ficção científica norte-americana 2. Ficção norte-americana I Lawrence,
J.A I. Título. II. Série.

95-3981 CDD-813.5

índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Século 20 : Literatura norte-americana
813.5
2. Século 20 : Ficção : Literatura norte-americana
813.5

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA MERCURYO LTDA.

Al. dos Guaramomis, 1267 – Moema CEP 04076-012 - São Paulo – SP

PREFACIO 5

O Primeiro Somando 6

Corte Marcial 34

A Coleção 50

A Licença 77

O Senhor de Gothos 104

JetCom 131

PREFACIO

DO LIVRO 4

Como mencionei no prefácio de STAR TREK 3, recebi uma surpreendente quantidade de cartas dos leitores dos livros de STAR TREK - uma quantidade muito maior do que provavelmente possa responder. E estou recebendo cada vez mais. Também recebo cartas pedindo que adapte algumas histórias em particular. Fiz uma avaliação destes pedidos para me ajudar a escolher os títulos do novo livro.

Em função disso, A Coleção, um episódio escrito pelo próprio Gene Roddenberry, ficou no topo da lista. Essa história ganhou o Prêmio Hugo por melhor texto dramático de 1967, na 25a. Convenção Mundial de Ficção Científica, em Nova York. Um episódio de STAR TREK também viria a ganhar o mesmo prêmio, um ano depois - Cidade à beira da Eternidade, de Harlan Ellison, que foi publicado no segundo volume de minhas adaptações. Agora, como não estão produzidos novos episódios para a série, não houve competição pelos prêmios em 1970.

Embora STAR TREK não esteja sendo produzida por qualquer emissora de tevê, continua mais popular do que nunca. Suas reprises estão sendo exibidas em mais de cem estações através dos Estados Unidos, e na Inglaterra, também.

E eu continuo fazendo as adaptações, como suas cartas estão pedindo. Da forma com que as coisas estão no momento, haverá pelo menos mais uns quatro livros sendo publicados no próximo ano, mais ou menos.

*James Blish
Hrpsden (Henley) Oxon, England*

Alguns leitores estranharam que no primeiro volume do EPISÓDIOS DA SÉRIE CLÁSSICA O prefácio de James Blish tivesse o número 3 (três). Acontece que originalmente essas adaptações saíram em doze volumes, e foi só a partir do volume três que Blish começou a inserir um prefácio para, de certa forma, responder às centenas de cartas que passou a receber após a publicação dos dois primeiros volumes: "Tenho recebido mais cartas por causa de meus primeiros livros de STAR TREK do que recebi em toda minha vida", disse ele. Por isso, não estranhe agora o leitor ao ver a publicação do Prefácio do Livro 4: estamos apenas mantendo o número do volume em que primeiramente foi publicado. (N.E)

O Primeiro Somando



Título da adaptação: **The Galileo Seven**

Título do episódio: **The Galileo Seven**

Título em português:

A Galáxia (primeira versão)

O Primeiro Comando (segunda versão)

Data da primeira exibição: **05/01/67**

Data estelar: **2821.5**

História de **Oliver Crawford e
S. Bar-David (Shimon Wincelberg)**

Direção de **Lawrence Dobkin**

Atores convidados:

Tenente Boma: **Don Marshall**

Comissário Ferris: **John Crawford**

Gaetano: **Peter Marko**

O Primeiro Comando



A ordem da *USS Enterprise* era investigar estranhos fenômenos espaciais, mesmo que estes fossem encontrados em meio a uma outra missão. Para Kirk, um desses fenômenos já estava visível na tela principal, na forma de uma estranha massa azulada tomada de riscos vermelhos da mais radiante energia, dominando o espaço à sua frente.

Kirk pressionou um botão no braço da cadeira de comando, tentando ignorar a presença de um passageiro muito incômodo, o alto comissário Ferris. — Capitão para nave auxiliar *Galileu*. A postos, sr. Spock.

Ferris verbalizou sua evidente desaprovação. — Devo lembrá-lo, capitão, de que sou totalmente contrário a esse atraso. Sua missão é levar os suprimentos médicos a Makus III a tempo de fazer a transferência para as colônias em Nova Paris.

— E devo lembrá-lo, senhor, que temos nossa ordem principal. Não haverá problemas. São apenas três dias até Makus III e a transferência não demorará mais de cinco dias.

Ferris estava irredutível. — Não quero arriscar, capitão. Com a praga fora de controle em Nova Paris, devemos levar os remédios a tempo.

— E levaremos — Kirk concentrou-se novamente no comunicador. — Capitão para *Galileu*. Todos os sistemas liberados para decolagem.

— Força total, capitão. Todos os instrumentos ativados. Leituras normais. A postos.

A voz de Spock era pura convicção. Como oficial de ciências, estava no comando da equipe de pesquisa selecionada para investigar uma curiosa anomalia espacial catalogada com o nome de Murasaki 312. Por isso ocupava a cadeira de piloto da nave auxiliar, com os outros tripulantes sentados atrás dele: Doutor McCoy, Scott, a jovem ordenança Mears, o astrofísico Boma, o especialista em radiação Gaetano e o navegador Latimer. Ao todo, sete tripulantes: os sete do *Galileu*.

— Lançar nave auxiliar — ordenou Kirk.

As pesadas portas do hangar de carga abriram-se. A nave auxiliar manobrou em direção à saída e partiu para a vastidão do espaço.

— Posição — pediu Spock.

— Três ponto sete... não, não, senhor — corrigiu Latimer. — Quatro ponto...

— Decida-se, senhor — repreendeu Spock.

— Meus indicadores estão completamente loucos, senhor.

Boma interferiu: — Isso já era esperado, sr. Spock. Esse tipo de fenômeno interfere muito com os instrumentos. Só não sabemos quanto.

Spock, com os olhos presos em seu painel, foi seco:

— Interferem muito, sr. Boma.

Gaetano também não tinha boas notícias: — Leituras de radiação crescendo rapidamente, sr. Spock!

— Parada total! Latimer acionou os comandos. — Não estou conseguindo parar, senhor! Nada funciona!

McCoy adiantou-se para olhar os instrumentos.

— Spock, estamos indo direto para aquela coisa!

Lutando contra os controles, Spock ordenou:

— Força total em ré! Mas não havia força reversa. — O que está acontecendo? — perguntou McCoy.

— Subestimamos a força de atração do núcleo — explicou Boma.

Spock buscou o comunicador. — *Galileu* para *Enterprise*. Estamos fora de controle, capitão. Sendo atraídos diretamente para o centro do Murasaki 312. Recebendo uma forte radiação....

O som de estática cortou a voz de Spock. Kirk correu até a estação de Uhura.

— Não pode fazer nada, tenente?

— Nada, senhor. Em nenhuma frequência. Só consegui captar essa mensagem.

— Senhor Sulu, leve-nos até a *Galileu*.

O piloto oriental parecia desorientado. — Nossos sensores estão bloqueados, capitão. As leituras estão confusas. Nunca vi isso antes. Nada faz sentido!

Kirk acionou o computador central. — Concentração iônica negativa 1.64 metros por 10 a segunda potência. Ondas de radiação a 370 ângstroms, ascendendo harmoniosamente ao longo de todo o espectro — informou a voz metálica.

Kirk estava pálido. Ferris o observou: — O que está acontecendo, capitão?

— Essa coisa ionizou completamente todo o setor!

Kirk voltou a olhar a tela principal. — Existem pelo menos quatro sistemas solares nas redondezas... e, em algum lugar lá fora, está uma nave auxiliar fora de controle, fora de seu curso. Encontrar uma agulha no palheiro seria mais fácil do que isso...

Na tela, a massa azulada brilhava, dominadora, recordando a face ameaçadora do espaço.



Os controles da nave auxiliar não eram a única vítima do Murasaki 312. Os sistemas sensores da *Enterprise* também estavam inutilizados. Sem eles, a nave estelar estava praticamente à deriva, às cegas, quase tão indefesa quanto o *Galileu*.

Ferris insistia em manter sua irritante expressão "eu te disse". — Eu era contra isso tudo desde o início. Nossa viagem a Makus III era da maior prioridade

Kirk, com a mente voltada para as dificuldades enfrentadas pelos tripulantes do *Galileu*, não estava muito interessado em lamúrias: — Estou ciente disso, comissário. Mas eu também tenho missões científicas a cumprir... e explorar o Efeito Murasaki é uma delas.

— Mas perdeu seus tripulantes.

Definitivamente existiam pessoas que adoravam tornar as coisas ainda mais difíceis, pensou Kirk, controlando sua irritação. — Temos dois dias para encontrá-los.

— Dois dias para encontrá-los naquela coisa?!

Kirk perdeu a paciência. — Está sugerindo que eu os abandone, senhor?

— Em primeiro lugar não deveria tê-los enviado lá! Está preocupado apenas com sete pessoas. Eu estou pensando nos milhões de habitantes de Nova Paris, que morrerão se os medicamentos não chegarem a tempo. Foi sua obstinada insistência em realizar essa investigação inconseqüente que...

Um burocrata é um burocrata em qualquer lugar da Galáxia, constatou Kirk. Num gabinete, eram perfeitos, mas transferidos de seu habitat natural, acabavam perdidos num mar de inutilidade. Mesmo assim, o capitão optou por seu lado diplomata. — Não se preocupe, comissário, vamos chegar a tempo em suas colônias. Tem minha palavra.

— Capitão — interrompeu Uhura. — Existe um planeta nas proximidades capaz de sustentar vida humana. Do tipo classe M, oxigênio-nitrogênio. Catalogado como Taurus II.

A voz de Uhura encheu Kirk de tranqüilidade. Os dois trocaram um olhar cúmplice. — Pelo o que se pode saber com os nossos equipamentos falhando, fica bem no centro do Efeito Murasaki.

— Obrigado, tenente. Senhor Sulu.

— Sim, senhor?

— Marque curso para Taurus II.

— Curso implementado, senhor.

— Está dando tiros no escuro, Kirk? Como pode saber que eles estão lá?

— Se não estiverem, comissário, então já devem estar mortos. Vamos

investigar Taurus II porque não há sentido em procurar em outro lugar.

— Você disse algo sobre procurar uma agulha no palheiro. É inútil.

— Não se quiser ter sua agulha de volta.



A superfície de Taurus II não era nada parecida com a suavidade de um monte de feno e a agulha perdida em questão, a *Galileu*, conseguiu amortecer o impacto da aterrissagem forçada ao cair numa cratera de consistência quase esponjosa. A nave estava cercada por paredes rochosas e por um céu dominado por uma incrível variedades de tons esverdeados. Na verdade, era um planeta muito pouco atraente. O impacto da nave fez que tudo e todos a bordo voassem, uns sobre os outros. Um corte na cabeça de Spock sangrava verde. McCoy cuidou dele e foi, em seguida, tratar da ordenança Mears.

— Você está bem?

— Acho... que sim, doutor.

— Isso é o que eu chamo de aterrissagem — observou Boma.

— O que aconteceu? — perguntou Latimer.

— Não estou certo... — disse Boma. — Acho que o potencial magnético do Efeito Murasaki era tanto que foi multiplicado geometricamente quando aceleramos a velocidade. Simplesmente fomos jogados ao centro do Efeito como um projétil. O que o senhor acha, sr. Spock?

— Sua avaliação é razoável.

Scott, com a mão na cabeça dolorida, juntou-se a Spock para checar os instrumentos e o painel de controle. — Que bagunça!

— Descrições pitorescas não consertam circuitos quebrados, sr. Scott. Creio que terá bastante trabalho — disse, acionando o comunicador. — *Galileu a Enterprise. Galileu a Enterprise.* Responda.

— O senhor não espera mesmo uma resposta, não é? — perguntou Scott.

— Não espero nada. É simplesmente lógico tentar cada alternativa existente. Uma leitura da atmosfera, por favor, dr. McCoy.

— Tão logo eu examine todos a bordo...

— Se houvesse algum ferido, doutor, presumo que já teria se manifestado ao senhor. As leituras, por favor.

McCoy não se esforçou em esconder sua irritação. Mas acabou se controlando e pegando, conformado, seu tricorder. — Pressão parcial de oxigênio, 70 milímetros de mercúrio. Nitrogênio, 140. Respirável, desde que não seja para fazer uma competição esportiva.

— Apenas os fatos, por favor — censurou Spock.

— Traços de argônio, neônio e criptônio, em quantidades aceitáveis, mas

eu não recomendaria o lugar para veraneio.

— Grato, sua opinião será anotada. Está gravando isso, ordenança?

— Claro, sr. Spock.

— Muito bom. Senhor Scott, se puder iniciar imediatamente um levantamento das avarias...

— Naturalmente, sr. Spock.

Spock ignorou o tom irônico do engenheiro. — Sugiro que saíamos para dar espaço de trabalho ao sr. Scott. Senhor Latimer, sr. Gaetano, por favor peguem suas armas e patrulhem a área, mantendo contato visual com a nave.

— Sim, senhor — disse Gaetano.

Os dois homens estavam tirando os feisers de um gabinete quando McCoy dirigiu-se a Spock. — Quais são as chances de nos comunicarmos com a *Enterprise*?

— Nessas circunstâncias, muito poucas.

— Mas eles devem estar nos procurando.

— Se o efeito de ionização for tão abrangente quanto eu imagino que seja, devem estar procurando sem instrumentos. Apenas contato visual. Nesses termos, é preciso lembrar que estamos em um sistema solar bem grande.

— Então acha que não têm chance de nos encontrar?

— Não pousados aqui.

McCoy explodiu: — Nunca consegui engolir esse seu maldito *entusiasmo* vulcano, Spock!

— Então é melhor se esforçar, doutor. Teremos um bom tempo para isso.



Kirk também não tinham motivos para entusiasmo. Os sensores da *Enterprise* estavam completamente inoperantes.

— Senhor Sulu, já tentou as unidades de força auxiliar?

— Sim, senhor. Sem alteração.

Kirk apertou um botão. — Sala de transporte. Aqui é o capitão. O teletransporte já está funcionando?

— Não cem por cento, senhor — disse o técnico, quase que desculpando-se. — Teletransportamos material inerte para a superfície, mas o recuperamos numa condição dissociada. Não podemos tentar com pessoas.

— Obrigado — pressionou outro botão. — Capitão para hangar. Preparar a nave *Colombo* para busca na superfície do planeta. Checar coordenadas com o sr. Sulu. Uhura?

— Sim, senhor?

— Alguma coisa?

— Todas as ondas dominadas pelo efeito de ionização, capitão. Transmissões bloqueadas, recepção impossível.

Para "alegria" maior de Kirk, Ferris aproximou-se da cadeira de comando. — E então, capitão?

— Temos até 2823-8 para continuar com nossa procura, comissário.

— Acha mesmo que terá alguma sorte?

Kirk esfregou o queixo, preocupado — As pessoas lá fora são nossos companheiros e amigos, senhor. Eu pretendo continuar com a busca até o último momento possível.

— Muito bem, capitão. Mas nem um segundo além do limite. Está claro? Caso contrário, sugiro olhar no livro 19, seção 433, parágrafo 12.

— Estou ciente dos regulamentos, comissário. E sei de toda sua autoridade. Contrariado, o capitão apertou outro botão.

— Lançar nave auxiliar *Colombo*.

Do lado de fora da *Galileu*, Spock examinava as paredes da cratera. Ser resgatado dali era uma remota possibilidade. Mesmo que os instrumentos da *Enterprise* não tivessem sido atingidos pelo Efeito Murasaki, Taurus II era apenas um dos muitos planetas daquele quadrante. Escondido nessa imensa cratera, a *Galileu* estava, virtualmente, invisível.

McCoy aproximou-se e também observou a altura das paredes. — Se não fosse pelas circunstâncias, essa seria sua grande chance.

— Minha grande chance, dr. McCoy?

— De comandar. Você sabe, Spock. Nunca falou isso, mas sempre pensou que a lógica era a base perfeita para conduzir um comando. Não estou certo?

— Sou um homem lógico.

— Será preciso mais do que lógica para nos tirar daqui.

— Talvez, doutor... mas eu não posso imaginar um melhor começo. Reconheço que o comando tem seus fascínios, mesmo nessas circunstâncias. Mas não aprecio a idéia de comando, muito menos a temo. Ela apenas existe. E eu farei tudo o que for logicamente necessário.

Os dois voltaram para a nave. Scott, às voltas com o painel de controle, parecia preocupado. — Perdemos muito combustível, sr. Spock. Não temos condições de atingir velocidade de escape. E, mesmo que consigamos chegar até a órbita, teremos de aliviar a carga em cerca de duzentos quilos.

— O peso de três homens.

Scott mostrou-se desconcertado. — Sim, mas... espero que não coloque as coisas dessa maneira.

McCoy expressou sua revolta: — Também é o peso equivalente em equipamentos.

Spock o fitou diretamente. — Doutor McCoy, com poucas exceções, teremos de usar cada peça de equipamento para manter-mos órbita. Existe muito pouco peso extra, com exceção dos passageiros.

Boma e a ordenança Mears, que estavam por perto, checando as leituras de tricorder, pararam imediatamente. — Quer dizer que três de nós vão ficar para trás?

— A menos que as condições mudem radicalmente.

— E quem vai escolher as pessoas que vão ficar?

— Como oficial comandante, a escolha é minha.

Boma irritou-se: — Não gostaria de tirar a sorte?

— É uma idéia interessante, sr. Boma, mas acredito que estou melhor qualificado para fazer uma escolha do que optar por métodos de sorte — disse ele, sem pretender ironizar.

— Minha escolha será resultante de um processo lógico.

— Vida e morte não são coisas lógicas, Spock! — explodiu McCoy.

— Mas atingir um alvo desejado sempre é, doutor.

Spock ignorou a tensão no ambiente. — Sugiro que procedamos a um exame mais minucioso do casco externo. Podemos ter deixado passar algumas avarias menores.

Boma o observou sair. — Se deixaram passar alguma avaria, foi quando verificaram a cabeça dele!

— Não a cabeça — corrigiu McCoy. — O coração.

Todos estavam muito tensos. Latimer e Gaetano, em posições estratégicas na cratera, realizavam seu trabalho de vigilância, visivelmente nervosos. Gaetano chegou a ouvir algo. Latimer também. Era o som ritmado de madeira sendo arrastada num solo rugoso. Latimer tinha a incômoda impressão de ouvir respirações vindas da borda da cratera. O som de madeira sendo arrastada continuava.

— O que é isso? — sussurrou Latimer.

— Não sei. Vem lá de cima — disse Gaetano.

— Não... lá de trás. Um olhou para o outro. O som os estava cercando.

— Em todo o lugar... em torno de nós.

— Vamos sair daqui! Latimer saiu correndo.

Da sombra formada por uma fenda na parte superior da rocha, surgiu uma figura gigantesca. Latimer gritou e foi ao chão. Gaetano procurou seu feiser e disparou em direção à fenda, depois olhou para o companheiro. Latimer estava com uma lança cravada em suas costas.



O grito havia reverberado por toda a cratera e fora ouvido por Spock e

Boma. O vulcano correu até Gaetano, que estava junto ao corpo de Latimer, ainda em choque, olhando para a lança fincada no companheiro.

— Como aconteceu?

Confuso, Gaetano baixou o feiser. — Algo... imenso... terrível. Lá em cima! — apontou para a fenda.

Spock aproximou-se da encosta e, checando a estabilidade das rochas, começou a escalar em direção ao local indicado. Boma perguntou a Gaetano: — O que foi? Viu o que era?

— Era como... um macaco gigante — começou a tremer. — Foi tudo tão... rápido... Houve primeiro um som...

Spock estava de volta. — Não há nada lá em cima.

— Estou dizendo que havia! — gritou Gaetano.

Spock permanecia calmo. — Não duvido de sua palavra.

— Eu o atingi. Juro que ò feiser o atingiu.

Spock nada disse, apenas olhou para o corpo de Latimer e retirou a lança de suas costas. O vulcano analisou a ponta da arma, uma pedra longa e afiada.

— Ponta Folsom — disse, por fim.

— O quê?

— Essa lança tem uma notável semelhança com a Ponta Folsom, descoberta em 1926, calendário da Terra, no Novo México, América do Norte. Muito similar... Meio grosseiro no eixo. Não muito eficiente.

— Não muito eficiente? — Boma estava furioso. — É tudo o que tem a dizer?

Surpreso, Spock o fitou: — Estou errado, sr. Boma?

— Errado, o senhor? Impossível!

— Então, o que...

— Um homem está morto! E o senhor fica falando de lanças de pedras! E quanto a Latimer? Ele está morto...

— Algumas palavras sobre morte não vai trazê-lo de volta à vida, sr. Boma.

— Ajude-me com Latimer, por favor — disse Gaetano a Boma, então voltando a encarar Spock. — No interesse da eficiência, suponho que pretende deixar o corpo aqui.

— Trazê-lo de volta à nave não vai interferir com nossos esforços de reparos. Se os senhores quiserem alguma assistência...

— Não precisamos! — disse Gaetano, rispidamente. Ele e Boma ergueram o corpo. Enquanto isso, Spock ainda estudava com o interesse a ponta da lança.



Kirk lutava contra um incômodo sentimento de inutilidade e de grande perda. Spock... McCoy... Scott... todos os três perdidos naquela terrível massa azulada exibida pela tela.

— Capitão, a *Colombo* voltou da pesquisa no quadrante 779X por 534M. Resultados negativos — informou Uhura.

— Mande-os seguir ao próximo quadrante. Alguma notícia da engenharia sobre os sensores?

— Ainda estão trabalhando neles, senhor. Continuam inoperantes.

— O teletransporte?

— Ainda não estão seguros, senhor.

— Obrigado, tenente.

— Capitão Kirk...

Era Ferris. — Capitão, não aprecio o pensamento de deixar seus homens naquele planeta. Contudo, lembrá-lo de que...

— Não esqueci, comissário —: disse Kirk.

— Seu tempo está se esgotando.

— Também sei disso.

Kirk apertou um botão em sua cadeira. — Aqui é o capitão. Tentem usar sobrecarga nos teletransportes. Precisamos deles funcionando. Tenente Uhura, mande a *Colombo* abrir dois graus de sua rota em cada volta.

Sulu, surpreso, protestou: — Capitão, dois graus significam uma falha de quinze quilômetros em cada lance de busca.

— Também significa que aumenta nossa chance de cobrir uma maior parte da superfície do planeta.

— Sim, senhor.

Ferris ainda estava junto à cadeira do capitão.

— Tem mais vinte e quatro horas, capitão.

Kirk ficou calado, olhando para a tela. Em meio àquela massa misteriosa estava Taurus II, um oásis respirável no centro do inferno. Teria Spock conseguido encontrá-lo?

Na *Galileu*, McCoy e a ordenança Mears separavam os equipamentos dispensáveis. Com os braços carregados, McCoy observou: — Isso nos poupou uns cinquenta quilos em peso, Spock.

— Se conseguirmos eliminar outros vinte quilos, uma vez que o sr. Latimer já... — a ordenança não terminou a frase.

— Mesmo assim, ainda seria preciso eliminar outros quarenta quilos — disse Spock.

— Não posso acreditar que está falando seriamente sobre deixar alguém

para trás — disse McCoy. — Com essas criaturas lá fora...

— O sacrifício de um homem é mais racional do que o de seis.

— Não estou falando de racionalidade, Spock!

— Seria bom começar, doutor.

A comporta da nave abriu-se e Boma entrou. — Estamos prontos, sr. Spock.

— Para o quê, sr. Boma?

— O enterro de Latimer.

— Senhor Boma, estamos trabalhando contra o tempo.

— O homem está morto. Merece um enterro decente. Você é o capitão.

Algumas palavras...

Se Spock fosse capaz de demonstrar aborrecimento, *esse* seria o momento adequado. Mas não o fez, apenas olhou para McCoy. — Doutor, talvez o senhor saiba as palavras certas para a ocasião.

— Essa é sua obrigação.

— Minha obrigação é ficar aqui. Por favor, doutor.

A determinada frieza do vulcano irritou a todos. — Spock, todos nós podemos morrer nesse planeta! Pelo menos deixe-nos morrer como homens, não como máquinas!

— Tratando primeiro do essencial, espero aumentar nossas chances de sobreviver — Spock voltou a se concentrar no painel consertado por Scott. — Talvez se ligássemos o segundo tanque auxiliar à primeira válvula de admissão...

— Muito difícil, senhor. Pode não suportar a pressão — disse Scott.

McCoy fulminou Spock com o olhar, e saiu com os demais para proceder à cerimônia, que seria realizada a poucos metros da *Galileu*. O médico pegou um pouco de terra e jogou sobre a cova. — Da terra viestes e à terra voltarás. Amém.

— Amém — disseram todos, cabisbaixos. Eles ficaram um minuto em silêncio, cada um com seu próprio pensamento. Ao longe, aumentava o som ritmado.

— O que é isso? — assustou-se Mears.

McCoy olhou para o alto. — Não sei. Mas parece som humano.

— Humano! Não diria isso se tivesse visto o que eu vi! — gritou Gaetano. — São eles, aquelas coisas que estão lá fora, em algum lugar!

— Fiquem aqui. Vou chamar o sr. Spock — disse McCoy a Boma.

O médico e a ordenança voltaram para a nave auxiliar, onde ouviram Scott se lamentar: — A pressão está caindo, senhor. Estamos perdendo tudo!

— O que aconteceu? — perguntou Spock.

— Uma das linhas cedeu. A pressão da entrada na atmosfera, mais a

carga que tentamos transferir...

— Spock! — interrompeu McCoy.

O vulcano fez um gesto pedindo silêncio, concentrado em Scott. O engenheiro, no entanto, parecia vencido. — É isso aí. Estamos sem combustível.

— Isso resolve o problema de quem vai ser deixado para trás.

— Spock! — insistiu McCoy.

— Sim, doutor?

— Venha até aqui fora. Algo está acontecendo.

— Alguma alternativa, sr. Scott?

Scott estava impaciente. — Que alternativas? Não temos combustível!

— Senhor Scott, sempre existem alternativas.

Sempre calmo, Spock deixou a nave e acompanhou McCoy até onde estava Boma. O som ritmado prosseguia, mais alto. O vulcano concentrou sua audição, sob o olhar impaciente de McCoy. — E então, sr. Spock, o que seus ouvidos supersensíveis acham que é isso?

— Madeira... roçando em algum tipo de couro.

— Estão prontos para atacar — murmurou Gaetano.

— Não necessariamente — disse Boma. — Poderia ser um simples ritual tribal... presumindo-se que seja uma cultura tribal.

— Não uma cultura tribal — analisou Spock. — Seus artefatos são muito primitivos. Talvez uma mera associação mais livre.

— Não sabemos nem se são meros animais. Não sabemos se são capazes de raciocinar...

— Sabemos que são capazes de matar — lembrou Boma.

— Podem estar defendendo sua própria existência — conjecturou Spock.

— É o que deveríamos estar fazendo também!

— Todos nós achamos que... — iniciou Gaetano.

— Não estou interessado na opinião da maioria, sr. Gaetano! — Foi a primeira vez que Spock ergueu sua voz. Isso chocou a todos.

— Os elementos devem ser avaliados... nossos perigos analisados em relação a nossa obrigação quanto a outras formas de vidas, amigáveis ou não. Existe uma terceira opção.

— Sim, podemos todos ser mortos — disse Gaetano, não mais insolente.

— Acho que não. Doutor McCoy, o senhor e a ordenança Mears devem permanecer na nave. Ajudem o sr. Scott, no que for possível. Voltaremos em breve.

O vulcano voltou-se para Gaetano e Boma. — Sigam minhas ordens à risca. Só devem disparar quando ordenados... e no alvo que eu indicar.

— Assim é que se fala — disse Gaetano.

— Sim, estou falando, sr. Gaetano. E o senhor vai me ouvir. Vamos atirar para assustar. Não para matar.

— Se soubéssemos mais sobre eles... — murmurou Mears.

— Sabemos o suficiente — disse Boma. — Eles são tribais, têm sentido de união. Podemos usar isso.

— Como, sr. Boma?

— Atingindo-os em cheio, senhor. Dando uma bela lição para que pensem antes de atacar! O ataque é a melhor defesa!

— Concordo! — disse Gaetano. — Se ficarmos parados sem fazer nada, será um convite para que eles desçam e nos matem.

Spock parecia mergulhado numa profunda reflexão. — Muito me surpreende o baixo preço que os humanos dão a suas vidas.

— Somos muito práticos. Eu digo para atacarmos antes que eles o façam! — gritou Gaetano.

— Senhor Boma?

— É claro.

— Doutor McCoy?

— Parece lógico para mim.

— Também parece lógico para mim — murmurou Spock. — Mas tirar uma vida indiscriminadamente...

— Há pouco estava falando em deixar três pessoas para trás — disse Gaetano. — Por que está tão preocupado com esse tipo de animal?

— O senhor viu o que ele fez a Latimer — recordou Boma.

— Estou no comando aqui, sr. Gaetano. Sou eu quem dá as ordens e sou eu que assume as responsabilidades. Sigam-me.

O vulcano os liderou até uma das ladeiras da cratera. O som ritmado ficava cada vez mais alto à medida que escalavam a rocha escarpada. Gaetano, nervoso, ficou mais para trás. Spock indicou que parassem para um descanso. A subida era ainda mais difícil por causa da densa e confusa névoa. De repente, por entre as pedras acima deles, houve um movimento. Spock foi o primeiro a ouvi-lo. Alguma coisa ergueu-se por trás das rochas, uma coisa incrivelmente grande. Tinha o formato humano, mas Spock não podia determinar porque a criatura segurava um escudo de couro encobrindo o corpo. Foi quando uma imensa lança cruzou bem acima de sua cabeça. Spock, mirando seu feiser, disparou.

Ouviu-se um gemido, semi-humano, e um grito de dor e medo. A criatura caiu de encontro a uma rocha, largando o escudo.

Spock recuou para evitar o contra-ataque. Boma e Gaetano juntaram-se a ele. — Deve ter uns três metros de altura! — admirou-se Gaetano.

Spock pegou o escudo para observá-lo de perto, mas largou-o em

seguida. Ainda liderando o caminho, fez com que os outros seguissem em frente, em direção ao cume da cratera. O estranho som de algo sendo arrastado continuava ainda mais alto, dissonante, estridente, misturado aos grunhidos selvagens.

— A névoa... — queixou-se Gaetano. — Não vejo nada.

— Estão bem à nossa frente — disse Spock. — Vários deles, acredito.

Posicionem-se para disparar.

— Acho que devemos matá-los — disse Gaetano.

Spock voltou-se para olhá-lo. — Felizmente sou eu quem dá as ordens por aqui, sr. Gaetano. Mire, por favor.

Esperou um pouco. — Disparar!

Eles não viram em que acertaram, mas ouviram seus uivos. — Cessar fogo! — ordenou Spock. O ruído ao longe prosseguia. Spock assentiu, satisfeito. — Vão pensar duas vezes antes de nos atacar de novo.

— Ainda acho que deveríamos matá-los.

— Não é necessário, sr. Gaetano. O medo fará com que mantenham distância. Senhor Boma, volte para a nave. Senhor Gaetano, o senhor permanecerá aqui, de guarda, mantendo contato visual com a nave.

— Aqui? Sozinho?

— Devemos manter vigilância, sr. Gaetano.

— Pelo menos deixe-me ficar com ele — disse Boma.

— Tenho a intenção de colocá-lo numa outra posição, sr. Boma.

Os dois trocaram olhares, apavorados. Spock mostrou-se curioso. — Senhores, lamento ter de colocá-los numa posição perigosa. Infelizmente, não tenho escolha. Nesse momento de perigo, devo avisar à nave.

— Mesmo que um de nós tenha de morrer para isso?

— É uma possibilidade que existe, sr. Boma. Mas isso não resolve.

O vulcano começou o caminho de volta à nave. Depois de um longo momento, Boma despediu-se de Gaetano e seguiu o vulcano.



— Sr. Boma, seu posto é aqui, perto da nave — disse Spock.

— O senhor os viu, sr. Spock? — perguntou Mears, ao vê-lo chegar.

— Nós os encontramos. Não acredito que vão nos perturbar de novo.

— Espero que não — disse McCoy. — Spock, Scott teve uma idéia.

Era óbvio que sim, pensou Spock, afinal o rosto do engenheiro parecia iluminado com uma esperança. — É perigoso, sr. Spock, mas talvez funcione.

— Vá em frente, sr. Scott.

— Posso tentar ajustar o reator principal para funcionar como uma fonte

alternativa — Fez uma pausa, incapaz de resistir à tentação de dar um valor dramático a sua idéia. — Nossos feisers, senhor, eu poderia adaptá-los para usar sua energia. Levará tempo, mas é possível.

— O problema é que são nossa única defesa — murmurou Spock, que tomou uma decisão rápida. — Doutor, ordenança... seus feisers, por favor.

— E se as criaturas atacarem de novo? — perguntou a moça.

— Não atacarão por algumas horas... quando o fizerem, se tivermos sorte, já teremos ido embora.

Scott concordou. — Se conseguirmos carga total, talvez sejamos capazes de atingir a órbita com todos na nave. Talvez não possamos mantê-la por muito tempo.

— Não será necessário manter órbita por muito tempo. Em menos de vinte e quatro horas a *Enterprise* será forçada a abandonar a busca para prosseguir com a missão a Nova Paris. Se nossa órbita decair depois desse tempo, não fará diferença — Spock deu de ombros. — Seja em órbita, seja na superfície, vamos morrer de qualquer jeito. Seu feiser, doutor.

Relutantes, McCoy e a ordenança entregaram suas armas. Spock as passou para Scott.

Nesse mesmo instante, na *Enterprise*, o oficial de transportes informava a Kirk um teletransporte bem-sucedido. — Os engradados que enviei à superfície do planeta voltaram intactos, senhor. Na minha opinião, os transportes agora estão funcionais.

Era a primeira boa notícia ouvia desde o encontro com Murasaki 312. Kirk apertou o botão do intercom. —

Aqui é o capitão falando. Turmas de desembarque, 1, 2 e 3. Apresentem-se à sala de transporte para descer imediatamente à superfície do planeta. Condição 1-A.

— Capitão... é um planeta muito grande — disse o oficial de transporte. — Será muita sorte se um de nossos grupos de terra encontrar alguma coisa.

— Estou contando com a sorte, tenente. É nossa única arma.



Spock, por sua vez, não acreditava em sorte. Apesar de confiar que o medo afastaria as criaturas, pela terceira vez checkou com Boma: — Ouviu alguma coisa incomum, sr. Boma?

— Nada, senhor.

— O sr. Gaetano está em contato com você?

— Eu o vi lá em cima das rochas há poucos minutos.

Outra coisa também tinha visto Gaetano entre as rochas e atirou uma

pedra de forma certeira contra ele, fazendo com que o feiser em sua mão voasse longe. Aterrorizado, Gaetano tentou alcançar a arma, mas uma lança varou o ar, caindo próximo a ele. Gaetano escondeu-se numa fenda e acabou encurralado, pois a entrada do esconderijo foi bloqueada por uma monstruosa figura, peluda e sem expressão no rosto. O monstro moveu-se em direção ao humano, que gritou em desespero...

Foi Spock quem encontrou o feiser no chão. Enquanto se agachou para pegá-la, pode ouvir um aspirar, mistura de rosnado e grunhido, vindo de algum lugar em meio às rochas à sua frente. Depois fez-se silêncio. McCoy e Boma chegaram até ele, que mostrou a arma. — O feiser do sr. Gaetano.

— Olhe! — alertou Boma, apontando algo.

A pegada no chão tinha o formato humano, mas era assustadoramente enorme.

Boma e McCoy olharam-se, assustados. Spock entregou o feiser a McCoy. — Leve isso ao sr. Scott, por favor, doutor.

— É tudo o que significa para você? Um feiser que pode ser aproveitado? — explodiu Boma.

Spock parecia sinceramente intrigado: — Explique, sr. Boma.

Boma começou a gritar: — Gaetano está morto! Quem sabe o que aconteceu a ele! E você apenas pega o feiser dele e o entrega como se nada tivesse acontecido!

Spock ignorou a explosão emocional do astrofísico. Pegando o próprio feiser, também o entregou a McCoy e disse: — Por favor, leve esse também, caso eu não retorne.

— Aonde você vai?

— Tenho... uma certa curiosidade científica quanto ao que aconteceu ao sr. Gaetano. Os senhores voltem à nave, por favor.

Spock desapareceu em meio à neblina. Boma o observou, admirado. McCoy sacudiu a cabeça. — Ele vai arriscar o pescoço para tentar localizar Gaetano. E se o encontrar vivo, é capaz de ordenar a ele que fique para trás quando a nave partir. Vá entender...

— Acha que a nave pode partir?

— Não sem esses feisers. Vamos levá-los a Scott.

Atento, com uma agilidade quase felina, Spock escalou as rochas. Foi quando encontrou o corpo de Gaetano, inerte, jogado sobre um rochedo. Observando-o mais de perto, conscientizou-se do que havia acontecido ao oficial. Seu rosto geralmente impassível contorceu-se em repulsa. Depois de um momento, ergueu o corpo e o carregou nos ombros. O ruído de respiração podia novamente ser ouvido, dessa vez vindo de algumas pedras escondidas pela névoa. Spock olhou para trás, mas a neblina encobria

totalmente a visão. O vulcano prosseguiu o caminho e o barulho passou a acompanhar seus movimentos. Ciente disso, resolveu não correr, mas manter o passo, calmamente. A nave auxiliar estava bem à frente, com seus tripulantes, apavorados, observando-o se aproximar.

Spock conseguiu chegar junto à nave no momento em que uma lança passou rente e chocou-se contra o casco da *Galileu*. McCoy e Boma o ajudaram a entrar e a trazer o corpo consigo.

— Ele está...? — perguntou McCoy, olhando Gaetano.

— Senhor Boma, feche a comporta! — ordenou Spock. Boma cumpriu a ordem e, da janela, gritou: — Eu vi um deles lá fora!

Ordenança Mears, juntando-se a ele na janela, cobriu as faces, em horror. — É horrível! É um monstro!

Boma tentou consolá-la, sorrindo com desgosto. — Também não devemos ter boa aparência para eles.

Spock estava numa outra abertura, procurando por algo. Foi quando a nave vibrou com um impacto contra seu casco. Todos viram uma imensa pedra rolar e ir se chocar contra um dos lados da cratera.

— Muito bem, Spock — disse Boma. — Você tem sempre respostas para tudo. O que fazemos agora?

— O senhor parece hostil, sr. Boma.

— Meu tom não é a única coisa por aqui que é hostil!

— Estranho... — murmurou o vulcano, pensativo. — Passo a passo eu fiz tudo o que a lógica ditava.

— Um pouco menos de análise e um pouco mais de ação — gritou McCoy. — É disso que precisamos!

— Quanto tempo mais acha que as chapas do casco vão agüentar os impactos das pedras?

— As chapas são de titânio, sr. Boma. Eles vão agüentar. Pelo menos, por um tempo.

— Temos os feisers. Podemos usá-los!

— Senhor Boma, o sr. Scott precisa de toda a energia dos feisers. Se a usarmos contra as criaturas, a energia desperdiçada não nos permitirá ter o impulso necessário para garantir uma órbita segura.

A nave chacoalhou sob outro impacto de uma pedra maior, ainda mais pesada.

— Quanto tempo, sr. Scott? — perguntou Spock.

— Mais uma hora. Talvez duas.

— Não pode ser mais rápido? — angustiou-se McCoy.

Scott mostrou-se impaciente. — Doutor, um feiser não descarrega tão fácil assim!

O ataque à nave prosseguia cada vez mais violento. Boma observou tudo ao redor vibrar intensamente. — Por quanto tempo as placas vão suportar isso? Temos de fazer alguma coisa!

Todos os olhos estavam fitos em Spock, que os enfrentou, calmamente, como se neles não encontrasse qualquer acusação.



Kirk não possuía a capacidade estóica de Spock em conformar-se com as coisas. A tempestade iônica já estava se dispersando e a nave começava a recuperar lentamente sua força operacional, mas o capitão estava a ponto de ter um ataque de nervos. — Tenente Uhura, alguma novidade nos sensores do setor?

— Segundo o último informe, começamos a receber leituras, mas elas ainda estão totalmente confusas.

— Não estou interessado no último informe! Quero um mais recente!

— Sim, senhor.

Kirk socou a própria palma da mão. Quando a porta do turboelevador abriu-se, sequer precisou olhar para saber que era Ferris chegando para torturá-lo. — O senhor tem três horas, capitão.

— Eu sei contar, comissário!

— Fico alegre em saber isso. Mesmo assim, continuarei lembrando ao senhor.

— Faça isso.

— Senhor, os sensores estão reportando. Interferência estática ainda criando falsas imagens. Oitenta por cento de erro — avisou Uhura.

— Comunicações por rádio?

— Ainda incapaz de transmitir e receber, senhor.

— O que pretende fazer? — perguntou Ferris.

O autocontrole de Kirk finalmente cedeu. — Eu? Continuar procurando, pedaço por pedaço, centímetro por centímetro, à luz de vela, se for o caso, enquanto ainda tiver um segundo para fazer isso! E se tirar seu nariz de meus negócios, ficarei muito agradecido!

— Estou certo que sua atitude vai interessar muito às autoridades, capitão. Não sei se elas vão apreciar a forma com que o senhor se dirige a um alto comissário.

— *Aqui eu sou a autoridade!*

— Sim, é, capitão. Por enquanto. Faltam exatamente... — o comissário consultou seu relógio — ...duas horas e quarenta e dois minutos.



Spock também socou a própria palma da mão. O impacto das grandes rochas prosseguia sacudindo a nave auxiliar, mas o vulcano não podia se permitir a qualquer demonstração de tensão. Já bastava o pânico que havia tomado conta de Boma. Não havia o menor sinal de simpatia por parte dos tripulantes em relação a seu capitão. Jamais em toda sua vida de solidão o meio-vulcano, meio-humano Spock havia se sentido tão sozinho. Mas não deu isso a perceber quando disse: — Senhor Scott, quanta força nós temos em nossas baterias centrais?

— Elas estão em boa carga, senhor. Mas não vão fazer com que decolemos, se é isso que pretende.

— Elas estão boas o suficiente para eletrificar o casco externo da nave?

Um sorriso invadiu o rosto do engenheiro. — É isso aí, menino — Scott largou o que estava fazendo e foi pegar algumas chaves e cabos.

— Fiquem no centro da nave — ordenou Spock aos outros. — Não toquem nas placas, certifiquem-se que estão isolados.

Todos obedeceram, observando Scott acoplar o eletrodo numa das chaves de um dos painéis da nave. Estava preparando o segundo eletrodo quando um impacto ainda mais violento o fez perder o equilíbrio. Scott assentiu para Spock.

— A postos — disse o vulcano.

Com o segundo eletrodo acoplado, o circuito ficou completo. A eletricidade explodiu numa chuva de faíscas, seguida por um inconfundível som de dor, choque e fúria, proveniente das criaturas no exterior da nave. O ataque com as pedras cessou. Scott retirou os eletrodos. — Não devemos usar mais energia se quisermos ter força de ignição.

Observando o silêncio reinante, McCoy observou: — Funcionou.

— Pelo menos por enquanto — disse Spock.

— Por enquanto?

— Sim, senhor Boma. Eles voltarão quando perceberem que não estão muito feridos. Nesse meio tempo, vamos checar o compartimento traseiro e ver se existe algo que podemos eliminar para aliviar o peso da nave.

— É o corpo de Gaetano que está lá atrás.

— Teremos de deixá-lo para trás.

— Não sem um enterro!

— Não recomendaria isso, sr. Boma. As criaturas não estão muito longe. Um enterro exporia os membros desta tripulação a um perigo desnecessário.

— Eu vou arriscar.

Spock olhou para o humano. — Essa cerimônia significa tanto para você?

— Spock, eu insistiria num enterro decente mesmo que fosse para você!

— Senhor Boma! — censurou McCoy.

Boma o olhou, irritado. — Estou cheio dessa máquina vulcana!

Scott reagiu, revoltado: — Já chega disso, sr. Boma! O senhor Spock é o oficial comandante desta missão!

O oficial comandante falou suavemente: — O senhor terá seu enterro, sr. Boma... se nossos amigos permitirem.

McCoy, ainda ressentido pela agressão contra Spock, colocou-se a seu lado, numa demonstração de apoio.



A turma de terra 2 voltou de Taurus II com algumas baixas, um morto e dois feridos.

— Tenente Kolowitz, o que aconteceu?

Kirk ativou a tela de computador na estação de Spock. Através dela podia ver a imagem do líder da turma de desembarque. O homem tinha a aparência esgotada e seu uniforme estava rasgado.

— Fomos atacados, senhor. Por criaturas imensas, peludas. Eu chequei com a antropologia. Da ordem 480G, antropóides, similares às formas de vida descobertas no planeta Hansen, mas muito maiores. Quase três metros de altura...

— E as baixas?

— Alferes O'Neil foi atingido por uma lança antes mesmo de vermos o que era. O tripulante Imamura teve um ombro deslocado e vários ferimentos, mas ficará bom.

Os olhos cansados do oficial encheram-se de horror durante o momento em que recordou as cenas recentemente vividas com os monstros antropóides.— Capitão, estão por todas as partes. Se a *Galileu* desceu nesse planeta...

Kirk concordou. — Obrigado, tenente. Apresente-se à enfermaria.

— Sim, senhor.

A imagem desapareceu e Ferris mais uma vez adentrou à ponte. — Capitão Kirk, se o senhor checar seu cronômetro, vai perceber que são exatamente 28238. Seu tempo acabou.

— Comissário, meus homens ainda estão lá fora.

— E as vítimas da praga em Nova Paris estão esperando! Estou assumindo agora o comando desta nave sob a autoridade a mim conferida pelo item quinze dos Procedimentos Galácticos de Emergência. Ordeno que deixe o comando, capitão.

— A nave auxiliar *Colombo* não voltou ainda. Ainda tenho duas equipes de busca no planeta.

— Tem suas ordens, capitão. Recolha suas equipes e estabeleça curso para Makus III imediatamente.

Fim de jogo.

A voz de Kirk estava sem inflexão ao dirigir-se a Uhura.— Tenente, ordene à sala de transporte que traga de volta as duas equipes em terra. Tente contactar a *Colombo*.

— Estou em contato agora, senhor.

— Mande-os voltar para a *Enterprise* — Kirk deixou a estação de ciências e voltou para sua cadeira. — Senhor Sulu, preparar para abandonar a busca. Estabeleça curso para Makus III.

Ferris deixou a ponte, satisfeito, e Kirk recostou-se na cadeira. Não existia mais nada a fazer. Spock, McCoy, Scott, os tripulantes, todos mortos naquele planeta selvagem. Teria sido uma morte misericordiosa? Muito dificilmente. Uhura avisou duas vezes que os sensores voltaram a funcionar.

Não havia tempo para sofrer. Ponto final.

— Nada dos outros sistemas, Uhura? — perguntou.

— Não, senhor. Ainda existe muita interferência.

— Curso implementado para Makus III, capitão.

— Obrigado, sr. Sulu. Todos a postos. Uhura, quanto tempo para o *Colombo* voltar a bordo?

— Vinte e três minutos, senhor.

— Vinte e três minutos — murmurou Kirk, esfregando o queixo, pensativo.



Ordenança Mears, com aparência esgotada, tentava mais uma vez contato com a *Enterprise*. — Nada, senhor — disse ela a Spock, fechando seu comunicador. — Apenas interferência iônica.

— E quanto ao peso? — perguntou o vulcano a Scott.

O engenheiro acabara de drenar a energia do último feiser. — Com um pouco de sorte, seremos capazes de entrar em órbita.

— E por quanto tempo?

— Umass poucas horas. Se pouparmos combustível, talvez tenhamos como fazer a reentrada.

— E aterrissar de novo aqui? Não parece uma possibilidade nada atraente.

— Temos poucas alternativas — disse, recolhendo os feisers, no momento em que Boma e McCoy voltavam do compartimento traseiro trazendo o corpo de Gaetano.

— Como estão as coisas lá fora?

Spock olhou pela janela. — Quando podemos decolar, sr. Scott?

— Talvez em oito minutos, se o peso estiver certo.

Spock voltou a olhar pela janela. — Doutor, sr. Boma, a nave partirá em exatamente dez minutos. Vocês têm esse tempo para enterrar o sr. Gaetano. No momento, tudo parece em paz lá fora — Ele abriu a comporta e saiu para perscrutar a cratera. Voltando-se para o interior da nave, disse: — Eu os ajudarei. Apressem-se.

A ordenança Mears foi para junto de Scott, que, no painel de comando, aquecia seu equipamento. — Podemos mesmo decolar?

— Ah, decolar podemos, menina. Mas se ficaremos em órbita? Essa é a grande pergunta.

— Mas se chegarmos à órbita, então a *Enterprise*...

— Nesse momento... a *Enterprise* deve estar a caminho de Makus III.

— Então... estamos sozinhos?

— Sozinhos, não — ele gesticulou para além da cratera — temos esses amigos peludos aí fora para nos fazer companhia.



Foi a confirmação da existência das criaturas gigantes que fez Kirk tomar sua decisão. Ele parou de esfregar o queixo. — Senhor Sulu, implemente o curso como ordenado para Makus II. Velocidade normal.

— Mas todos os sistemas estão livres para fator de dobra, senhor. Velocidade normal? — estranhou o piloto.

— O senhor me ouviu, sr. Sulu. Tenente Uhura, coloque todos os sensores direcionados, em força total e em operação contínua até segunda ordem.

Ferris, o burocrata, afinal de contas não havia especificado qual o fator de velocidade... e ele pretendia se aproveitar disso.



Eles abriram uma segunda cova no solo esponjoso. Quando estavam cobrindo o buraco, ouviram novamente o som das criaturas se aproximando. Das névoas envolvendo as rochas acima deles veio um uivo lancinante — o som triunfal de seres batendo no peito, num gesto de vitória.

— Vamos voltar para a nave! — gritou Spock. — Decolagem imediata!

Uma lança atingiu a cova. Outra raspou o ombro de Boma. O ar foi tomado pelas armas primitivas. À caminho da nave, Spock viu um machado de estranho formato cair no chão. Resolveu recolhê-lo quando uma rocha redonda, rolando ladeira abaixo, o atingiu e o prendeu contra um rochedo. O vulcano lutou para livrar dela, mas a perna continuava presa sob o peso da

rocha. Olhando em direção à nave, gritou: — Levantem vôo! Levantem vôo!

Boma e McCoy já estavam prestes a entrar na nave quando deram por falta de Spock e voltaram para procurá-lo. O vulcano gesticulava, furioso. — Não! Voltem! Decolem!

Os dois homens desobedeceram. McCoy agarrou Spock pelos ombros e sentiu uma lança passar rente a sua cabeça. Boma libertou a perna do vulcano. Carregando ou puxando Spock, os três oficiais conseguiram voltar à nave. A comporta foi fechada justo no momento em que uma das criatura gigantes chegou e começou, com seu corpo imenso, a sacudir a *Galileu*.

Spock, puxando da perna ferida, censurou seus companheiros. — Vocês deviam ter decolado!

McCoy, já cuidando do ferimento, disse: — Não seja idiota, Spock. Não poderíamos deixá-lo lá fora!

Uma nova chuva de pedras atingiu a nave. Spock afastou McCoy. — Podemos decolar, sr. Scott?

— Devíamos estar decolando... mas não estamos nos movendo!

A ordenança Mears gritou. Numa das janelas da nave era possível ver uma face imensa, bestial, com grandes olhos avermelhados. McCoy acionou a tela metálica para fechar a abertura. Spock arrastou-se para a cadeira de piloto. — Estão nos mantendo presos ao chão. Todos os sistemas estão acionados, mas não nos movemos — Sua mão procurou um determinado botão.

Assustado, Scott gritou: — O que está fazendo?!

— Os foguetes auxiliares — explicou Spock.

— Sem eles, não manteremos órbita!

Spock acionou o comando. A nave tremeu e os indicadores dos instrumentos agitaram-se. Houve uma última sacudida de desafio e gritos de raiva incontida dos animais. Livre, a *Galileu* levantou vôo da cratera.

Mears começou a chorar de alívio. — Nós saímos... desse lugar horrível...

— Devo lembrá-los que temos ainda de atingir a órbita. Mas não vamos mantê-la por muito tempo. Em uma hora poderemos estar de volta a esse lugar.

Mas a advertência de Spock não destruiu a esperança sentida por todos ao verem o espaço tomado de estrelas. McCoy, pensativo, foi sentar-se junto de Spock. — Spock, o que o fez ficar para trás, na hora em que fomos atacados?

— Um artefato muito curioso... um machado, doutor, muito parecido com os utilizados pelo Povo dos Lagos de Athos IV.

— Mesmo que o tivesse pego, você não poderia trazê-lo consigo.

Provavelmente era pesado e nos faria ultrapassar nosso limite de peso.

Spock mostrou-se surpreso. — Sabe, doutor? Até esse momento, não tinha pensado nisso.

— Um sinal encorajador de humanidade de sua parte, Spock — resmungou o médico.— Foi a coisa mais idiota que já fez. Quase o matou. Se não tivéssemos ido atrás de você...

—Vindo atrás de mim, vocês causaram um atraso considerável na decolagem. Quase destruíram a chance mínima de sobrevivência que tinham. A coisa lógica a fazer era me deixar para trás.

McCoy suspirou. — Bom, agora é você de novo. Lembre-me de dizer-lhe o quanto estou enjoado de sua lógica.

— Lembrarei, doutor — Spock checkou os controles. — Atingiremos a órbita em um minuto, sr. Scott. Condição do combustível?

— Suficiente para uma órbita completa.

— E depois disso? — perguntou McCoy.

Scott sacudiu a cabeça. — Aqueles foguetes auxiliares eram nossa última chance de fazer uma aterrissagem macia.

— Quer dizer que... vamos queimar na reentrada? — perguntou Boma.

— Normalmente é o que acontece quando um objeto decai em órbita — explicou Spock, com naturalidade.

McCoy levantou-se e foi até Spock. — Não podemos fazer nada?

— Certamente a *Enterprise* já está em curso para Makus III. Não creio em anjos, doutor. Eles não estão por aí, prontos a nos acolher em suas asas.

— Bem, Spock... assim acaba seu primeiro comando.

— Sim. Meu primeiro comando.

— Entramos em órbita, sr. Spock — informou Scott — Com o combustível que temos, ficaremos em órbita uns quarenta minutos.

Spock, no entanto, parecia não ter interesse na informação. Concordando silenciosamente, permaneceu pensativo, olhando seu painel. De forma discreta, observou seus companheiros. Todos estavam em seus lugares... McCoy, a ordenança, Boma e Scott, sempre atento. E todos eles, cada um a seu jeito, estavam, obviamente, pensando no momento final. Spock sabia que a atenção de todos também estava concentrada nele. Esse pensamento deveria fazê-lo suar, se fosse ele uma criatura com glândulas sudoríparas. Mas era um vulcano, por treinamento e por herança, um ser imune à emoção. E agora, em sua agonia meio-humana, mais uma vez procurava refúgio em sua máscara de impassividade. Esse era seu primeiro e último comando. Sua mão alcançou um botão.

— Spock! — gritou Scott.

O vulcano acionou o botão. A nave vibrou e deixou atrás de si uma trilha

de chamas.

— O que aconteceu?

— gritou a moça.

— Ele ejetou todo o combustível... a nave entrou em ignição! — explicou Scott.

Boma já estava junto a ele. — Enlouqueceu, Spock?

— Talvez, senhor Boma.

McCoy molhou os lábios ressecados, preparando-se para a resposta a sua pergunta: — Quanto tempo temos, Scotty?

— Seis minutos.



A agitação de Sulu tirou Kirk de sua distração. — Sim, sr. Sulu?

— Na tela, capitão! Há algo lá! Em Taurus II!

A pressão era demais para todos. Sulu estava tendo alucinações, pensou Kirk. Mas olhou a tela. — Sensores, sr. Sulu? O que é? Um meteorito?

— Não, senhor. Está em curso orbital! Lá está de novo! Na tela... Capitão, está mantendo o curso!

Um risco em chamas movendo-se contra a escuridão do espaço.

Kirk deu um pulo da cadeira. — Volta de cento e oitenta graus, sr. Sulu! Contacte sala de transportes. Todos a postos! Velocidade total!

Na tela, a chama brilhou mais uma vez... e desapareceu.

Na *Galileu*, Spock estava estático em seu lugar, sabendo que os olhos incrédulos de seus companheiros continuavam fixos nele... nele e em suas diabólicas orelhas pontiagudas. Ele os destruía. O vulcano mal sentiu a mão humana, que, de repente, estava pousada em seu ombro.

— Ah, garoto — disse Scott. — Foi uma grande jogada. Talvez tenha seus méritos.

— Não entendo... — disse alguém.

Scott voltou-se para os companheiros. — Ele transformou toda a nave num imenso foguete sinaleiro.

— Provavelmente não existe ninguém lá fora para ver — disse Spock, resignado.

Scott manteve a mão no ombro do vulcano. — A órbita está caindo. Trinta e seis segundos para a atmosfera.

— Talvez tenha sido a última ação de sua vida... — disse McCoy. — Mas foi totalmente humana.

— Totalmente ilógica, doutor. Sem a menor chance.

— É exatamente isso que eu quero dizer.

Uma nuvem de fumaça despreendeu-se do painel de controle. Spock

acionou a tela metálica para fechar o visor central. A nave auxiliar estava em chamas, com sua estrutura externa já em brasa. Os cinco tripulantes da *Galileu* tentavam controlar a tosse provocada pelo ar tomado de fumaça quente.



Kirk, com os dedos cruzados no velho estilo terrestre de torcer pela sorte, ordenou: — Ativar raios de transporte!

A espera era tensa. Kirk podia sentir o suor sair de cada poro de seu corpo.

— O que quer que fosse, capitão, queimou na atmosfera — avisou Sulu.

— Sim, eu vi, sr. Sulu. Atrás dele, a tenente

Uhura também deu um pulo da cadeira e alertou.

— Capitão! Sala de transporte informa que trouxe cinco pessoas a bordo! Vivos e bem!

— Vivos, tenente?

O feixe de teleporte os captara bem a tempo. Num momento, estavam em meio ao inferno da *Galileu*, no momento seguinte estavam de volta, a salvos e em casa. Suspirando aliviado, Kirk escondeu o rosto nas mãos. Mas logo ergueu a cabeça.

— Senhor Sulu. Prossiga para Makus III. Fator de dobra um.

— Sim, senhor! Fator de dobra um.



McCoy sussurrou algo para Kirk. Em seguida, os dois aproximaram-se da estação de ciências, onde Spock estava sentado, atento aos instrumentos.

— Senhor Spock?

— Sim, capitão.

— Quando o senhor ejetou o combustível, sabia que virtualmente não havia chance de ninguém ver a nave. Mas, mesmo assim, o senhor o fez. Estou correto em definir isso como um ato de desespero?

— Sim, capitão.

— Mas todos nós concordamos que desespero é uma estado de espírito altamente emocional. Como sua tão conhecida lógica explica isso?

— Muito simples, senhor. Examinei o problema sob todos os ângulos e vi que era desesperador. A lógica me informou que a única ação possível teria de ser de desespero. Uma decisão lógica, tomada logicamente.

— Ah, quer dizer que você concluiu que era hora de uma ataque emocional?

— Eu não usaria esses termos, senhor, mas esses são essencialmente os

fatos.

— Não vai admitir que, pela primeira vez em sua vida, cometeu um ato puramente humano e emocional?

— Não, senhor.

— Senhor Spock, é um homem muito teimoso.

— Sim, senhor.

Kirk levantou-se e circulou lentamente seu primeiro oficial, pensando a respeito. Sorrindo, sacudiu a cabeça, e acabou aceitando a lógica da situação. Spock controlou um sorriso. Mas ergueu uma de suas sobrancelhas pontudas, o que era um sinal de puro divertimento.

Sobre o episódio

Esse episódio foi fundamental para a construção do perfil psicológico do sr. Spock. Através dele, toda a lógica que rege o comportamento do personagem e toda sua necessidade de corresponder ao que sua herança ideológica cobra dele, em detrimento de sua origem também humana, são explicadas quase que didaticamente para sanar as dúvidas sobre o que até então havia sido apenas insinuado nos episódios anteriores.

O personagem de McCoy também ganha relevo em seu emocionalismo extremado, em sua total oposição ao comportamento racional de Spock, mas sua também prontidão em tomar sua defesa quando o vulcano é desacatado por um companheiro.

Kirk, por sua vez, trava sua primeira batalha com um alto comissário inconveniente, o primeiro de uma série de exemplos da mentalidade burocrática da Federação.

A ordenança Mears, por sua vez, foi outro personagem criado de última hora para ocupar o lugar originalmente destinado a Janice Rand.

O ponto de partida para este episódio, segundo seus atores, foi um antigo filme de aventuras, de 1939, **Five Came Back**, a história de uma acidente de avião, cujos tripulantes lutam para sobreviver. Outro destaque desse episódio é a nave auxiliar *Galileu*, em sua primeira aparição no seriado. Para essa ocasião, foram construídos dois *Galileus*: uma miniatura e um modelo em escala normal, sob supervisão de Gene Winfield, o *designer* dos veículos vistos muito posteriormente no filme **Blade runner- O Caçador de Andróides**.

O ator convidado do episódio Don Marshall, que interpreta o tenente Boma, mais tarde tornou-se um dos atores regulares em **Terra de Gigantes**.



Corte Marcial



Título da adaptação: **Court Martial**

Título do episódio: **Court-martial**

Título em português: **Corte Marcial** (nas duas versões)

Data da primeira exibição: **02702/67**

Data estelar: **2947.3**

História de **Don M. Mankiewicz** e
Stephen W. Carabatsos

Direção de **Marc Daniels**

Atores convidados:

Samuel T. Cogley: **Elisha Cook Jr.**

Tenente comandante Benjamin Finney: **Richard Webb**

Comodoro Stone: **Percy Rodriguez**

Tenente Arrel Shaw: **Joan Marshall**

Corte Marcial



A *Enterprise* conseguira superar a tempestade iônica, mas um homem morrera e os danos na nave eram consideráveis. Kirk precisou ordenar uma parada não-programada na Base Estelar 11, um enorme complexo orbital que servia tanto de estaleiro de reparos para as naves da Frota Estelar, como de posto avançado do Comando Central.

O capitão da *Enterprise* apresentou um relatório completo ao administrador da Base, o capitão Stone, um negro de personalidade forte, que também já estivera no comando de uma nave estelar. Kirk chegou a conhecê-lo naquela época, embora não tivessem ficado íntimos. O relatório entregue incluía o atestado da morte do oficial de registros Benjamin Finney e Kirk só o passou a Stone depois de pensar um pouco. O administrador notou sua hesitação, mas esperou pacientemente. Por fim, disse: — Já é a terceira vez que verifica esse documento, capitão. Algum problema?

— Não, mas a morte de um tripulante... Quando é preciso assinar esses relatórios, a gente revive o momento — Assinou o papel e o entregou a Stone.

— Entendo. Mas não se pode lutar contra os regulamentos. Agora, vejamos: os trechos do diário de bordo de sua nave confirmando este atestado?

— O teipe está na outra pasta.

— Muito bem... é mesmo uma pena. O serviço não pode perder homens como o oficial Finney. Se ele tivesse saído da cápsula de registro a tempo...

— Esperei até o último instante possível. A tempestade piorou. Estávamos em alerta vermelho. Tive de ejetar a cápsula.

A porta do gabinete subitamente abriu-se. Uma menina ficou parada na entrada; era muito jovem e muito bonita, mas estava visivelmente muito nervosa. Olhou revoltada para Kirk, que a reconheceu na hora.

— Aí está você! — gritou. — Eu só queria olhar para você!

— Jame!

— Sim! E você é o homem que matou meu pai!

— Você acha mesmo isso?

— Sim, e acho que o assassinou deliberadamente!

— Jame, Jame, pare e pense um pouco no que está dizendo — Kirk adiantou-se em direção a ela. — Éramos amigos, você sabe disso. Jamais faria mal a seu pai, como não faria a você.

— Amigos! Isso é mentira! Você nunca foi amigo dele! Você o odiava, o odiou por toda sua vida! E agora finalmente o matou!

Stone, que até então estivera, discretamente, fingindo estudar o documento, levantou-se e colocou-se entre os dois. Jame lutava com as lágrimas teimosas, que insistiam em cair. Kirk a observava, estarecido.

— Capitão Kirk — disse Stone, numa voz fria. — O senhor diz que ejetou a cápsula de registros depois do alerta vermelho?

— Já entreguei meu atestado juramentado.

— Então, capitão, é meu dever presumir que o senhor cometeu perjúrio intencional. De acordo com os extratos de seu diário computadorizado, o senhor ejetou a cápsula *antes* do alerta vermelho. Considere-se afastado do comando. Uma comissão de inquérito vai determinar se uma Corte Marcial será necessária.



Na realidade, não existia uma comissão de verdade. O inquérito tratava-se apenas do administrador Stone e um gravador de registros, que também estava com o teipe de bordo para as devidas avaliações.

— Por onde devo começar? — perguntou Kirk.

Stone entregou uma caneca de café a Kirk. — Fale-me sobre o oficial Finney.

— Nós nos conhecíamos há muito tempo. Ele era instrutor na Academia quando eu era cadete. Mas isso não impediu que nos tornássemos amigos íntimos. A filha dele, Jame, aquela menina que entrou ontem, no seu gabinete, recebeu esse nome por minha causa.

— Essa amizade... esfriou com o passar do tempo, não foi? Não, por favor, fale, capitão, o gravador não pode ver que está concordando.

— Sim, esfriou. Uma vez eu o substituí numa troca de turno, a bordo da *USS Republic*, e descobri que o circuito de ventilação da câmara de fusão estava aberto. Se tivéssemos ativado a força de fusão, a nave poderia ter explodido. De qualquer forma, contaminou o ar da sala das máquinas. Corrigi o erro e registrei o ocorrido. Ele recebeu uma reprimenda e foi colocado no final da lista de promoções.

— E o culpou por isso?

— Sim. Antes disso, já fora mantido na Academia como instrutor por um tempo além do normal. Como resultado, perdeu a chance de conseguir uma nave estelar. Esse atraso manchou a ficha dele. Depois, acabou achando que a minha atitude piorou as coisas para ele. Mas eu não podia ignorar, nem deixar de reportar um erro daquela magnitude.

— Adendo do oficial da comissão: o registro de serviço do oficial

Finney foi acrescentado à transcrição do inquérito. Agora, capitão, vamos às especificações da tempestade.

— Os sensores indicavam uma tempestade iônica bem à nossa frente. Enviei Finney à cápsula. Para o bem dos eventuais passageiros civis a bordo, a cápsula fica do lado de fora da nave, acoplada ao casco. Uma de nossas missões é registrar leituras de radiação em condições anormais, inclusive tempestades iônicas. E isso só pode ser feito através da exposição direta dos instrumentos necessários, que ficam nessa cápsula. Contudo, numa tempestade daquela magnitude, a cápsula deve recolher rapidamente as informações, antes que a demora represente perigo para a nave. Feitos os registros, a cápsula é então recolhida.

— Por que Finney foi o escolhido? Se ele o culpava...

— Podia me culpar por nunca ter sido promovido ao posto de comando. Mas não designo meus homens baseado em quem me acusa de algo e sim pelo nome que está no topo da folha de serviço. Era a vez de Finney. Ele havia acabado de checar comigo as ordens quando atingimos o ápice da tormenta. Nada de excepcional, em princípio. Então passamos a encontrar uma variação de campo, força dois. Foi quando determinei alerta vermelho. Finney sabia que era uma questão de segundos. Eu dei a ele esses segundos, e mais... o que não foi suficiente. Não posso explicar por que não saiu. Tinha o treinamento, tinha os reflexos e tinha um monte de tempo para fazê-lo.

— Então por que, capitão, o diário computadorizado de sua nave, feito simultaneamente na ocasião, indica que não havia alerta vermelha quando o senhor ejetou a cápsula?

— Eu não sei.

— O computador poderia estar errado?

— O sr. Spock, meu primeiro oficial, está efetuando um exame nesse exato momento, mas as chances são quase impossíveis.

Stone lançou para Kirk um longo e penetrante olhar e desligou o gravador. — Eu não deveria fazer isso. Mas... olhe, Kirk. Nenhum homem em um milhão pode fazer o que eu e você fazemos: servir como capitão de uma nave estelar. Uma centena de decisões por dia, centenas de vidas dependendo do acerto de cada decisão. Você está em missão há dezenove meses. Sem licença, sem descanso todo esse tempo. Está exausto... esgotado.

Kirk percebeu o rumo que a conversa ia tomar e não gostou. — É dessa forma que vê as coisas?

— É dessa forma que vai constar em meu relatório. Se cooperar.

— Esgotamento físico... e até mesmo um colapso mental.

— Bem... sim.

— Eu estaria admitindo que um homem morreu porque...

— Admitindo nada — interrompeu Stone. — Deixe-me abafar o caso, aqui e agora. Nenhum capitão estelar jamais foi a julgamento antes. Não quero que seja o primeiro.

— E se eu for culpado? Não deveria ser punido?

— Droga, estou pensando no serviço! Não quero vê-lo manchado por...

— Pelo quê, administrador?

— Está certo! — explodiu Stone. — Por um perjúrio evidente, que visa encobrir mau julgamento, covardia ou alguma coisa pior!

— Pare por aí, senhor! — disse Kirk, colocando-se imediatamente de pé. — Ou vou esquecer que o senhor é um capitão. Estou lhe dizendo, eu estava na ponte. Eu sei o que aconteceu. Eu sei o que eu fiz.

— Está na transcrição — retrucou Stone, também descontrolado. — E transcrições de computador não mentem! Você é que sabe, capitão. Ou encerra o caso aceitando um cargo em terra ou se submete a uma Corte Marcial e o peso disciplinar da Frota Estelar vai cair sobre sua cabeça.

— Já decidi isso. Pode continuar gravando meu depoimento.



A sala do tribunal tinha um aspecto severo. Havia nela uma tela visual, um gravador de registros, uma cadeira da testemunha, uma mesa para a promotoria e defesa, e uma bancada, onde estavam Stone e os três membros da comissão de Corte Marcial. O promotor era uma loura tranqüila e muito charmosa, de nome Areel Shaw, que, por coincidência, era uma velha amiga de Kirk. ("Todos os meus velhos amigos parecem com médicos", comentara McCoy. "E todos os amigos de Jim parecem como ela"). Foi por conselho dela que Kirk requisitou os serviços de Samuel T. Cogley, um homem idoso, de aparência arguta e excêntrica, que proclamava não confiar em computadores e sim em livros. Cogley não inspirava muita confiança, pensou Kirk, mas estava convencido de que Areel sabia o que estava fazendo.

Stone convocou a Corte tocando um pequeno e antigo sino de navio. — Eu declaro que a Corte Geral da Base Estelar 11 está em sessão. Capitão James T. Kirk em julgamento. Acusação: negligência culposa. Especificação: na data estelar 2947.3, essa negligência custou a vida do oficial de registros Benjamin Finney. Acusação: conduta prejudicial ao bom funcionamento do serviço. Especificação: falha na precisão em reportar o incidente acima citado no diário de bordo. Como se declara?

— Inocente — disse Kirk, calmamente.

— Designei para membros desta Corte o representante do Comando Espacial, Chandra, e os capitães do Comando Estelar, Li Chow e

Krasnowsky. Chamo sua atenção para o fato que você tem o direito de pedir substituição para os oficiais se achar que alguns dos nomeados possui uma atitude parcial sobre seu caso.

— Não tenho objeções, senhor.

— E consente no serviço da tenente Shaw como oficial da promotoria a meu serviço como presidente da Corte?

— Sim, senhor.

— Tenente Shaw, pode iniciar.

Areel Shaw levantou-se. — Eu chamo o comandante Spock.

Spock sentou-se no banco das testemunhas e passou para o oficial de registro o teipe de sua identificação. O gravador prontamente passou à leitura: *"Spock, número de série S-179-276-SP. Patente de serviço: comandante. Posto atual: primeiro oficial e oficial de ciência. Posição atual: U.S.S. Enterprise. Comendas: Legião de Honra Científica de Vulcano. Prêmios de valor: duas vezes condecorado pelo Comando Estelar.*

— Senhor Spock — começou Areel Shaw. — Como oficial de ciências, o senhor tem um bom conhecimento sobre computadores, não tem?

— Sei tudo sobre eles — disse Spock, com naturalidade.

— O senhor tem conhecimento, então, de um possível mau funcionamento que cause a transcrição inexata de um evento?

— Não.

— Ou algum mau funcionamento que tenha causado uma transcrição inexata nesse evento específico?

— Não. No entanto, a transcrição foi inexata.

— Explique, por favor.

— A transcrição informa que o botão de ejeção foi pressionado antes do alerta vermelho, ou, em outra palavras, que o capitão Kirk estava respondendo a uma emergência que não existia. Isso não é apenas ilógico, mas impossível.

— O senhor o estava observando no exato momento em que apertou o botão?

— Não. Eu estava ocupado. Estávamos em alerta amarelo.

— Então contesta o registro do diário?

— Não contesto nada. Eu meramente afirmo que está errado. Conheço o capitão. Seria...

— Capitão Stone — interrompeu Areel. — Por favor, instrua a testemunha a não especular.

— Senhor — Spock dirigia-se a Stone. — Sou meio-vulcano. Vulcanos não especulam. Eu parto da lógica pura. Se eu deixar um martelo cair num planeta de gravidade positiva, não preciso vê-lo cair para, na verdade, saber

que caiu. Os seres humanos têm características que determinam seu comportamento, assim como objetos inanimados. Digo que é ilógico para o capitão Kirk reagir a uma emergência que não existiu e que é impossível para ele agir com pânico ou com má fé. Não é sua natureza.

— Em sua opinião.

— Sim — disse Spock, evidentemente relutante. — Em minha opinião.

A oficial de pessoal da *Enterprise* foi a próxima testemunha chamada. — Em relação ao oficial de registro Finney, — disse Areel — existia, em sua ficha de serviço, um registro de ação disciplinar por falha em fechar um circuito?

— Sim, madame.

— Essa acusação foi baseada em um registro feito pelo oficial que o substituiu. Quem era esse oficial?

— O alferes James T. Kirk.

— Fale mais alto, por favor. Trata-se do agora capitão Kirk, que está presente nessa Corte?

— Sim, madame.

— Obrigada. Sua testemunha, sr. Cogley.

— Sem perguntas — disse Cogley.

Areel chamou, em seguida, Leonard McCoy, e o interrogou com extrema eficiência. — Doutor, o senhor é, de acordo com os registros, um especialista em psicologia, especialmente psicologia no espaço, em relação a padrões de desenvolvimento mental em condição de confinamento em uma nave estelar durante longas viagens no espaço profundo.

— É, eu sei algumas coisas.

— Seu registro acadêmico e sua experiência, doutor, desmentem sua modéstia. É possível que o oficial Finney tenha culpado o acusado pelo incidente que seu oficial de pessoal acabou de relatar, e, culpando-o, tenha passado a odiá-lo por ter perdido a chance de uma promoção? Por nunca ter recebido um comando próprio e, mais do que isso, por ter de servir sob as ordens da pessoa a quem culpava?

— Claro, é possível.

— Então, não é também possível que, ao sentir-se odiado, o capitão Kirk também desenvolvesse um mesmo sentimento de ódio em resposta à atitude da pessoa que o acusava?

— O que está dizendo é possível. Para a mente humana tudo é possível. O fato, contudo, é que jamais observei tal atitude no capitão Kirk.

— E quanto a uma atitude gerada em seu subconsciente?

— Protesto! — reagiu Cogley. — A promotora está induzindo a testemunha a fazer especulações subjetivas e sem provas.

— Ao contrário, excelência. Estou pedindo a um renomado especialista em psicologia uma opinião profissional.

— Protesto negado. Prossiga —determinou Stone.

— O capitão Kirk, então, não poderia ter criado um ressentimento em relação a Finney, sem que tivesse consciência disso? E isso não poderia prejudicar o julgamento do acusado em relação à vítima? Isso é *teoricamente* possível, doutor?

— Sim, é possível — disse McCoy, vencido. — Mas altamente improvável.

— Obrigada. Sua testemunha, sr. Cogley.

— Sem perguntas.

— Então convoco James T. Kirk.

Quando o teipe de identificação foi colocado no gravador de registros, a máquina relatou - "*Kirk, James T, número de série SC-937-0176-CEC. Patente de serviço: capitão. Posto atual: comando de nave estelar. Posição atual: USS Enterprise. Comendas: Palma de Ouro da Missão de Paz de Axanar. Ordem Grankite de Táticas, classe de excelência. Fita de Comenda Pentares, primeira e segunda classes...*

— Peço vênia à Corte — interrompeu Areel. O oficial de registro desligou o gravador. — A promotoria reconhece os excelentes serviços prestados pelo capitão Kirk e pede consentimento para que sua ficha seja dada por lida.

— Senhor Cogley, o senhor consente?

Cogley sorriu, irônico, estirou-se um pouco na cadeira, mas acabou levantando-se num ímpeto. — Senhores, eu não desejo interromper a marcha incessante do progresso. Por outro lado, não desejo ver esse progresso esmagar meu cliente em sua pressa descabida. Meu argumento, senhor, é que estamos examinando um *homem*, por isso talvez uma pequena olhada em sua ficha não seja perda de tempo. A conveniência da Corte é importante, mas os direitos do acusado são fundamentais.

— Prossiga — disse Stone ao oficial de registros.

"*Prêmios de valor: Medalha de Honra, Palma de Prata com Laurel. Três vezes ferido em combate. Citação Galáctica por Bravura sem Par, Ordem Karagite de Heroísmo...*

A lista ainda durou um certo tempo, durante o qual Areel Shaw manteve os olhos baixos. Kirk não sabia dizer se era frustração por ter sido contrariada ou apenas constrangimento pela transparência de seu truque sem efeito. O certo é que ela não queria que a Corte percebesse isso também.

— Bem, capitão. Apesar da gravação, o senhor continua garantindo que existia um alerta vermelho antes de ejetar a cápsula?

— Sim, madame. Existia.

— E o senhor não pode explicar por que o computador mostra o contrário.

— Não, não posso.

— Então, o senhor faria tudo de novo sob as mesmas circunstâncias?

— Protesto! — disse Cogley. — A promotoria agora quer que a testemunha convença-se de que fez algo que, enfatizamos, afirma não ter feito!

— Tudo bem, Sam — disse Kirk. — Eu quero responder. Tenente Shaw, eu fui treinado para o comando. O treinamento não desenvolve a habilidade verbal de um homem. Mas desenvolve seu senso de obrigação e a confiança em si mesmo para o desempenho dessa obrigação.

— Peço vênia à Corte — disse Areel. — A testemunha não está sendo objetiva.

— Ele está explicando a pergunta — observou Stone. — E tem o direito de explicar suas respostas. Prossiga, capitão Kirk.

— Obrigado, senhor. Estávamos em meio ao pior tipo de tempestade iônica. E eu estava no comando. Tomei uma decisão, uma decisão de comando. E porque foi necessário tomar essa decisão, um homem morreu. As vidas de minha tripulação e de minha nave estavam em perigo e o fato de não tomar aquela decisão imediata, esperar, ficar indeciso enquanto o tempo corria, seria a mesma coisa que cometer um crime. Mas não agi com pânico, nem com má fé. O que eu fiz é o que me foi ditado pela obrigação de comando. É claro, tenente Shaw, eu faria tudo de novo; essa é a minha responsabilidade do comando.

Houve um breve momento de expectativa. Areel Shaw quebrou o silêncio, dirigindo-se a Stone:

— Excelência, a promotoria não deseja desonrar este homem. Mas devo pedir a atenção da Corte para o trecho visual extraído do diário computadorizado da *Enterprise*.

— No visual.

A tela iluminou-se. Quando a exibição terminou, Areel Shaw disse, num tom quase triste: — Se a Corte observar a cena que foi congelada, a tela mostra claramente o dedo do acusado pressionando o botão de ejeção - E o painel ao fundo mostra claramente **ALERTA AMARELO**. Não alerta vermelho, mas amarelo. Quando a cápsula com o oficial Finney foi ejetado, a emergência ainda não existia. Kirk estava estarecido. Olhando para tela que exibia a cena descrita pela promotora, acabara de ver algo simplesmente impossível.



Durante o recesso, Sam Cogley calmamente se pôs a consultar os livros de direito legal que carregara para a sala designada a ele e a seu cliente; enquanto Kirk andava de um lado para outro, aborrecido e frustrado.

— Eu sei o que eu fiz! O registro do computador é absurdo!

— Computadores não mentem — observou Cogley.

— Sam, está insinuando que eu menti?

— Estou insinuando que talvez você tenha tido um lapso. O que é possível, dado o estresse em que você estava. Jim, ainda há tempo de mudar sua alegação. Eu posso livrá-lo disso.

— Há dois dias eu teria apostado tudo em meu julgamento.

— E apostou. Sua carreira profissional.

— *Eu sei o que eu fiz* — disse Kirk, enfatizando cada palavra. — Mas se você quer ir embora...

— Eu não vou para lugar nenhum, a não ser de volta para a Corte em meia hora. O veredicto já é carta marcada. A não ser que mude sua alegação.

O comunicador de Kirk tocou. — Kirk falando.

— Capitão — era a voz de Spock. — conclui a checagem completa do computador.

— Eu sei o que senhor achou. Nada.

— Parece que está meio amargo, capitão.

— Sim, sr. Spock. Estou. Mesmo assim agradeço seus esforços.

— Minha obrigação, capitão. Mais alguma instrução? — Havia algo que transparecia emoção na voz do vulcano, mas Kirk não foi capaz de identificar.

— Não. Receio que o senhor terá de achar um novo parceiro de xadrez, sr. Spock. Kirk desliga.

Cogley levantou-se, carregando uma pilha de livros, e tomou a direção da porta. — Tenho uma conferência com Shaw e Stone antes da audiência.

— Escute... O que eu disse antes... eu estava perturbado. Sei que você fez o melhor que podia.

Cogley concordou sem falar nada e abriu a porta. Jame Finney estava prestes a entrar.

— Jame! — surpreendeu-se Kirk. — Sam, essa é a filha do oficial Finney.

— Prazer.

— Senhor Cogley... o senhor tem de acabar com isso. Faça-o mudar a alegação. Faça algo. Eu ajudarei, se puder.

Sam Cogley parecia perplexo, mas disse apenas: — Vou tentar.

— É muito tarde para isso, Jame, mas fico feliz com seu interesse.

— Não pode ser tarde. Senhor Cogley, meu pai está morto. Arruinar a vida de Jim não vai trazê-lo de volta.

— É uma bonita atitude, senhorita Finney. Mas um pouco incomum, não? Afinal de contas, o capitão Kirk é acusado de ter causado a morte de seu pai.

— Eu estava... — ela parou, aparentemente nervosa. — Eu estava pensando apenas em Jim.

— Obrigado, Jame. Receio que já fizemos de tudo. É melhor você ir.

Quando a porta fechou-se, Cogley colocou os livros em cima da mesa.

— Conhece bem essa menina?

— Desde que era criança.

— Humm. Suponho que isso explique a atitude dela. Mas é curioso. Crianças geralmente não têm uma visão tão desapaixonada quanto à morte de um pai.

— Oh, ela não reagiu assim no início. Ela queria minha cabeça. Estava quase histérica. Entrou no gabinete de Stone me chamando de assassino.

— Por que não me contou isso antes?

— Ora, eu nem pensei nisso. É importante?

— Eu não sei — observou o advogado, pensativo. — É algo curioso, só isso. Não sei como usar isso no momento.



Mal Stone reiniciara a sessão, Spock e McCoy materializaram-se em meio ao tribunal — um perfeito trabalho de precisão do teletransporte. Eles foram direto para Kirk e Cogley, com quem trocaram palavras aparentando urgência.

— Senhor Cogley — advertiu Stone. — O que significa isso tudo?

— Peço vênua à Corte — apressou-se Cogley. — Não pretendemos desrespeitar o tribunal, mas esses oficiais trouxeram novas evidências ao caso e não tiveram outra alternativa para apresentá-las, a não ser utilizando esse método.

— A apresentação da defesa — interrompeu Shaw — já foi feita. O dr. Cogley é bem conhecido por sua teatralização...

— Salvar a vida de um inocente é teatralização? — Cogley voltou-se para Stone.

— Senhor, meu cliente foi privado de um dos mais importantes direitos nesse julgamento... o direito de confrontar a principal testemunha contra ele. E a testemunha mais devastadora contra meu cliente, excelência, não é um ser humano e sim um sistema de informação... uma máquina.

— O trecho visual do computador já foi mostrado.

— Excelência, o trecho computado não é o mesmo como a máquina o produziu. Eu peço que a Corte seja suspensa e volte a se reunir a bordo da *Enterprise*.

— Protesto, excelência — disse Shaw. — Ele está tentando transformar isso num circo.

— Sim! Um circo! Você sabe o que era um circo, tenente Shaw? Uma arena, onde homens enfrentavam o perigo cara a cara, e por isso viviam ou morriam. Isso de fato é um circo. Nessa arena, capitão Kirk vai viver ou morrer, porque se for retirado dele o comando, será um homem morto. Mas ele ainda não enfrentou seu perigo cara a cara. E tem o direito de confrontar seu acusador, não importa que este seja uma máquina. Se vocês não querem dar a ele esse direito, então estarão elevando a máquina acima de nós!. Eu peço que minha moção seja aceita. Mais do que isso, senhores: em nome de uma humanidade que está desaparecendo à sombra da máquina, eu exijo isso. Eu exijo isso!

Os membros do Tribunal trocaram idéias por instantes. Ao final da conferência, Stone anunciou: — Concedido.

— Senhor Spock — disse Cogley. — Quantos jogos de xadrez o senhor disputou com o computador durante o recesso da sessão?

— Cinco.

— E o resultado?

— Eu ganhei todas as partidas.

— Isso pode ser considerado anormal, sr. Spock, e por quê?

— Porque eu mesmo programei o computador para jogar xadrez. Ele conhece meu estilo de jogo e, como tem sido observado antes, não pode cometer erros. Portanto, mesmo que eu cometesse algum erro, o melhor resultado que poderia conseguir em um jogo é um empate. Eu já ganhei do capitão Kirk, mas nunca contra o computador, nunca... até agora. Isso evidencia que alguém fez reajustes, ou no programa de xadrez, ou em todos seus bancos de memória, principalmente no registro de ocorrências a bordo. O que seria muito fácil.

— Deduzo, sr. Spock, que fazer isso estaria além da capacidade da maioria dos homens, não estaria? Bom, então que homens a bordo da nave teriam condições de fazer tal coisa?

— Eu mesmo, o próprio capitão... e o oficial de registro.

— Obrigado, sr. Spock. Agora convoco o capitão Kirk. Capitão, descreva que medidas tomou em relação ao oficial Finney depois da tempestade iônica.

— Quando vi que ele não respondia a meu chamado, ordenei uma busca

Fase Um. Esse tipo de busca implica que seu objeto está ferido e incapaz de responder à equipe de busca.

— Isso também supõe que o objeto da busca *deseje ser encontrado!*

— Claro.

— Bom. Agora, com a permissão da Corte e embora o sr. Spock esteja agora no comando desta nave, vou pedir ao capitão Kirk, para poupar tempo, que descreva o que o sr. Spock fez e que, num momento, será de vital consideração. Posso prosseguir?

— Bem... está certo.

— Capitão?

— O sr. Spock ordenou que todos, menos os membros desta Corte e a tripulação do comando, deixassem a nave. Isso inclui a equipe da engenharia. Nossos motores de impulso foram desativados e estamos apenas mantendo órbita pela inércia.

— E quando a órbita começar a decair? — perguntou Stone.

— Esperamos terminar antes disso acontecer — disse Cogley. — Esse é o elemento de tempo vital do qual eu falei. Capitão, qual a outra medida que o sr. Spock tomou?

— Ele acoplou um sensor auditivo ao sistema central de computador. De fato, agora é capaz de captar — como todos nós — cada som registrado nessa nave.

— Obrigado. Dr. McCoy, sua vez, por favor. Doutor, vejo que está com um pequeno aparelho em suas mãos. O que é, por favor?

— É um neutralizador de sons.

— Entendo. Certo, sr. Spock, prossiga.

Em seu painel, o vulcano ativou um comando. A ponte foi tomada, de repente, pelo som intermitente de várias batidas, muito parecidas com as de um tambor sendo tocado descompassadamente.

— Pode diminuir o volume um pouco? — pediu Cogley. — Obrigado. Excelência, esse som é causado pelas batidas cardíacas de todas as pessoas aqui dentro. Com sua permissão, vou pedir ao dr. McCoy para usar o aparelho neutralizador em cada um dos senhores, para abafar as batidas cardíacas e, dessa forma, eliminar os ruídos que estamos ouvindo.

— Qual o objetivo de toda essa encenação, excelência? — perguntou Areel.

— Acho que a doutora sabe tão bem quanto eu. Prossiga, dr. McCoy — disse Stone.

A medida que Magro removia, pessoa a pessoa, o ruído de suas batidas cardíacas, a multiplicidade de sons diminuía, ficando mais suave.

— E é tudo — disse o médico.

Não se ouvia o som nem de uma respiração. Mas ainda havia uma batida ressonando.

— Peço vênua à Corte — disse Cogley, calmo. — A batida que os senhores ainda ouvem acho que, em breve, vamos descobrir que pertence ao oficial Finney. Sr. Spock, pode localizá-lo?

— Convés B, entre as seções 18Y e 27D. Já selei essas seções.

Kirk hesitou, mas tomou sua decisão. — Capitão Stone, esse problema é meu. Gostaria que ninguém deixasse a ponte.

Antes de sair, recebeu de Spock um feiser. — A sala de armas fica naquele setor, senhor. Ele deve estar armado. Esse feiser está na posição de tonteio.

— Obrigado, sr. Spock.

Kirk moveu-se com prudência pelo corredor no setor isolado por Spock, gritando a intervalos: — Tudo certo, Ben. Acabou! Ben! Oficial Finney!

Por um momento, não houve resposta. Mas, de repente, um figura surgiu saída das sombras, com um feiser na mão.

— Olá, capitão. Kirk descobriu que

não estava preparado para aquilo. Apesar da certeza de que não havia outra resposta para o mistério, o impacto emocional de estar cara a cara com o oficial "falecido" era extremamente forte. Finney sorriu com desprezo.

— Não tem nada a dizer, capitão?

— Sim... Estou feliz em vê-lo vivo.

— Quer dizer que está aliviado em ver sua preciosa carreira salva. Bom, está errado. Apenas tornou as coisas mais difíceis para todos nós.

— Abaixar esse feiser, Ben. Por que continuar com isso?

— Você acabou com todas as minhas chances. Oficiais da Frota Estelar, esses cavalheiros tão benevolentes... exceto com Finney, e seu único erro. Faz tanto tempo, e eles não esquecem. Não, eles nunca esquecem meu erro.

— Ben, *eu* reporteí o seu erro. Culpe a mim, não a eles.

— Mas eles têm culpa. Todos eles. Eu era um bom oficial. Era bom de verdade. Amava o serviço como ninguém jamais amou.

Kirk começou aproximar-se, lentamente.

— Para trás, capitão. Não se aproxime... estou avisando.

— Está doente, Ben. Podemos ajudá-lo...

— Mais um passo e eu...

De repente, a voz de Jame ecoou pelo corredor. — Pai! Pai!

Finney virou a cabeça. Kirk aproveitou-se para, com um movimento rápido, tirar o feiser de sua mão. Nesse mesmo momento, Jame surgiu e correu para os braços do homem fora de si.

— Jame!

— Tudo bem, papai — disse ela, acariciando-o.

— Está tudo bem.

— Não, Jame — protestou Finney. — Você tem de entender. Eu tinha de fazer isso... depois do que eles fizeram a mim...

— Preste atenção, Finney, — interrompeu Kirk, preocupado — mas se você não restituir agora mesmo a força que cortou na sala das máquinas, vamos perder a órbita e vamos morrer.

— Senhor Cogley, — disse Stone — uma vez que este julgamento obviamente está concluído, gostaria de parabenizá-lo e também ao sr. Spock e ao dr. McCoy por esse verdadeiro trabalho de detetive. Poderia nos explicar como achou que o oficial Finney ainda estava vivo?

— Comecei a suspeitar disso, excelência, quando o capitão Kirk mencionou que a filha do oficial Finney havia mudado de conduta em relação ao caso. Se soubesse que o pai não estava morto, não teria razão para culpar o capitão por nada.

— Mas como poderia ela saber disso?

— Ela andou lendo uns documentos do pai. Talvez não soubesse dos detalhes, mas, de um modo geral, os escritos de Finney a deixaram mais ou menos inteirada do assunto. Um homem sofrendo com mania de perseguição e que colocou no papel suas queixas. Ela leu esses papéis e conhecia desde criança o tipo de homem que era o capitão. É uma menina muito justa e decente.

O advogado fez uma pausa e olhou para Kirk.

— Ou, talvez, tenha sido apenas instinto. Graças a Deus, ainda existe muito de animal em todos nós. Independente de tudo mais, agora ela recuperou o pai e seu amigo de infância.

— O pai dela — disse Stone — também vai a julgamento.

— Sei disso. E peço à Corte que me designe para fazer sua defesa. E, cá entre nós, excelência, acho que vou ganhar o caso.

— Cá entre nós, — disse Stone — isso não me surpreenderia.

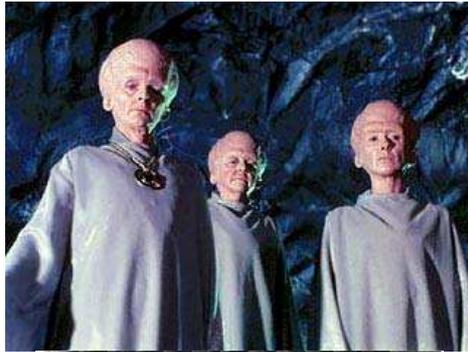
Sobre o episódio

Da mesma forma que **O Primeiro Comando** serviu para expor mais claramente a personalidade de Spock, **Corte marcial** foi um episódio que ilustrou bem a postura de Kirk como oficial de carreira e sua total dedicação a sua nave. A figura do advogado Cogley, por sua vez, explicita o discurso muitas vezes feito por McCoy contra a ameaça de uma sociedade mecanizada e dominada pelos computadores, outro tema preferido de Gene Roddenberry. O ator Elisha Cook Jr., que interpretou Cogley, um dos personagens mais lembrados pelos fãs, foi alvo, no entanto, de várias críticas por parte do diretor do episódio, pois, segundo Marc Daniels, apesar de bom ator, Cook não conseguia decorar direito as falas do advogado, o que perturbou muito o ritmo de gravação.

Podemos observar também que na adaptação que James Blish faz do episódio, o autor elimina totalmente a situação de perigo em que o desaparecido Finney coloca a nave *Enterprise*, embora no trecho em que Kirk consegue dominá-lo isso seja mencionado sem maiores explicações.



A Coleção



Título da adaptação: **The Menagerie**

Título do episódio: **The Menagerie**

Título em português:

As Selvagens (primeira versão)

A Coleção (segunda versão)

Data da primeira exibição: **17/11/66 e 24/11/66**

Data estelar: **3012.4**

História de **Gene Roddenberry**

Direção de **Marc Daniel**

Atores convidados:

Capitão Christopher Pike: **Jeffrey Hunter**

Vina: **Susan Olivier**

Numero Um: **Majel Barret**

Comodoro Mendez: **Malachi Throne**

Guardião: Meg Wyllie

Quando exibida originalmente, esta história teve duas partes. A história principal, que acontece no passado da Enterprise e cujo único rosto familiar a bordo era Spock, foi reaproveitada numa nova montagem, na qual Spock está para ser levado à Corte Marcial sob acusação de motim e conta os fatos passados para tentar justificar seu comportamento. Dramaticamente, o resultado foi muito eficiente — de fato, como fui informado, chegou a ganhar o Prêmio Hugo no ano em que foi exibida — mas, transportada para um conto, envolvia muitas mudanças de pontos de vista e muitas trocas entre o presente e o passado, o que a tornava muito confusa (eu sei disso — eu tentei!). Portanto, a presente versão é a adaptação apenas da história principal e que, conseqüentemente, restaura o final original — nunca mostrado na televisão. Eu acredito que os produtores também sentiram que a montagem de duas partes foi um erro; mas, pelo menos, A Coleção acabou virando o único episódio de duas partes de toda a história do seriado.

James Blish

A Coleção



Quando o sinal de emergência de Talos IV chegou através de um velho transmissor de rádio, o capitão Christopher Pike ficou muito preocupado em fazer algo a respeito. A mensagem procedia dos sobreviventes da *S S Columbia* e uma rápida consulta feita por Spock aos bancos de memória mostrou que uma nave de pesquisa com esse nome havia, de fato, desaparecido naquela área, há dezoito anos. Levava todos esses anos para a mensagem alcançar a *Enterprise*, que por coincidência atravessara suas ondas a apenas dezoito anos-luz de distância de Talos IV.

Por outro lado, Pike também tinha sua tripulação com que se preocupar. Embora a *Enterprise* tivesse saído do conflito de Ri-gel VIII — sua primeira batalha — incólume, o mesmo não tinha acontecido com os tripulantes. Spock, por exemplo, estava mancando, embora tentasse ocultar isso, e o braço esquerdo do navegador José Tyler estava enfaixado. Pike, por sua vez, não estava ferido, mas sentia-se profundamente cansado.

No entanto, os computadores indicavam que Talos IV era habitado e que, por isso, os sobreviventes da *Columbia* podiam ainda estar vivos. Como a *Enterprise* estava passando dentro do alcance visual, não custaria nada dar uma olhada. Mas as chances de encontrar alguém depois de tanto tempo...

De forma quase imediata, Tyler captou alguns reflexos na superfície do planeta e uma avaliação da polarização e do padrão de dispersão do efeito indicava que os reflexos eram provenientes de grandes pedaços de metal, provavelmente partes do casco de uma nave espacial. Pike ordenou que a *Enterprise* entrasse em órbita.

— Quero uma equipe de desembarque de seis pessoas, incluindo a mim mesmo. Senhor Tyler, o senhor será o segundo em comando e vamos precisar do sr. Spock também. Vocês dois devem providenciar novos curativos para seus ferimentos. Quero também o dr. Boyce, o chefe Garrison e o chefe de geologia. Número Um, você está no comando da *Enterprise* em nossa ausência. Quem a está assessorando agora?

— Ordenança Colt, senhor.

Pike hesitou. Deixar sua ponte dominada por mulheres não o preocupava, afinal a competência feminina já havia sido testada e provada

pela Frota Estelar muito antes dele nascer. E Pike possuía grande confiança na Número Um, normalmente a piloto da nave e, depois da missão em Rigel, a oficial com maior experiência a bordo. Elegante e morena, ao melhor estilo de beleza egípcia, era uma dessas mulheres cuja idade representava um mistério, podendo oscilar entre vinte e cinquenta anos. Sua mente, então, era, como a expressão dizia, afiada como o aço. Pike jamais tinha visto a Número Um ficar abalada em qualquer situação. A ordenança Colt, por sua vez, era uma tripulante nova e pouco testada. Mas, afinal de contas, essa missão parecia ser de rotina e não devia ter problemas dar a ela um crédito de confiança.

— Muito bem. Vamos nos teleportar para as coordenadas em que o sr. Tyler localizado aqueles reflexos.

Eles materializaram-se num planalto rochoso, não muito longe de um acampamento, uma confusa aglomeração de abrigos, construídos com pedras, destroços de nave, pedaços de lona e os mais diversos elementos. Vários homens muito idosos e barbados, mas de aparência gentil, circulavam pelo lugar, carregando água, cuidando de uma plantação de laranja, entre outras atividades. A ingenuidade e determinação de caráter, que havia permitido que sobrevivessem por duas décadas nesse planeta alienígena, estavam estampadas no rosto de todos.

Um deles olhou em direção à equipe de desembarque e pareceu congelar, mal acreditando em seus olhos. Por fim, gritou com uma voz rouca: — Winter! Veja!

Um segundo homem olhou e teve a mesma reação do companheiro. Também gritou: — São homens! Humanos!

O som de suas vozes fez os outros sobreviventes deixarem seus abrigos. O mais jovem parecia ter cerca de cinquenta anos, mas estavam todos queimados de sol, rijos e em excelente estado de saúde. Os dois grupos aproximaram-se um do outro lenta e solenemente. Pike quase podia sentir a intensidade da emoção. Deu um passo à frente e estendeu a mão.

— Capitão Christopher Pike, *U.S.S. Enterprise*.

O primeiro sobrevivente a falar aceitou o aperto de mão de Pike, com lágrimas correndo por sua face. Por fim falou, num grande esforço: — Doutor Theodore Haskins, Instituto do Continente Americano.

— São homens! Vão nos levar de volta! — comemorou o homem chamado Winter, rindo com alívio. — Vocês vão, não vão? A Terra está bem?

— A mesma velha Terra — sorriu Pike. — Vocês vão ver.

— E não vão acreditar na velocidade com que vamos levá-los para casa — acrescentou Tyler. — As barreiras do tempo foram quebradas! Nossas

novas naves podem...

O navegador parou de falar, boquiaberto, ao observar algo além do ombro de Haskins. Acompanhando o olhar de seu segundo em comando, Pike viu uma jovem e bela mulher parada junto à entrada de um dos abrigos. Embora seu cabelo estivesse despenteado e mal-tratado e estivesse vestida com farrapos, ela mais parecia uma fada da floresta do que a sobrevivente de uma catástrofe. Aproximando-se dela, Haskins disse: — Esta é Vina. Os pais dela morreram. Ela nasceu um pouco antes de cairmos aqui.

Outras apresentações seguiram-se, mas Pike descobriu-se incapaz de tirar os olhos da garota. Talvez fosse apenas o contraste existente entre ela e os velhos homens, mas sua juventude, sua graça natural eram estonteantes. Não era de estranhar a reação admirada de Tyler.

— Não vamos prolongar isso — disse Pike. — Comecem a recolher os pertences pessoais que desejam levar e vamos embora. Sugiro que peguem todos seus registros. A *Enterprise* é bem equipada com as necessidades básicas e até mesmo alguns luxos.

— Extraordinário — disse Haskins. — Deve ser uma nave muito grande.

— É a maior e a mais moderna de seu tipo. Sua tripulação é de quatrocentas e trinta pessoas.

Haskins sacudiu a cabeça em admiração e afastou-se. Em meio à agitação, Vina aproximou-se de Pike.

— Capitão, posso ter um palavrinha com o senhor?

— É claro, Vina.

— Antes de irmos embora, existe algo que deveria ver. Algo muito importante.

— Muito bem. O que é?

— É muito mais fácil mostrar do que explicar. Se o senhor me acompanhar...

Ela o levou até uma colina rochosa, não muito distante do acampamento e para sua base. — Lá está.

Pike não sabia o que esperava encontrar — talvez um túmulo ou até algum tipo de artefato alienígena — mas não viu nada de interesse. Vina parecia decepcionada.

— O ângulo da luz provavelmente está errado — disse ela. — Venha para esse lado.

Eles trocaram de posição, de forma que ele ficou de costas para a colina e Vina de costas para o acampamento. Para Pike, não fez a menor diferença.

— Eu não estou entendendo.

— Vai entender — afirmou Vina, com o tom de sua voz mudando subitamente. — Você é uma escolha perfeita.

Pike a olhou detidamente. Nesse momento, a garota desapareceu. Não que tenha sido envolvida pelo cintilar do processo de teletransporte, simplesmente sumiu, como se alguém desligasse uma luz. Com ela sumiram todos os sobreviventes e todo o acampamento, restando apenas um planalto vazio e um grupo de assustados tripulantes da *Enterprise*.

Um som estranho foi ouvido e Pike olhou ao redor, já levando a mão ao feiser. Uma nuvem de gás esbranquiçado começava a envolvê-lo, embora ainda pudesse ver que uma porta de estranho formato, perfeitamente camuflada como parte da rocha, estava abrindo, sem fazer o menor barulho, para revelar uma espécie de elevador. Ele também teve a vaga impressão de ver dois ocupantes — pequenas, esguias, pálidas criaturas humanóides, donas de imensas cabeças, usando túnicas feitas de um tecido metálico cintilante. Na mão de um deles estava um pequeno cilindro de onde saía o gás esfumaçado.

Nesse instante, Pike sentiu-se paralisado pelo gás, estava consciente, mas incapaz de mover qualquer parte de seu corpo, com exceção dos olhos. As criaturas deixaram a abertura para pegar Pike e o levar para dentro do elevador.

— Capitão! — gritou Spock, à distância. Todos ouviram o som de portas fechando e do movimento de um elevador tão veloz quanto um tubo pneumático. Acima e ainda mais distante, veio o som da explosão de uma rocha, como se alguém disparasse um feiser em força máxima, mas o elevador assumiu uma velocidade ainda maior em direção descendente.

Foi nesse instante que Pike ficou inconsciente.



Mal acordou, já procurando por seu feiser, ele sentiu que uma superfície esponjosa dificultava seus movimentos. A arma havia desaparecido. Levantou-se num pulo e, enquanto olhava o lugar, também procurou por seu comunicador. Este sumira também, assim como a jaqueta de seu uniforme.

Pike estava encerrado num lugar totalmente imaculado. A superfície esponjosa era uma espécie de cama, recoberta com uma colcha de tecido metálico e membranoso. Havia também uma espécie de pia ou bebedouro, junto ao qual estava pequeno recipiente, que poderia ser um copo. Uma cela de prisão, era óbvio, e as grades...

Mas não havia grades. A quarta parede era apenas um painel transparente. Pike correu até ele e olhou através da transparência. O que viu foi um longo corredor, tomado de painéis parecidos. Mas como eram recuados e dispostos lado a lado, Pike podia ver apenas pequenas porções das duas celas mais próximas, localizadas do lado oposto.

Sua movimentação devia ter causado algum barulho e fez com que sua presença fosse notada, pois logo houve um selvagem rosnado na cela — ou seria jaula? — do lado esquerdo, onde uma criatura meio-antropóide, meio-aracnóide investiu raivosamente contra ele, arranhando com suas patas horripilantes a transparência que os separava. Assustado, Pike olhou para o lado direito e, na outra cela, pode ver parte de espécie de árvore e ouvir um bater de asas. Uma elegante criatura humanóide-pássaro estava em seu campo de visão, olhando curiosa e timidamente em direção à jaula de Pike. No instante em que viu o humano olhando para ele, recuou e desapareceu.

Foi quando um grupo de seres parecidos com os que o haviam seqüestrado na base da colina surgiram e tomaram sua direção. Dois eram liderados por um terceiro, que tinha uma aparência de autoridade e usava um estranha jóia pendurada no pescoço. Todos pararam em frente à jaula de Pike e o fitaram, silenciosos, observadores. Pike, por sua vez, também se pôs a estudá-los. Eles não possuíam cabelo e em seu crânio volumoso havia uma espécie de veia pulsante.

Pike finalmente decidiu falar: — Vocês podem me ouvir? Meu nome é Christopher Pike, capitão da nave *Enterprise*, da Federação de Planetas Unidos. Nossas intenções são pacíficas. Podem me entender?

A grande veia de um dos talosianos pulsou mais forte e, embora Pike não pudesse ver qualquer movimento labial, uma voz ecoou em sua cabeça, uma voz que parecia estar recitando algo.

— Parece, magistrado, que a inteligência desse espécime é extremamente limitada.

Foi a vez da veia da criatura com o colar pulsar. — Isso não é de surpreender, uma vez que sua nave foi tão facilmente atraída até aqui através de uma mensagem simulada. Como podem ler em seus pensamentos, só agora começa a suspeitar que os sobreviventes e o acampamento eram uma simples ilusão colocadas em suas mentes. E podem notar sua confusão enquanto lê nossas transmissões de pensamento...

— Está certo, telepatia — explodiu Pike. — Podem ler minha mente e eu posso ler a de vocês. Agora, a menos que queiram que minha nave tente me resgatar de uma maneira pouco amistosa...

— Notem a reação primitiva de medo e ameaça. O espécime está prestes a ostentar sua força e a do armamento de sua nave.

Pike começou a recuar, completamente tenso, e o magistrado prosseguiu:

— Em seguida, frustrado a ponto de exibir sua força física, a criatura se lançará contra a transparência.

Pike, prestes a jogar-se contra o vidro, sentiu-se tão tolo que desistiu de fazê-lo, o que o deixou ainda mais furioso. — Sempre existe uma maneira de

se fugir de uma jaula e eu encontrarei uma.

— À despeito de sua frustração, a criatura parece mais adaptável que os espécimes de outros planetas

— continuou o magistrado.

— Podemos começar a experiência.

Pike imaginou o que isso poderia significar, mas percebeu que não iam lhe dar a mínima importância se perguntasse. Começou a andar de um lado para outro, enquanto as "vozes" telepáticas prosseguiam.

— Milhares estão sondando os pensamentos da criatura, magistrado. Consideramos uma excelente capacidade de memória.

— Posso ler com total clareza a batalha na qual lutou para proteger um sistema tribal. Vamos começar com isso, dando ao espécime algo mais interessante para proteger.

A jaula desapareceu.



Ele estava em meio a pedras e a uma estranha vegetação, a qual, depois de uma segunda olhada, parecia vagamente familiar. Uma voz inconfundível também foi reconhecida.

— Venha! Corra!

Voltou-se para ver Vina, que agora usava uma trança e estava vestida como se fosse uma camponesa da Idade Média terrestre. Bem próximo, erguia-se uma fortaleza, que também pertencia ao mesmo período que Pike não havia reconhecido de início. A garota apontava para o lugar e dizia: — Está deserta. Lá encontraremos armas e talvez comida.

— Aqui é Rigel VIII — murmurou Pike. — Lutei nessa fortaleza não tem duas semanas... Como isso aconteceu?

Ele ouviu um urro à distância. Vina saiu correndo em direção à fortaleza, mas Pike ficou onde estava.

Eu estava numa cela, em uma jaula numa espécie de zoológico. Eu ainda estou lá. Apenas estou imaginando ver tudo isso. Eles devem ter alcançado minha mente, tirado dela a memória dos lugares em que estive, das coisas que aconteceram comigo... só que Vina não fazia parte disso.

O som do urro foi ouvido novamente, mais próximo. Pike correu atrás da garota, alcançando-a junto ao portal de entrada do pátio da fortaleza. O lugar estava tomado de escudos retorcidos, lanças e espadas quebradas e até mesmo uma catapulta destruída — os escombros que tinham sido deixados para trás depois da batalha que o próprio Pike travara. Libertar os escravos aprisionados pelos Kalars resultará numa campanha sangrenta, ainda mais violenta em função da hesitação do Comando da Frota Estelar em violar a

Ordem Geral Número Um. Felizmente, os próprios Kalars resolveram fugir para Rigel X, de volta para sua colônia degenerada...

O urro animal que estavam ouvindo só podia pertencer a um Kalar em busca de vingança pela queda de sua fortaleza e de seu regime feudal. Vina procurava desesperadamente por uma arma em meio aos escombros, mas não havia nada que pudesse aproveitar.

O urro já podia ser ouvido junto ao portal. Vina escondeu-se na sombra mais próxima e puxou Pike com ela. O capitão não estava em condições de reagir; as memórias ainda eram muito fortes. A figura na entrada do pátio era um guerreiro Kalar, imenso, parecendo um Neanderthal metido numa couraça e num elmo, carregando uma clava. Ele olhava em volta, ombros arqueados, mas prestes a atacar.

— Que absurdo — sussurrou Pike. — Isso foi há semanas...

— Psiuu! — Vina estava aterrorizada. — Você já esteve aqui. Sabe muito bem o que ele pode fazer contra nós.

— Isso é apenas uma ilusão idiota!

Os urros do guerreiro, desafiantes, ecoaram pelo pátio. Aparentemente, ainda não os tinha visto.

— Não importa que nome dê — sussurrou ela. — O importante é que pode sentir. E vai sentir cada momento do que já aconteceu. Eu também sinto tudo acontecendo.

O guerreiro moveu-se lentamente em direção ao casal, ainda sem vê-lo. Talvez motivada por um pânico verdadeiro, ou então disposta a forçar Pike a agir, Vina, num movimento rápido, correu em direção a urna escadaria. O Kalar a localizou e Pike não teve outra alternativa a não ser segui-la.

Em meio a outro monte de armas no nível superior, Vina conseguiu localizar uma lança. Pike encontrou um escudo e uma espada quebrada. De repente, Vina o puxou para o lado. Uma imensa pedra chocou-se contra a parede, a milímetros de distância de Pike, mas alguns fragmentos chegaram a atingi-lo.

A dor era real, constatou. Com a mão, descobriu que sua testa estava sangrando. O guerreiro preparava-se para jogar outra pedra, recolhida numa pilha junto à catapulta.

Enquanto Pike procurava fugir, Vina atirou a lança, de forma desajeitada, e sua força foi insuficiente para a arma atingir o objetivo. Mudando de idéia, o Kalar largou a pedra resolveu subir as escadas.

O escudo de Pike foi quase todo destruído pela força de seu primeiro golpe de clava. A espada do capitão atingia sem o menor efeito a forte couraça do Kalar, que passou a submetê-lo a uma série incessante de golpes.

Pike ouviu um zunido metálico. O guerreiro contorceu-se em dor e

virou-se imediatamente, revelando uma flecha fincada em suas costas. Vina encontrara uma besta já armada e dessa vez estava a uma distância impossível de errar.

Mas o ferimento não era mortal o bastante para impedir a fera e Vina não sabia como colocar uma nova flecha na arma. O Kalar, cambaleando, moveu-se ameaçadoramente contra ela.

Se naquela distância um tiro de besta não havia surtido efeito algum contra a couraça, não seria uma espada quebrada que o faria, pensou Pike. Jogando a arma fora, foi atrás da criatura e, com toda sua força, usou o escudo para golpear a nuca do adversário. O Kalar rodopiou até a beirada da escadaria e despencou no chão do pátio. Caído de costas, assim a criatura ficou, inerte.

Vina, chorando em alívio, atirou-se nos braços de Pike...

... e novamente estavam de volta à jaula do zoológico.

Vina estava de novo com seus cabelos curtos e o traje feito com o metálico tecido talosiano. Seus ferimentos e a exaustão de seu rosto haviam desaparecido completamente. Levou algum tempo para ele compreender o que tinha acontecido.

Vina sorriu. — Acabou.

— Por que você está aqui?

Ela hesitou, mas sorriu de novo. — Para agradá-lo.

— Você é real?

— Tão real quanto desejar.

— Isso não é resposta.

— Talvez eles tenham me feito dos sonhos que você esqueceu.

Pike indicou o vestido. — E eu sonhei com você usando a moda dos talosianos?

— Eu preciso usar algo — Aproximou-se dele.

— Ou não preciso? Posso vestir tudo o que desejar, ser tudo o que quiser...

— Para que eles vejam como o "espécime" se comporta? Observar como eu reajo? É isso?

— Você não tem um sonho? Algo que queira muito, muito mesmo...

— Eles querem mais do que apenas me observar, não é isso? Querem sentir comigo também, certo?

— Você pode realizar qualquer sonho que tiver. Posso ser tudo o que você quiser — Ela tentou aconchegar-se ainda mais.

— Você pode ir aonde quiser, fazer tudo o que quiser... viver qualquer experiência no universo. Deixe-me agradá-lo.

Pike a observou, especulativamente. — Você pode — disse,

abruptamente — falar sobre eles. Existe algum meio de impedi-los de usar meus pensamentos contra mim? Ah, você ficou assustada. Isso significa que existe um meio, não é?

— Você está sendo um tolo.

Pike concordou. — Você está certa. Desde que insiste que é uma ilusão, não há muito sentido em continuarmos com essa conversa.

Ele foi para a cama e deitou-se, ignorando a presença da mulher. Mas era difícil ignorar a ansiedade de Vina. Ela tinha uma tarefa a cumprir e parecia disposta a não fracassar.

Depois de um instante, ela disse: — Talvez... se você perguntar algo que eu possa responder...

Ele sentou-se. — Até que ponto controlam a minha mente?

— Isso não é... isso... — Ela fez uma pausa. — Se eu disser, escolherá um sonho que tem e me deixará vivê-lo com você?

Pike avaliou o pedido. A informação valia o risco. Ele concordou.

— Eles... eles não podem forçá-lo a fazer algo que não queira.

— Eles tentam me enganar com suas ilusões?

— Sim. E vão puni-lo quando não cooperar. Você vai descobrir.

— Já devem ter vivido na superfície do planeta...

— Por favor — interrompeu ela. — Se eu falar muito...

— Por que eles vieram para os subterrâneos?

— Guerras, há milhares de séculos... — disse, angustiada. — Os talosianos que ficaram na superfície destruíram a si mesmos e a quase todo o mundo. Levou muito tempo para o planeta recuperar-se.

— E os que vieram para o subterrâneo perceberam que a vida era muito limitada... então concentraram-se em desenvolver seus poderes mentais.

Ela concordou. — Mas eles descobriram que isso era uma armadilha. Como narcótico. Quando os sonhos tornam-se mais importantes que a realidade, você desiste de viajar, de criar e até esquece como consertar máquinas, deixadas por seus ancestrais. Você apenas senta e vive e revive outras vidas dos registros da memória. Ou então passa a sondar a mente de espécimes de zoológico, descendentes de vidas trazidas há muito tempo de todas as partes da Galáxia.

Pike, de repente, compreendeu tudo. — Isso significa que eles têm mais de um espécime de cada raça.

— Sim — disse Vina, visivelmente apavorada. — Por favor, disse que seu eu respondesse a suas perguntas...

— Mas estou barganhando com algo que não existe. Você disse que era uma ilusão, lembre-se disso.

— *Eu sou uma mulher* — Vina agora estava irritada. — Tão real e

humana quanto você. Nós somos... como Adão e Eva. Se nós...

Ela interrompeu-se com um grito e caiu ao chão, tremendo.

— Por favor! — gritou ela. — Não me punam... estou fazendo o melhor que posso com ele... não, por favor...

Em meio a sua agonia, ela desapareceu. Pike olhou para a criatura chamada Magistrado, que o observava através da transparência. Furioso, ficou de costas e notou, pela primeira vez, uma quase visível junção na parede ao lado de sua cama, com se houve uma passagem escondida ali.

Um som de cristal o fez voltar-se de novo. Um frasco cheio de líquido azul fora colocado dentro da cela, através da transparência. O magistrado continuava a observar. Seu discurso mental teve início: — O frasco contém um complexo nutriente de proteínas.

— O guardião está tentando comunicar-se com um de seus animais?

— Se a consistência e a cor não forem atraentes, poderá ter a aparência que desejar.

— E se eu preferir... — começou Pike.

— Passar fome? Não está levando em consideração a desagradável alternativa de punição.

Da forma instantânea de sempre, Pike descobriu-se encerrado num lugar escuro, tomado pela fumaça e pelo cheiro insuportável de enxofre. Chamas ataçavam-se contra ele de todos os lados. Um instante de agonia tão real quanto a surpresa de ter sido levado até aquele lugar. Pike gritou em desespero.

A duração foi de apenas alguns segundos e, em seguida, estava de volta à jaula.

— Tiramos isso de uma fábula que ouviu quando era criança — disse o magistrado. — Agora vai consumir o nutriente.

— Por que não coloca fome em minha mente?

— disse Pike, ainda resfolegando à lembrança da dor.

— Não pode... fazer isso. Vocês têm limitações, não é isso?

— Se continuar a desobedecer, em sua mente existem coisas ainda mais desagradáveis.

Pike resolveu pegar o frasco e beber seu conteúdo de um só gole. Quase simultaneamente, jogou o recipiente para o lado e atirou-se contra a transparência. O capitão bateu no vidro e foi jogado para trás, como era de se esperar, mas o magistrado também recuou um passo.

— Que interessante

— ironizou o humano. — Você se assustou. Não estava lendo meu pensamento?

— Agora, quanto à mulher. Como já concluiu, uma nave da Terra caiu

em nosso planeta. Mas só havia um sobrevivente.

— Vamos continuar com o primeiro assunto. Tudo o que eu queria naquele momento botar as mãos em seu pescoço. Pensamentos primitivos bloqueiam a leitura do pensamento, hein?

— Nós reparamos os ferimentos do sobrevivente e descobrimos que a espécie era interessante. Por isso tornou-se necessário atrair um par.

— Está bem! Vamos falar sobre a garota. Parece que fazem de tudo para que ela seja atraente para mim, para que eu me sinta protetor em relação a ela.

— Isso é necessário para perpetuar a espécie.

— Isso poderia ser feito artificialmente. Mas não, é mais importante para você fazer com que eu a aceite, que comece a gostar dela...

— Desejamos que nossos espécimes sejam felizes com sua nova vida.

— Presumindo que isso é uma outra mentira, por que quer que me sinta atraído por ela? Para que eu sinta amor, numa relação marido e mulher? Isso seria necessário apenas se vocês quisessem construir um grupo familiar... ou toda uma comunidade humana.

— Com a fêmea agora devidamente condicionada, nós continuaremos com...

— Você quer dizer devidamente punida! — gritou Pike. — Sou eu que não estou cooperando. Por que não castigam a mim?

— Primeiro, necessidade de proteger, agora sente pena dela. Excelente

— O magistrado voltou-se e foi embora pelo corredor. Frustrado, Pike voltou a estudar a misteriosa junção na parede.

Ao invés disso, descobriu-se junto a uma árvore. O dia estava lindo naquela floresta verdejante, com uma cidade ao horizonte. Ele reconheceu o lugar imediatamente.

À sua direita, estava um par de cavalos selados; à sua esquerda, Vina, usando um traje terrestre bem esportivo, ajeitava uma toalha na grama, junto a uma cesta de piquenique.

Olhando para ele, sorriu docemente. — Deixei a garrafa térmica na sela. Pode pegar?

Pike aproximou-se dos cavalos e os acariciou. — Tango! Seu velho pangaré! Olá, Mary Lou! Não, sinto muito... estou sem açúcar dessa vez...

Batendo de forma automática no bolso de sua jaqueta, acabou descobrindo, surpreso, que havia dois torrões de açúcar em seu interior. Ele alimentou os animais. Esses talosianos pareciam pensar em tudo...

Pike pegou a garrafa e a levou até o local do piquenique, sentando-se no chão para observar Vina curiosamente. Ela parecia nervosa.

— É bom estar em casa? — perguntou a moça.

— Eu morria de saudade de voltar aqui. Eles conseguem ler nossas mentes muito bem.

— *Por favor!* — choramingou ela, apavorada. Sua expressão implorava que ele ficasse em silêncio.

— Casa, tudo o que eu quiser... se eu cooperar, certo?

— Esqueceu de minhas... dores-de-cabeça, querido? O doutor disse que quando você fala estranhamente assim...

A voz dela falhou, abalada. Pike sentia-se de novo numa armadilha.

— Olha, sinto muito que eles a tenham punido. Mas não podemos deixá-los invadir nossas mentes. Dessa forma eles nos dominarão.

Vina continuava a arrumar o lanche, tentando ignorá-lo.

— Bem, parece que vai ser um lindo dia, não é?

— Engraçado — Pike parecia divertido. — Há vinte quatro horas, eu estava conversando com o médico de bordo o quanto queria... algo muito parecido com isso que estão me oferecendo. Sem responsabilidade, sem frustrações ou dores... E agora que tenho tudo isso, entendo a resposta que o doutor me deu. Ou você vive a vida, as dores e tudo mais, ou dá as costas e começa a morrer. Os talosianos escolheram o segundo modo.

— Espero que esteja com fome — Vina fingia estar tudo bem. — Os sanduíches são uma receita de sua mãe.

Ele experimentou um. Ela estava certa, era delicioso. — O doutor pelo menos ia ficar feliz em me ver. Estava precisava mesmo de descanso.

— Esse é um lugar maravilhoso para descansar.

— Passei minha infância aqui. Não se compara aos jardins das grandes cidades, mas prefiro muito mais esse lugar — Olhou para o horizonte distante. — Ali é o Mojave. Onde eu nasci.

Vina riu. — E acha que isso é novidade para sua esposa? Olhe... você está em casa! Pode ficar o quanto quiser. Não seria maravilhoso mostrar às crianças onde você brincava?

— Essas... "dores-de-cabeça"... Elas serão hereditárias. Quer que uma criança as tenha... que todo um grupo de crianças venham a sofrer com ela?

— Isso é tolice.

— É? Olhe, primeiro tive de protegê-la. Depois, senti pena de você... e agora, um ambiente familiar, um marido agradável, uma esposa dedicada. Eles não precisam disso tudo apenas para experimentar. Querem mais, querem respeito, afeição, dependência mútua... e querem alguma coisa mais...

— Dizem que antigamente tudo isso era um deserto. Areia, cactus...

— Não posso ajudar a nenhum de nós se você não me der uma chance!
— explodiu Pike. — Disse que as ilusões tornaram-se um narcótico para

eles. Que eles esqueceram como consertar máquinas deixadas pelos ancestrais. É por isso que somos tão importantes para eles? Para que criemos uma colônia de escravos, que possam...

— Pare! Pare! Você não se importa com o que eles fazem comigo?

— Não existe essa coisa de prisão perfeita. Sempre há um meio de fugirmos. Agora há pouco em minha jaula, por alguns segundos o guardião não conseguiu ler meus pensamentos. Emoções como raiva bloqueiam nossa mente para eles, não é?

— Você não acha — disse ela, irritada — que eu já tentei isso antes?

— Deve haver um modo de vencê-los. Responda!

As lágrimas de Vina agora eram de raiva. — Sim, eles não conseguem ler... emoções primitivas. Mas você não consegue manter isso por muito tempo... eu tentei! — Começou a soluçar. — Eles nos mantêm... ano após ano... sondando, procurando por uma fraqueza... fazendo truques... punindo... e sempre vencem. Eles me venceram. Sei que você me odeia por isso.

Seu medo, desespero, solidão, tudo que ela lutava para esconder agora revelavam uma desgraça profunda e genuína. Pike a abraçou. — Eu não a odeio. Posso imaginar o que você passou.

— Mas não é suficiente! Eles querem que tenha sentimentos de construir uma família, protegê-la, trabalhar para ela. Você não entende? Eles leram meus pensamentos, meus desejos, meus sonhos do que seria um homem perfeito. É por isso que eles o pegaram. *Eu não posso deixar de te amar*. E eles esperam que você sinta o mesmo por mim.

Pike estava abalado, penalizado com todo o horror da história que viviam. — Se eles podem ler minha mente, sabem que sinto atração por você. Desde o primeiro dia em que a vi no acampamento dos sobreviventes. Você parecia um animalzinho selvagem.

— Foi por essa razão? Só porque eu era uma selvagem?

— Talvez — disse Pike, divertido.

— Estou começando a perceber por que nada disso funciona com você. Você *já esteve* em casa. E já lutou, como aconteceu em Rigel, o que não é novidade para você. Os sonhos mais desejados por uma pessoa são aqueles que ela *não* pode realizar. Não é isso?

— Talvez. Eu não sou psicólogo.

— Sim — disse sorrindo, quase que para si mesma. — O capitão de uma nave, sempre tão formal, tão decente, honesto e respeitável... como você seria se esquecesse isso tudo?

A cena pacata mudou para um clima de música e festividade. A transição o colocou comodamente sentado num tapete cheio de almofadas, junto a

uma mesa redonda e repleta de travessas com frutas e garrafas de vinho. Estava agora vestido com uma túnica de seda, como se fosse um potentado oriental; junto a ele, estava sentado um homem que vagamente o lembrava um mercador terráqueo, embora não estivesse tão bem vestido, enquanto que, do outro lado, estava um oficial da Frota Estelar, a quem não reconhecia. Todos eles eram servidos por mulheres cujos trajes e atitudes revelavam sua condição escrava. A pele de todas possuía o mesmo tom esverdeado que a de Spock. A música era proporcionada por um quarteto posicionado junto a uma fonte.

Pike também conhecia o lugar. Era o pátio de um potentado de Órion. O oficial a seu lado dirigiu-se a ele:

— Ei, Pike. Você era o capitão da *Enterprise*, não é?

— Realmente, ele era — respondeu o mercador.

— Como eu pensava. Você parava por aqui de vez em quando para... como se diz? Checar as coisas.

— E, aí — acrescentou o mercador — enviou para a Terra um informe sobre os mercadores de Órion levando incríveis vantagens sobre os nativos.

Os dois homens riram. — Engraçado como eles são nesse planeta — disse o oficial. — Eles realmente gostam de tirar vantagens.

— E não apenas nos lucros.

O oficial olhou ao redor, com prazer. — Bom lugar você arrumou por aqui, sr. Pike.

— É um bom começo — disse o mercador. Os dois riram de novo. O oficial deu um tapinha nas nádegas da escrava mais próxima.

— Vocês já estiveram com uma dessas verdinhas? Ouvi dizer que são perigosas. Costumam atrair os homens como se eles fossem dominados por uma sensação de fome incontrolável.

Até agora, o oficial tinha simplesmente causado repulsa a Pike, mas a última frase parecia familiar e tinha sido dita com uma ênfase misteriosa. O mercador deu a Pike um olhar significativo.

— Eis um homem — disse ele — que consegue amansá-las.

A música repentinamente mudou; ficou mais alta, ganhou um ritmo mais lento, mais vibrante. As escravas mostraram-se agitadas, como se estivessem ansiosas por fugir. Olhando em direção aos músicos, Pike viu uma outra garota, nua, com a pele verde e brilhante como se embebida em óleo, agachada junto à fonte. Suas unhas eram longas, afiadas como cimitarras. Seus cabelos pareciam a crina de um animal selvagem. Ela olhava diretamente para Pike.

Uma das escravas diminuiu seus movimentos. A garota verde deu um salto felino e impediu sua fuga. Um homem que Pike até então não tinha

visto entreviu entre as duas com um chicote.

— Pare! — gritou Pike, dando fim a seu estado de torpor. A garota verde voltou-se e o olhou de novo, mas dessa vez ele a reconheceu. Era Vina.

A dançarina aproximou-se do centro do salão e ali parou por um momento. A música parecia dominá-la e, aos poucos, a lenta batida começou a induzir os requebros de seu corpo, como os acordes de uma flauta que toma posse dos movimentos de uma serpente. Ela jogou a cabeça para trás e, com um grito estridente, começou a dançar.

— Onde a encontrou? — perguntou o oficial. Pike não conseguia tirar os olhos da garota.

— Ele estava num corredor — disse o mercador. — Então viu uma luz bruxuleante mais à frente. Era quase como o sonho secreto de um aborrecido capitão do mar, não é? E lá estava ela, segurando uma tocha, brilhando em verde...

— Que olhar estranho ela está lançando para você, Pike.

— Parece que sabe alguma coisa sobre você.

No fundo de sua mente, Pike compreendia que os talosianos estavam tentando provocá-lo através desses dois homens repugnantes, mesmo assim, não conseguia parar de observar a dança.

— Você não acha que isso vale a alma de um homem? — observou o mercador.

— Isso faz a gente acreditar que ela pode ser qualquer coisa que quisermos — concordou o oficial. — Imagine ter tudo no Universo para escolher e que este é apenas um pequeno exemplo...

Já era demais. Pike levantou-se, revoltado. — Saiam do meu caminho, seus desgraçados!

Ele cruzou o pátio até uma porta coberta de cortinas, que parecia uma saída. Empurrando as cortinas violentamente, descobriu-se em um corredor, escuro e cada vez mais escuro à medida que penetrava nele. Mais a frente havia uma luz bruxuleante e lá estava Vina, segurando uma tocha...

A cena iluminou-se e a tocha desapareceu. Vina, com sua pele clara novamente, seu corpo coberto pelos trajes talosianos, manteve o braço erguido um segundo, como se ainda segurasse algo. Eles estavam de volta à jaula.

O rosto de Vina encheu-se de fúria. Ela correu até a transparência e começou a socá-la, gritando para o corredor vazio à sua frente.

— Não! Deixe-nos terminar! Eu poderia...

— O que está acontecendo aqui? — perguntou uma outra mulher. Pike e Vina voltaram-se, surpresos.

Existiam mais duas mulheres na jaula: a Número Um e ordenança Colt.

Depois de tantos choques sucessivos, Pike não conseguiu expressar a menor reação.

— Eu deveria fazer a mesma pergunta — disse ele, quase indiferente.

— Estávamos tentando nos teletransportar para cá — informou a Número Um. — Existia um risco de nos materializarmos em rocha sólida, mas já tínhamos tentado abrir o elevador com cargas feisers sem obter resultados.

— Mas éramos seis no transporte — acrescentou Colt. — Não entendo por que não estão todos aqui...

— Isso não é justo! — Vina dirigia-se a Pike. — Você não precisa delas!

— Elas podem ser justamente o que eu preciso — disse Pike secamente, resgatando um pouco de seu domínio. — Número Um, ordenança, quero seus feisers.

Elas entregaram as armas. O capitão as examinou e o que descobriu não o surpreendeu. — Descarregados.

— Mas estavam operacionais quando partimos.

— Não duvido. Vocês também vão descobrir que seus comunicadores não estão funcionando — Um pensamento passou por sua cabeça. Ele olhou para a junção que havia descoberto na parede e, subitamente, disparou os dois feisers contra o lugar.

— Por que está fazendo isso? — perguntou a piloto da nave, friamente.

— Não fale comigo. Não diga nada. Estou sentindo ódio... enchendo minha mente com imagens de pegar aquelas cabeças grandes e deformadas e amassá-las até ficar uma pasta. Pensamentos tão primitivos que eles sequer vão entender. Eu os odeio... vocês me entendem?

— Por quanto tempo acha que pode bloquear seus pensamentos? — perguntou Vina. — Alguns minutos, uma hora? Como isso pode ajudá-lo?

Pike estava concentrado, tentando não prestar atenção. Vina voltou-se para as duas mulheres.

— Ele não precisa de vocês! — explodiu ela, dominada pela raiva e pelo ciúme. — Ele já me escolheu!

— Escolheu para quê? — perguntou Colt.

Vina a olhou com desprezo. — Ora, com ela você pode fazer planos de ter descendentes inteligentes.

— Descendentes? Quer dizer... filhos?

— Como se ele fosse Adão — concluiu a Número Um. — Não é isso?

— Que grande escolha! — Vina olhava a Número Um agora.

— Seria melhor cruzar essa daí com um computador!

— Posso calcular sua idade? — continuou a Número Um. — Você estava relacionada na expedição como uma tripulante adulta... Agora,

passados dezoito anos...

A oficial interrompeu-se e Vina voltou-se para a transparência, as duas com a atenção atraída para uma outra coisa. O magistrado estava de volta. As duas recém-chegadas olharam para a criatura com interesse.

— Não é justo — repetiu Vina. — Eu fiz tudo o que pediu.

O magistrado a ignorou. — Já que você resistiu ao atual espécime, — disse o talosiano a Pike — agora tem uma seleção.

Pike aproximou-se de forma ameaçadora do alienígena. — Eu vou arrebentar essa jaula e vou pegá-lo. Seu sangue é vermelho como o nosso? Eu vou descobrir!

— Cada um dos dois novos espécimes têm qualidades a seu favor. A fêmea a quem chama de Número Um tem intelecto superior e geraria filhos altamente inteligentes. Embora pareça desprovida de emoções, usa isso como uma fachada. Ela tem fantasias freqüentes a seu respeito.

Pela primeira vez Pike viu a Número Um ficar vermelha e usou essa invasão da privacidade de sua oficial para desenvolver ainda mais seu ódio. — Tudo o que eu quero é pôr as mãos em você. Pode ler esses pensamentos? Imagens de ódio, morte...

— A outra recém-chegada o considerava inatingível, mas agora compreende que isso mudou. Os fatores em seu favor são juventude e força, além de um forte impulso feminino que...

— Você vai descobrir que meus pensamentos são mais interessantes! Pensamentos tão primitivos que você não compreenderá, emoções tão feias que não poderá...

Uma forte dor apoderou-se do capitão, que caiu de joelhos ao chão, sofrendo convulsões. As imagens incutidas em sua mente eram a de câmaras de tortura da Santa Inquisição. Junto a isso, a voz mental do magistrado dizia algo que parecia dirigido às outras pessoas.

— Pensar errado é punível. Pensar certo será bem recompensado. Descobrirão que é uma combinação eficiente.

A ilusão passou e Pike, enfraquecido, tentou-se levantar-se. O magistrado havia ido embora e as duas tripulantes tentavam ajudá-lo.

— Não... não me ajudem. Deixem-me sozinho. Preciso me concentrar em odiar. Não conseguem ler através do ódio.

As horas passaram e as luzes diminuíram. Era óbvio que os talosianos pretendiam manter as três mulheres confinadas com ele. Fazer com que o sentimento de ódio perdurasse era cada vez mais difícil; Pike ficou socando a parede de vidro na esperança de que a dor o ajudasse.

As mulheres conversaram em voz baixa por algum tempo e, aos poucos, foram adormecendo, Vina na cama, as outras duas no chão da jaula. Pike

agachou-se junto ao vidro, sem pensamentos em sua mente, apenas o cansaço do esforço despendido.

Então ele sentiu, mais do que ouviu, um movimento a seu lado. A junção que descobrira na parede abriu-se, revelando uma passagem por onde um talosiano se esgueirou, tentando alcançar os feisers abandonados. Ágil, Pike deu um pulo e o agarrou.

O magistrado foi puxado com violência para dentro da cela e Pike o segurou pelo pescoço.

— Não o machuque! — pediu Vina. — Eles não fazem por mal...

— Eu já vi o que eles fazem de bom...

O talosiano desapareceu em suas mãos e Pike descobriu que agora estava agarrando o pescoço da criatura antropóide-aracnóide que havia visto na cela diante da sua. Suas patas batiam contra o rosto do capitão. Colt gritou apavorada.

Pike intensificou a pressão de suas mãos no pescoço da criatura. — Ainda estou segurando seu pescoço! Pare com essa ilusão ou vou esganá-lo! — A criatura aracnóide transformou-se novamente no magistrado. — Assim é melhor. Tente mais uma ilusão... tente qualquer coisa... e vou quebrar seu pescoço! Entendeu?

Pike aliviou a pressão, permitindo que o magistrado respirasse um pouco. A veia na cabeça do talosiano pulsou. — Sua nave. Liberte-me ou a destruiremos.

— Ele não está blefando — disse Vina. — Com ilusões, farão sua tripulação agir errados, como apertar botões que podem destruir a nave.

— Vou presumir que é por demais inteligente para matar sem razão. Por outro lado, eu tenho uma razão para matar. Número Um, segure-o bem firme pela garganta. E, ao menor movimento, não vacile...

— Compreendo, capitão...

Livre em seus movimentos, Pike pegou os feisers. Colocou um em seu cinto e, ajustando o outro, apontou-o para a transparência e apertou o gatilho. Como esperavam, a arma não disparou. Voltou-se para o magistrado e encostou a arma contra a enorme cabeça.

— Aposto que criou uma ilusão de que esse feiser está descarregado. Se não sabe o que fazer com suas máquinas, então deixe as nossas em paz. E aposto também que esse feiser acabou de fazer um enorme buraco naquela parede, o qual está escondendo de nós. Devo testar minha teoria na sua cabeça?

O magistrado fechou os olhos, resignado. Na transparência havia um imenso buraco.

— Número Um, pode soltá-lo agora. Se ele fizer alguma coisa, vou atirar

e ele sabe disso. Todos para fora. Vamos embora!



Na superfície, apenas a parte da rocha que abrigava o elevador estava de pé, mas o topo da colina havia sido completamente destruído pela descarga dos feisers disparados pelos homens da *Enterprise*. Os talosianos cuidaram para que ninguém visse isso também.

A Número Um tentou acionar seu comunicador, mas sem resultados. Notando a veia do magistrado pulsar novamente, Pike ergueu seu feiser: — Quero fazer contato com minha nave. Agora mesmo — ameaçou.

— Não — disse o talosiano. — Você agora está na superfície, onde queríamos que estivesse. Com a fêmea de sua escolha, começará em breve a construir uma nova vida...

— Eu vou é acabar com você.

— Vejo que pretende matar-me. Não posso impedi-lo. Mas outros irão substituir-me. Para ajudá-lo a adaptar-se ao planeta, nossos jardins fornecerão uma variedade de vida vegetal...

— Olha, vamos fazer um trato. Você e sua vida em troca das vidas dessas duas mulheres terrestres.

— Uma vez que nosso tempo de vida é muitas vezes maior do que o seu, teremos tempo de desenvolver uma sociedade com artesãos, técnicos...

— Entende o que estou dizendo? Prove que minha nave está bem, envie essas duas de volta e eu ficarei aqui, com Vina.

Pike sentiu algo tocar em seu cinto e, com o canto do olho, percebeu que a Número Um havia pego o outro feiser. De forma decidida, ela ajustou o controle da arma para força máxima. O feiser começou a zunir, aumentando em intensidade. A arma estava ficando sobrecarregada e poderia explodir, em toda sua força, a qualquer momento.

— Está errado — disse a Número Um — criar toda uma raça de humanos para viver como escravos. Não concorda, capitão?

Depois de um instante de hesitação, Pike assentiu.

— Isso é um truque? — perguntou o magistrado. — Vocês realmente se autodestruiriam? Sim, posso ver que sim.

— Vina, você tem tempo de voltar para os subterrâneos. Depressa. E para mostrar a você, talosiano, o quanto nós, humanos, somos primitivos, vamos deixá-lo ir com ela.

O magistrado não se moveu, nem o fez Vina.

— Não — falou a garota. — Se todos vocês acham que isso é importante, então também vou ficar. Acho que se eles ainda tiverem um humano em seu poder, provavelmente tentarão tudo de novo.

— Não acreditávamos que fosse possível — disse o talosiano e seus pensamentos traduziam o que seria uma estranha tristeza. — Os costumes e a história de sua raça mostram um ódio excepcional ao cativo, mesmo quando é agradável e benevolente. Mas não sabíamos que vocês chegariam a preferir a morte. Isso os torna por demais violentos e perigosos como espécie para nossas necessidades.

— Está querendo dizer — murmurou Vina — que eles não podem usá-los. Todos vocês estão livres para voltar à nave.

A Número Um desativou o feiser, bem na hora. Depois de um silêncio, Pike comentou: — Então é assim. Sem desculpas. Sem nada. Vocês nos capturaram, ameaçaram, torturaram...

— Sua inadequação condenou a raça talosiana ao desaparecimento. Isso já não é suficiente? Nenhuma outra espécie demonstrou sua adaptabilidade. Vocês eram nossa última esperança.

— Absurdo — Pike estava surpreso. — Podemos tentar algum tipo de troca, de cooperação mútua...

O magistrado sacudiu a imensa cabeça. — Sua raça aprenderia nosso poder de ilusão e se destruiria também. É importante para *nossas* crenças evitar isso.

— Capitão — chamou a Número Um. — Temos de novo controle de transporte.

— Ótimo. Vamos embora. Vina, você também.

— Eu... não posso ir com você.

Pike sentiu uma raiva descontrolada. — Número Um, ordenança Colt, podem ir. Eu vou ficar até resolver isso. É uma ordem — acrescentou ele, ao vê-las hesitar.

As duas mulheres desmaterializaram-se. Pike avançou para Vina. — Preste atenção...

E ele parou, atônito e horrorizado. Vina estava transformando-se. Sua face ficou contorcida e com uma horrível cicatriz. Seu corpo tornou-se cruelmente deformado. Ela continuava a olhar Pike, fixamente. A transformação parou apenas quando estava envelhecida, recurvada, monstruosa.

— Essa é a verdadeira aparência da fêmea — explicou o magistrado.

Não podia ser verdade. Era essa a jovem garota do acampamento de sobreviventes, a amedrontada camponesa, a doce esposa terrestre, a escrava verde de Órion que dançava tão...

— Essa é a verdade — disse Vina, sua voz também envelhecida. Ela abriu os braços em demonstração. — Veja como eu sou. Fui encontrada em meio aos destroços da nave, morrendo, um monte de carne. Eles cuidaram de

mim. Tudo funciona. Mas... *nunca viram um ser humano e não tinham como se guiar para me construir de novo.*

— Entende agora? Entende por que não posso ir com você?

Ela voltou suas costas e andou com dificuldade até o elevador. Pike a observou partir com horror e piedade. Então virou-se para olhar

o magistrado, que disse: — Foi necessário convencê-lo de que o desejo dela em ficar era verdadeiro.

Pike o fitou com outros olhos. — Existe uma centelha de decência em vocês, afinal de contas. Pode devolver a ela a ilusão de beleza?

— Sim. E muito mais. Observe.

A imagem agora mostrava uma linda Vina entrando no elevador, *acompanhada por um outro Pike.* Os dois voltaram-se e acenaram, antes de partirem para as profundezas de Talos IV.

— Ela tem uma ilusão — disse o magistrado, que parecia sorrir. — E você tem a realidade. Que ela lhe valha como uma ilusão.



Spock, Número Um, José, Colt e Boyce correram para junto do capitão quando ele desceu da plataforma do teletransporte.

— O que aconteceu à Vina? — perguntou Colt, olhando para os lados.

— Ela... não vem conosco? — quis saber a Número Um.

— Não. E concordei com suas razões. Agora, vamos embora daqui. O que é isso aqui, afinal? Uma nave de cadetes? Todos a seus postos! Navegador, estabeleça um curso.

— Sim, senhor! Todos correram para obedecer a ordem, todos, menos Boyce.

— Espere um minuto, capitão.

— Para quê? Estou bem.

— Esse é o problema. Você parece cem por cento melhor.

— E estou. Não havia recomendado mudança e descanso? Eu tive as duas coisas. Eu estive... em casa. Agora, vamos continuar com o trabalho.

À medida que a *Enterprise* afastava-se de Talos IV, a rotina a bordo foi sendo retomada normalmente. E a memória de tantas ilusões começava a perder sua força. Ilusões que não foram, afinal de contas, uma experiência real — pelo menos boa parte delas. Pike, no entanto, não resistiu em dar uma olhadinha rápida para a Número Um e a ordenança Colt, questionando-se, intimamente, à qual das duas escolheria, se estivesse em outras circunstâncias.

Quando descobriu que as duas também discretamente estavam olhando para ele, quem sabe fazendo a mesma pergunta, Pike voltou seu olhar para a

tela principal e banii o pensamento de sua mente.
Ele agora sabia muito bem como fazer isso.

Posfácio

*Como o leitor pode perceber agora, esta história constitui o piloto original de STAR **TREK**, como foi exibido na 24ª Convenção Mundial de Ficção Científica, em Cleveland, Ohio, em 5 de maio de 1966. Entre a venda da série e a exibição de **A Coleção** na tevê, todo o conceito e elenco do seriado mudaram radicalmente. A Número Um desceu na hierarquia de comando e tornou-se Uhura, enquanto que sua falta de emoções e mente computadorizada foram transferidas para Spock, a ordenança Colt virou ordenança Rand; Boyce tornou-se McCoy; Tyler tornou-se Sulu. O principal efeito disso foi que os novos oficiais ganharam um tom muito mais inter-racial que o anterior. O conceito de que a bem treinada tripulação a toda hora poderia se arriscar em combates corpo a corpo foi eliminado.*

O mais importante, no entanto, é que no piloto original Pike criou uma situação potencialmente delicada em relação às suas duas tripulantes, o que ficaria muito difícil de ser explorado ao longo de toda uma série. Como personagem, precisou ser substituído e sua história tornou-se um fato passado; com isso, nasceu o capitão Kirk e uma história, remontada, a qual tive de deixar de lado. Todos esses estágios são visíveis nos roteiros com os quais trabalhei, todos eles muitas vezes revisados, inclusive à mão (nos quais Pike é chamado confusamente, de tempos em tempos, de "capitão Spring" ou "capitão Winter").

*A única solução seria refilmar **A Coleção** com o novo elenco, o que não apenas teria sido caro, como também criaria uma série de dificuldades para as histórias seguintes. O sr. Roddenberry obviamente decidiu transformá-la em algo que aconteceu numa espécie de passado e remontá-la do jeito que ficou. Achei uma decisão interessante e tentei acompanhar sua adaptação.*

*Normalmente, os escritores não deveriam expor seus problemas técnicos aos leitores, que têm todo o direito de exigir que esses problemas sejam resolvidos antes de a história ser publicada. Mas às vezes eu recebo cartas de fãs de STAR **TREK** que me condenam pela mudança até de uma ou duas palavras dos roteiros que eles memorizaram, ou mesmo gravaram. Nesse caso, e como no caso de **Cidade à Beira da Eternidade**, existem problemas que não podem ser resolvidos apenas mantendo-se fiel ao texto final e ignorando tudo o mais que envolve. Em ambos os casos, eu uso de meu próprio julgamento para saber o que é melhor para os objetivos do escritor.*

James Blish

Sobre o episódio

A Coleção é um bom exemplo do exercício de criatividade em STAR TREK. Este episódio, exibido em duas partes, foi uma remontagem do primeiro piloto da série, *A Jaula*, que foi rejeitado pelos executivos da emissora NBC. Construindo uma história como pano de fundo envolvendo os personagens regulares da série, Gene Roddenberry reaproveitou partes do piloto e fez um novo roteiro.

Dessa forma, quando vemos as imagens exibidas pela tela da nave durante o julgamento de Spock, estamos, na verdade, vendo trechos da primeira história, tanto que é possível distinguir o Visual diferente dos uniformes e instrumentos e o comportamento ainda não muito definido de Spock, que aparece até mesmo sorrindo.

O episódio se passa em dois tempos: no presente da *Enterprise*, quando Spock age de maneira ilógica para ajudar o capitão Christopher Pike, o antecessor de Kirk no comando da nave, e é levado a julgamento; e no passado, quando Pike chega ao planeta Talos IV onde vive sua aventura.

O capitão Pike que aparece nas cenas vistas no presente da história é um homem deformado, sofrido (interpretado, é claro, por um figurante, já que o ator Jeffrey Hunter estava desligado totalmente do seriado), mas a tragédia dessa imagem e o contraste com o personagem jovem e carismático, fez Pike tomar-se, apesar de sua pequena participação no seriado, um dos mitos de STAR TREK. NO universo ficcional da série, por sinal, Pike aparece na linha de comando da *Enterprise* antecedido por Robert April, o primeiro capitão da nave. Robert April foi um dos primeiros nomes cogitados por Roddenberry para o personagem de capitão (assim como Robert Winter), mas acabou sendo absorvido pelo imaginário da série.

Por ocasião da comemoração dos 20 anos do seriado, em 1987, Gene Roddenberry lançou **A Jaula** na íntegra, em fita de vídeo, com pedaços coloridos (os utilizados em **A Coleção**) e o restante em preto e branco, uma vez que a cópia original da história foi destruída pela emissora e o criador só possuía uma cópia em preto e branco. No Brasil, essa mesma fita foi lançada, mas em sua versão colorizada e, apesar de anunciado na capa, sem a apresentação que Gene Roddenberry faz antes do início da história. É interessante observar que, esteticamente, **A Jaula** tem mais semelhanças com **A Nova Geração** do que com a **Série Clássica**, por seus personagens notadamente mais formais e seu visual mais *clean*, guardadas, naturalmente,

as proporções de comparação em função da época em que foi concebida.



A Licença



Título da adaptação: Shore Leave

Título do episódio: Shore Leave

Título em português: A Licença (nas duas versões)

Data da primeira exibição: 29/12/66

Data estelar: 3025.3

História de Theodore Sturgeon

Direção de Robert Sparr

Atores convidados:

Angela Martine-Teller: Barbara Baldwin

Ruth: Shirley Bonne

Ordenança Tonia Barrows: Emily Banks

Tenente Esteban Rodriguez: Perry Lopez

Licença



O capitão James Kirk acomodou-se em sua cadeira para observar a tela visual. Pelo menos esse planeta não estava emitindo torpedos fotônicos ou sinais misteriosos, só para variar um pouco. E sinceramente esperava que nada de anormal começasse a acontecer: ele não tinha certeza se estava em condições de resolver mais algum problema. Até sua mente estava funcionando lentamente.

Em função disso, mal percebeu que alguém se aproximava por trás dele. Kirk estava mais preocupado com o fato de que não deveria apresentar um aspecto tão desleixado na ponte e, ao endireitar-se na cadeira, sentiu uma pontada de dor nas costas.

— Alguma notícia do grupo de descida, sr. Spock?

— sem olhar para seu primeiro oficial.

— Um informe deve ser enviado a qualquer momento — disse o vulcano, observando-o atentamente.

— Algum problema, capitão?

— Um mal jeito em minhas costas. Isso, bem aqui.

Mãos fortes começaram a massagear o músculo dolorido. Kirk sempre podia contar com Spock.

— Um pouco mais para cima. Isso... bem aí, Spock. Ai, ai... pode ser mais forte...

Kirk notou, no entanto, que Spock estava bem à sua frente. Mas a massagem em suas costas prosseguia.

— O quê... ? — A ordenança Tonia Barrows sorriu, quando o capitão virou a cabeça para vê-la trabalhar com suas mãos hábeis. Agora só faltava ele começar a usar a tripulação feminina para fazer suas massagens pessoais... — Obrigado, ordenança — disse ele, apressado. — Já é o suficiente.

— O senhor precisa dormir, capitão — disse ela, preocupada. — Se eu puder sugerir...

— Já ouvi muita sugestão do dr. McCoy, ordenança. Obrigado novamente.

Spock cruzou os braços. — E dr. McCoy tem absoluta razão, capitão. Depois do que esta tripulação passou nos últimos meses, não existe uma única pessoa a bordo que não precise de descanso. Exceto por mim mesmo, é

claro.

Às vezes não dava para agüentar o Spock... Mas Kirk não precisava mesmo permanecer na ponte; ele poderia estar fazendo o diário de bordo em sua cam... ou melhor, alojamento, enquanto esperava pelo informe da turma de desembarque.



Kirk pressionou o botão de gravar: — Diário de bordo, data estelar três-zero-dois-cinco ponto ah... três. Estamos orbitando um des-bi... desa... desabitado planeta na região de Omicron Delta. Um planeta muito parecido com a Terra, ou de como lembramos da Terra. Informes preliminares dão impressões boas demais para serem verdade: flores e árvores, muito repouso — Ele bocejou. — Dependendo dos informes do pessoal, planejo autorizar uma licença paia a tripulação...



Na superfície, a turma de desembarque estava aproveitando do ar fresco e do aroma da vegetação e das flores. As imensas árvores oscilavam ao sabor da leve brisa. O céu era incrivelmente azul. Há quanto tempo alguém a bordo da *Enterprise* tinha chance de reparar no tempo, sem maiores preocupações? pensou McCoy.

Não havia prédios, apenas árvores. Sem qualquer outro ser, com exceção deles mesmos, das margaridas e da quietude geral. Os tripulantes nunca percebiam os monótonos ruídos da nave até que se livravam deles.

— É lindo — exclamou Sulu, admirando as florestas e a pradaria verde. — Sem animais, sem pessoas, sem preocupações... tudo o que o doutor recomendou, não é?

— Eu mesmo não prescreveria nada melhor — concordou McCoy, satisfeito. — Nossa nave está cansada.

— Acha que o capitão vai nos dar licença aqui?

— Depende de meu informe e do resto da equipe de desembarque. Oh!

Sulu acompanhou o olhar do médico. À frente deles, havia um pequeno lago, uma espécie de jóia em meio às folhas verdes. Margeado por arbustos tomados de flores e salgueiros chorões.

— Você tem de ver esse lugar para acreditar que existe — comentou McCoy, em deleite. — É algo como... como *Alice no País das Maravilhas* O capitão precisa descer para ver!

Sulu concordou totalmente. — Ele vai gostar.

— Ele *precisa* gostar. Você tem seus problemas e eu tenho os meus. Mas ele tem os dele, mais os nossos e os de quatrocentas e trinta outras pessoas

— McCoy aproximou-se do lago, embebendo do sol e do ar cáli-do. Extasiado pela terra das maravilhas, mal lembrava da presença de Sulu. — O que você está fazendo?

Sulu estava agachado junto a uma planta, ajustando seu tricorder. — Registrando as estruturas celulares... a grama, os arbustos, pétalas de flores; com isso, podemos analisar toda a biologia do planeta.

McCoy o deixou com seu divertimento. Não estava interessado em fazer análises. Preferia passear, absorvendo a paz e o encanto do lugar.

— Oh! Pelos meus bigodes e minhas patas! Estou atrasado!

McCoy voltou a si com um choque. Estou tendo alucinações, pensou. Devia estar mais cansado do que imaginava. Por seus bigodes, mesmo! McCoy voltou-se lentamente para olhar de novo e confirmar o que achava ter visto.

Lá estava ele. Dando pulinhos em suas patas traseiras. Cerca de um metro de altura, com um rabinho branco e orelhas pontudas, a toda

hora olhando um antigo relógio cebolão, que retirava do bolso de seu colete.

— Ih! — disse o coelho branco, desaparecendo por entre um denso arbusto.

McCoy sacudiu a cabeça. Eu não vi aquilo. Estou certo de que eu não vi aquilo, disse para si mesmo. McCoy percebeu mais um movimento entre as folhagens.

— Desculpe-me, senhor — disse uma menininha usando vestido rodado e avental. — O senhor viu um grande coelho branco com um colete amarelo e luvas brancas passando por aqui?

McCoy também não podia acreditar nisso. Mas, numa espécie de transe, indicou a direção tomada pelo coelho.

A menininha fez uma reverência e disse: — MUITÍSSIMO obrigada, senhor — e desapareceu atrás do coelho.

McCoy fechou os olhos bem apertados. — Sulu! Sulu!

Não queria mais abrir os olhos. Era melhor Sulu ver por ele mesmo, pois McCoy já não acreditava nos próprios olhos.

— O que foi? O que aconteceu?

— Você... você os viu?

— Viu o quê? Eu não vi nada... — disse Sulu, olhando ao redor. — O que foi, doutor?

McCoy engoliu em seco. — Eu... ah... — Não havia nada a dizer. Ele simplesmente foi embora com Sulu.



— Capitão?

Alguém na porta.

Acordar. Ficar alerta. Responsável. Sangue, comece a circular. Você pode fazer melhor do que isso. — Sim? — perguntou Kirk, meio zozzo.

— Spock, capitão. Eu tenho o informe médico da equipe de desembarque.

— Entre, Spock — disse Kirk, levantando.

— Todos os sistemas estão no automático, capitão, e a tripulação de *stand-by* pronta para assumir a ponte, comunicações e engenharia — Spock era todo eficiência.

— Então vamos descer a primeira turma de licença, sr. Spock. De qual grupo gostaria de fazer parte?

— É desnecessário no meu caso, capitão. Em meu planeta, descansar significa descansar, cessar o desgaste de energia. Para mim, é ilógico ficar correndo pela grama verde, gastando energia ao invés de poupá-la.

Não dava para agüentar, pensou Kirk.

O intercom tocou. — Kirk falando.

— O dr. McCoy está chamando do planeta, senhor.

— Ótimo. Abra um canal, tenente Uhura.

— Capitão — disse McCoy. — Você vai descer?

— Não tinha planejado, Magro. Por quê?

— Bem, ou nossos sensores estão com defeito e todos nós aqui embaixo estamos intoxicados com a beleza, ou então devo relatar que estou incapacitado para o trabalho.

— Explique — Kirk sentiu-se deprimido. Problemas de novo, não... Equipamento quebrado ou sua equipe desabilitada, era demais. Grande!

— Nesse supostamente planeta desabitado — disse McCoy, com grande ênfase. — Eu acabei de ver um grande coelho branco puxar um relógio de ouro de seu bolso e dizer que estava atrasado.

Kirk explodiu numa gargalhada de alívio. — Muito bom, Magro. E o coelho estava sendo seguido por uma linda garotinha loura, não é?

— Bem, pra falar a verdade... estava e eles desapareceram através da folhagem.

Ainda rindo, Kirk disse: — Vou pensar a respeito de seu informe, doutor. Capitão desliga. — Ele olhou para um sr. Spock intrigado e explicou: — Esse é o dr. McCoy tentando me atrair para a superfície do planeta. Mas eu não caio nesse truque.

— Muito bem, capitão. Existe algo que vim discutir com o senhor. Um trecho do diário do dr. McCoy.

Kirk observou Spock mostrar um teipe.

— Temos um tripulante que está mostrando sinais de estresse e fadiga. Queda de produção em nove a doze por cento. Taxa de sociabilidade normal em menos três.

O interesse superou a exaustão de Kirk. — É uma taxa muito baixa.

— Sim, e ele está se tornando irritável, ineficiente e problemático. Ainda por cima, recusa-se a repousar para recuperar-se física e mentalmente — Spock fez uma pausa. — Ele tem o direito, é claro, de....

— Os direitos de um tripulante terminam onde a segurança da nave começa. Esse homem vai sair de licença sob minhas ordens — disse Kirk, aborrecido. — Qual o nome dele?

— James Kirk.

Kirk olhou o primeiro oficial de soslaio. É nisso que acontece quando se dá ordens sem conhecer os detalhes. Nesse truque ele havia caído...

Spock entregou o teipe. — Divirta-se, capitão. É um planeta interessante. Acredito que vai achá-lo agradável e muito parecido com a Terra. A equipe não detectou qualquer forma de vida, artefatos ou campos de força. Nada, a não ser paz, sol e ar fresco. O senhor não terá problemas.

Kirk deu de ombros e, finalmente, sorriu. — Você venceu, Spock. Eu vou descer.



Ordenança Barrows o acompanhou e ambos materializaram-se perto de outros dois tripulantes.

— Rodriguez, Teller — cumprimentou Kirk. — Tudo bem?

— Sim, senhor — respondeu o rapaz moreno, que estava carregando uma caixa de amostras. — Já completamos a pesquisa com espécimes.

A alferes que estava com ele parecia um pouco pensativa. Talvez estivesse cansada de trabalhar.

— É suficiente, sr. Rodriguez. Enviem seus relatórios ao sr. Spock e comecem a se divertir.

A garota sorriu. — Sim, senhor! — respondeu Rodriguez, entregando a ela o tricorder. — Ah, acho que o senhor vai encontrar o dr. McCoy mais adiante.

Kirk olhou o lugar. — Repousante, não? Depois do que já passamos, é difícil acreditar que um lugar tão lindo assim possa existir.

— É lindo ! — disse Barrows, fazendo um rápido rodopio. — Tão adorável e pacífico e... — Ela conteve-se, sem jeito. — Quero dizer, sim, afirmativo, capitão.

Kirk permitiu a si mesmo mostrar um pequeno sorriso por causa da jovialidade da ordenança e foi procurar McCoy, ainda acompanhado dela.

— McCoy? Onde você está?

A folhagem era bem densa antes de chegar à clareira

— Aqui! — orientou McCoy, que permanecia no local onde tivera seu estranho encontro.

— Magro! Conhece alguma boa piada de coelho? — brincou Kirk.

— Para falar a verdade, eu conheço — a expressão do médico era séria e isso preocupava Kirk. — Mas isso não é piada. Olhe só.

O sorriso de Kirk desapareceu ao olhar o que McCoy indicava. Pegadas. Num planeta sem animais. Grandes pegadas. Um animal saltador.

— Eu juro que vi, Jim. Talvez fosse alucinação, mas olhe bem e me diga o que você acha.

— Essas pegadas não são muito grandes para um coelho?

McCoy estava um pouco embaraçado. — Eu... eu disse em meu informe que se tratava de um coelho muito incomum.

Kirk ajoelhou-se para estudar as pegadas. — Confesso que pensei que era piada sua. Mas as pegadas são reais.

As pegadas distanciavam-se uma das outras, o que evidenciava pernas longas. — É Sulu? Ele confirma o que você viu?

McCoy sacudiu a cabeça. — Ele estava examinando a flora na ocasião.

— Não gosto disso, Magro — Kirk pegou seu comunicador. — Ponte, aqui é o capitão. O primeiro grupo de licença já desceu?

— Negativo, capitão. Estão prestes a fazê-lo.

— Mande-os esperar até segunda ordem. Ninguém deve deixar a nave sem que eu ordene.

Houve uma breve pausa antes de Uhura voltar a falar, meio decepcionada. — Sim, senhor.

McCoy protestou. — Está cancelando a licença, Jim?

— Até encontrarmos uma explicação para isso — disse o capitão, apontando as pegadas.

— Mas a tripulação precisa muito de descanso.

— Sei disso — Kirk sentia cada vez mais o peso da responsabilidade. — O que você viu parecia inofensivo, provavelmente era inofensivo. Mas antes de trazer minha tripulação aqui para baixo, quero provas de que é inofensivo.

McCoy estava prestes a protestar novamente quando foi interrompido por um barulho. Tiros. Tiros de arma de fogo.

Tanta paz e tranquilidade... Kirk puxou seu feiser e saiu correndo. Logo adiante encontrou Sulu todo sorridente, segurando de maneira inocente uma pistola.

Bang.

McCoy chegou quando Kirk demonstrava seu aborrecimento. — Senhor

Sulu, o que pensa que está fazendo?

— Tiro ao alvo, capitão. Não é uma beleza? Eu não tinha nada como isso na minha coleção.

— Onde conseguiu isso?

— Eu encontrei. Sei que é uma incrível coincidência, mas eu sempre quis uma assim. Eu a descobri ali embaixo — disse, eufórico, mostrando a arma ao capitão. — Uma velha arma de polícia, em condições excelentes. Uma arma como essa já não é feita há uns dois séculos. Veja só, dispara projéteis através de gases produzidos por explosão química.

Sulu e seus *hobbies*... — Eu já as vi antes — comentou Kirk, lembrando de certas aventuras vividas na história passada na Terra. Ele pegou a arma e sorriu para Sulu. Não podia censurá-lo, mesmo assim... — Vou ficar com isso, Sulu. Acho que o ar fresco o transformou num atirador muito eufórico.

Sulu parecia decepcionado, mas concordou. — Sim, senhor.

A ordenança Tonia Barrows não estava interessada em armas. Tão logo a emergência foi resolvida, começou a passear. Mas teve de gritar: — Capitão! O coelho do dr. McCoy! Ele deve ter passado por aqui.

Ela apontou um par de pegadas. — Magro, você está certo de que seus instrumentos não mostram sinais de vida animal nesse planeta?

— Claro que estou, Jim. Sem mamíferos, pássaros, insetos, nada. Estou certo que as leituras estão corretas, mesmo assim... — ele olhava, perplexo, para as pegadas.

— Gostaria sinceramente de acreditar que isso é uma piada bem contada. Mas... — Kirk olhou em direção à floresta. — Ordenança Barrows, fique com o sr. Sulu. Tentem descobrir de onde essas pegadas vêm — O casal seguiu cumprindo as ordens. — Eu e você, Magro, vamos voltar àquela clareira e dar uma outra olhada.

Enquanto caminhavam junto ao lago, Kirk resmungava, aborrecido: — Isso está se tornando uma licença muito estranha.

— Podia ser pior — disse McCoy, bem-humorado.

— Como assim?

— *Você* poderia ter visto o coelho.

Kirk riu, apesar de preocupado. — Qual o problema, Magro? Está com complexo de perseguição?

— Estou começando a me sentir um pouco visado, se é isso que você quer dizer.

— Sei bem como é isso. Eu sentia isso na Academia — comentou Kirk, pensativo, e McCoy ficou satisfeito por vê-lo um pouco menos tenso. — Havia um colega... um com mania de fazer piadas, uma atrás da outra, e eu era sua vítima favorita. Era meu pesadelo pessoal, um cara chamado

Finnegan.

— E você, sendo um cadete muito sério...

— Sério? Magro, tenho de confessar, eu era uma verdadeiro chato. E Finnegan adorava isso. Ele era do tipo *capaz* de colocar vim balde de água em cima da porta ou um prato de comida em sua cama. Você nunca sabia qual seria o próximo truque.

— E você ainda lembra disso, depois de tanto tempo?

— Olhe, mais pegadas. Parece que seu coelho veio dali.

McCoy observou o chão. — Veja, pegadas da menina também, Jim. A menina loura que eu vi atrás do coelho.

— Magro, você segue o coelho. Eu vou atrás da menina. Nos encontraremos do outro lado da colina.

McCoy concordou. Kirk acompanhou as pegadas da garota. Coelhos, meninas louras, armas antigas... o que viria pela frente?

Kirk não pensava em Finnegan há anos. Ele era infernal! Teve um dia em que...

Alto, forte, ombros largos, com um sorriso desafiante nos lábios, um figura estava a sua espera junto a uma árvore. Kirk não podia acreditar: — Finnegan!

O rapaz, usando uniforme da Academia, sacudia de tanto gargalhar.

— Nunca sabe quando vou aparecer, hein, pequeno Jimmy? — O mesmo jeito de falar, a mesma fanfarronice, o mesmo tom de deboche. Enquanto Kirk estava parado, incrédulo, Finnegan aproveitou para aproximar-se e desferir um inesperado soco, que atingiu o capitão direto no queixo. Kirk cambaleou, olhando o antigo colega, que estava pulando a seu redor, punhos em riste, convidando-o para uma luta. — Certo, pequeno Jimmy, vá em frente. Dê um soquinho em mim! Venha: é isso o que você sempre quis fazer, não é? — Era mesmo. Kirk saiu do estado de choque, decidido. Não, não ia perder essa chance de ajustar as contas com esse antigo desafeto. O sangue lhe ferveu nas veias quando lembrou de toda aquela perseguição e implicância nos tempos de estudo.

— Venha! Venha! — provocava Finnegan. Kirk partiu para cima dele.

— Vamos começar tudo de novo!

Uma mulher gritou. Atento, Kirk refreou seu murro. Era a ordenança Barrows? Ele era o capitão e uma de suas ordenanças estava em perigo. Que inferno! Correu em direção ao som, deixando Finnegan para trás. — Está fugindo, pequeno Jimmy? E isso aí! Fuja, covardão!

McCoy saiu do matagal, também correndo.

— O que foi aquilo?

— Barrows. Venha comigo!

Eles encontraram a ordenança acuada junto a uma árvore, com o uniforme rasgado e seu cabelo alvoroçado. Estava sozinha e soluçava histericamente.

— O que aconteceu?

— Eu... eu não sei. Quer dizer, eu acho... eu estava seguindo as pegadas e... oh... ele estava lá!

— Quem estava aonde?

— Ele! — gritou ela.

— Barrows, quero um informe!

Ela começou a recuperar seu controle. — Ele usava uma capa, senhor. E tinha uma adaga cravejada de jóias no cabo.

McCoy a estava examinando. — Ordenança, tem certeza de que não andou imaginando coisas?

Tonia puxou parte de seu uniforme rasgado para esconder o ombro desnudo, sentindo, de repente, envergonhada.— Capitão, eu sei que parece incrível. Mas eu não imaginei nada, como não estou imaginando isso aqui — disse ela, mostrando o estado de seu uniforme.

— Está certo — disse McCoy, gentilmente. — Acreditamos em você. Mas quem era seu Don Juan, afinal de contas?

— Como sabe disso?

— Sei o quê?

— Esse lugar parecia tanto... um livro de histórias — começou ela, fungando, ficando mais sem graça. — Eu estava pensando que toda garota precisa de um Don Juan. Estava apenas imaginando... sonhando de olhos abertos, sabe? Assim como vocês devem imaginar como é a garota de seus sonhos...

Kirk não estava preparado para isso. E também estava sentindo falta de algo.

— O sr. Sulu estava com você. Onde está ele?

— Oh, Sulu correu atrás... dele.

— Fique com ela, doutor — disse o capitão, indo embora.

— Senhor Sulu! — chamou ele. — Sulu! Onde está você? — Não houve resposta. Kirk atravessou um bosque e saiu numa clareira, uma espécie de jardim desértico, tomado de cactus florescendo. Ainda chamando seu piloto, começou a procurar entre as pedras.

Ele ouviu passos. — Sulu?

Não era Sulu. A garota diante dele sorria, com o vestido agitado pela brisa. Aproximou-se de Kirk, com os olhos refletindo várias recordações. A garota de seus sonhos...

— Ruth — murmurou ele, meigamente. — Você! Como, eu não

entendo...

— Jim, querido. Sou eu. Ruth.

Ele tinha cicatrizado aquela antiga ferida há muito tempo. Pressionado pelos exames de classificação e as obrigações de sua primeira viagem, ele a perdera, tivera de abrir mão dela.

— Você não acha que eu sou real — Kirk esquecer a de como sua voz era terna. Agora tudo voltava a sua mente, com a força da saudade. — Mas sou eu, querido. Sou eu mesma.

A Ruth de James Kirk não podia estar ali, naquele momento. Esta, no entanto, o abraçou tão suavemente que era difícil duvidar de sua existência. Ele não podia deixar de retribuir o abraço.

Tentou resistir, mas o dever falou mais alto. — Doutor McCoy, venha até aqui — disse ele, ao comunicador, mas com os olhos fixos nos de Ruth. — Doutor McCoy, está me ouvindo?

Ela tirou o aparelho de suas mãos. — Não pense em mais nada, querido, exceto que agora estamos juntos de novo.

Seu cabelo macio parecia acariciar a pele de Kirk.

— Ruth. Como pode ser isso? Você não pode estar aqui!

Ela aconchegou-se mais ao peito dele, e sua pele brilhava ao sol. — Isso realmente importa?

Quinze anos passados. Ela parecia ainda a mesma garota, jovem, suave, gentil, que aceitara com muita dificuldade o seu último adeus. — Não importa. Nada mais importa, Jimmy.

O comunicador bipou. — Kirk falando.

Era McCoy querendo saber se ele havia encontrado Sulu.

— O quê?

Ela ainda usava' seus cabelos num coque de trancas.

— Você achou o sr. Sulu?

— Oh... não — Kirk estava distraído. — Mas tenho certeza de que ele está bem — Seu olhar estava perdido nos olhos dela. — Quero dizer, por que não deveria estar?

— Capitão, você está bem?

— Oh, sim, estou bem

— O comunicador jazia esquecido sobre uma pedra, quando tocou novamente.

— Sim, sr. Rodriguez?

— Capitão, eu acabei de... de ver pássaros. Um monte deles.

— Não gosta de pássaros, sr. Rodriguez? — Ele estava de mãos dadas com Ruth.

— Eu gosto, senhor. Mas as pesquisas mostram que não há pássaros por

aqui...

Kirk não havia percebido os pássaros que existiam na floresta. Eles pareciam pertencer ao lugar.

— Eu diria que seus instrumentos estão com defeito, sr. Rodriguez. Existem formas de vida nesse planeta, não há dúvida.

Nada mais importava. Ruth encostou a cabeça em seu ombro.

Rodriguez era insistente: — Senhor, nossas pesquisas não podem estar erradas.

Ruth afastou-se um pouco dele e o olhou com saudade.

— Rodriguez, quero todas as equipes reunidas na clareira. E quero fazer algumas perguntas a respeito disso tudo.

— Sim, senhor.

Kirk não podia perdê-la de novo. Mas também não podia abandonar sua tripulação a toda uma sorte de perigos nesse misterioso planeta. Estava dividido entre seus anseios e suas obrigações.

Ruth largou sua mão e ofereceu-lhe um radiante sorriso.

— Você tem de ir.

— Eu não quero ir... — Mas precisava!

Dessa vez, ela não chorou, apenas o fitou, carinhosamente. — Você me verá de novo... se você quiser — Ela beijou seu rosto e afastou-se. Kirk pensou em segui-la.

— Mas tenho perguntas... você não me disse...

— Faça o que você tem de fazer. Estarei esperando, Jim.

Estaria mesmo? Mais uma vez? Ele a chamou, mas Ruth já havia desaparecido na floresta. O comunicador bipou novamente.

— Kirk falando — Seus olhos ainda estavam fixos nas árvores por onde Ruth desaparecera.

— Capitão — disse Spock — Estou captando leituras estranhas do planeta. Parece existir algum campo de força de algum tipo.

— Especifique.

— Um tipo de energia altamente sofisticada, que aparentemente começou a operar depois de nossos primeiros registros. Está drenando a força a bordo da nave e afetando muito as comunicações.

— Pode localizar a origem?

— A origem pode ser os subterrâneos do planeta, mas não posso determinar com precisão. O padrão indica atividade industrial.

Atividade industrial? Entre florestas e campos. — Mantenha-me informado, sr. Spock. Continuaremos investigando por aqui.



As investigações prosseguiram lentamente. Dr. McCoy estava sentado com a ordenança Barrows sob uma árvore. Ela ainda segurava o pedaço rasgado do uniforme sobre o ombro.

— Sente-se melhor?

Ela sorriu. — Um pouco. Mas não quero ficar sozinha aqui.

— Por que não? É um lugar lindo. Um pouco estranho, admito, mas...

— Mas é isso. É bonito demais. Eu estava pensando, antes de meu uniforme ser... rasgado... num lugar como esse, uma garota deveria estar vestida de acordo.

— A ordenança Barrows estava revelando um insuspeito traço de romantismo.

— Vestida, vamos ver, como... como um a princesa dos contos-de-fada. Um vestido rodado e um chapéu alto e com um lenço na ponta.

McCoy a olhou, gentilmente. E a olhou de novo. Ela era realmente uma garota adorável. Engraçado não ter reparado nela antes. E claro, antes ele a vira como uma paciente.

E ela era realmente linda.

— Sei o que quer dizer. Mas aí você teria de escapar de toda uma tropa de Don Juans. E de mim também.

Depois de sorrir, ela o olhou fixo. — Isso é uma promessa, doutor?

Os dois começaram a caminhar junto ao lago. O gorjeio dos pássaros enchia o ar e os raios do sol refletiam o verde das folhas em seus olhos.

— Oh! — exclamou ela, olhando um vestido de seda cuidadosamente colocado sobre um arbusto. — Oh, doutor, é lindo!

— Sim, muito — concordou McCoy, observando os olhos brilhantes da ordenança.

Ela cobriu o rosto com um lenço e observou o médico através da transparência. — Olhe para mim! — Ela rodopiou, alegremente, e então aproximou-se dele, falando com falsa seriedade. — Sou uma *lady* para ser protegida e por quem lutar, uma princesa de sangue real!

McCoy não sabia havia chegado tão longe. — Você é tudo isso e muito mais — o médico percebeu que já não tinha prática de galanteios, tantas eram as responsabilidades de seu trabalho. Felizmente, a moça conhecia muito bem o jogo da sedução, com sua alegria, sua vulnerabilidade e sua beleza.

Ele pegou o vestido e o entregou a ela. — Isso ficará ainda mais bonito quando você o estiver usando.

Seu olhar travesso subitamente encheu-se de pavor. — Tenho medo, doutor.

— Calma — disse ele, deixando-a esconder o rosto em seu peito. Tonia tremia e ele tentou ignorar seu ombro desnudo pelo uniforme rasgado. Nesse momento, McCoy sentiu uma pontada de ciúme e pensou em Don Juan, que a tinha visto antes. — Olha, não sei por que ou como, mas o vestido está aqui. Eu gostaria de vê-la vestida com ele.

Ela olhou para a roupa em dúvida. Depois segurou o vestido sobre seu corpo e, apesar dos temores, estava obviamente tentada a colocá-lo. — Está certo! — disse, então, correndo para um arbusto. — Mas você fica aí, doutor, e não espie!

— Minha querida donzela, eu não costumo espiar — disse McCoy, com falsa dignidade. — Só faço isso profissionalmente.

Mas o dr. Leonard McCoy, médico e *gentleman*, não podia ignorar sua perturbação ao ver o uniforme da ordenança ser colocado sobre o arbusto, que mexia ao sabor do movimento da moça trocando de roupa. Foi quando seu comunicador tocou.

— Chamando dr. McCoy. Responda, por favor, dr. McCoy...

— McCoy falando — Que hora para ser chamado!. — Não estou ouvindo direito. É você, Rodriguez?

— Esse é o maior volume que estou conseguindo. Também não ouço direito. Ordens do capitão: reunião na clareira onde vocês se encontraram.

— Certo. Rodriguez? O que há de errado com o comunicador? Esteban? Esteban!

McCoy sacudiu o aparelho como se pudesse fazê-lo funcionar. Como não conseguiu, deu de ombros. Ao voltar-se para o outro lado, engoliu em seco.

A ordenança Barrows havia desaparecido. Em seu lugar, estava uma linda visão medieval, usando um chapéu longo, com um véu na ponta, e um vestido verde claro, justo na altura do busto, mas graciosamente folgado a partir dos quadris. Seu rosto estava excitado.

Como é que ele não a havia notado antes?



O capitão fazia consultas com seu oficial de ciências, mas a comunicação estava péssima.

— Quero uma explicação, Spock. Primeiro, existe uma Alice no País das Maravilhas quando não deveria haver nenhuma vida animal. Depois, a arma do Sulu, onde não existem metais refinados. Aí, os pássaros e... e as duas pessoas que eu vi.

— Poderiam ter sido alucinações, capitão?

— Uma das alucinações me deu um belo soco no queixo. A outra...

— Parece que foi dolorosamente real, capitão.

— E ainda existem as pegadas...

— Deve haver uma explicação lógica. Capitão, seu sinal está muito fraco. Pode tentar ampliá-lo?

— Já estou no máximo.

Houve uma pausa. — Capitão, devo descer com um grupo de segurança?

Kirk achou melhor não. — Já estamos armados com feisers. Além disso, não existe um perigo real. É apenas... Bom, desligando.

Ele observou por instantes os pássaros cruzarem o céu. Sentia-se ainda tão cansado... se essa licença fosse uma licença e não um enigma! O que faziam aqueles pássaros voando? Alguma coisa aparentemente os assustara. Sulu! Ele ainda estava desaparecido. Kirk esfregou os olhos e seguiu para a floresta.

Foi quando ouviu mais um grito e um baque surdo. Enquanto corria, Kirk gritou por McCoy. Sulu saiu do interior da floresta a toda velocidade.

— Fuja, capitão! Tem um samurai atrás de mim!

— Um o quê?

Nada, ninguém, estava seguindo Sulu, que parou e ficou olhando para trás, ofegante. — Um samurai. Com uma espada... o senhor sabe, um guerreiro ancestral. Capitão, acredite em mim!

— Eu acredito. Também encontrei uns personagens bem interessantes. Viu o resto da turma de desembarque?

— Rodriguez me chamou há alguns minutos. Bem antes de eu encontrar o samurai. Ele me avisou do encontro na clareira.

Juntos, tomaram a direção do ponto de encontro. Sulu continuava a olhar, nervoso, para trás.

— Espero que Rodriguez localize todo mundo. As comunicações estão quase interrompidas.

— E não é só isso — acrescentou Sulu. — Tentei atingir o samurai. Meu feiser falhou.

Kirk ainda segurava sua arma e resolveu testá-lo. Disparou contra o chão e nada aconteceu. Em seguida, checkou o feiser e disparou de novo. Desistindo, colocou-o no cinto.

— E melhor nos apressarmos.

— Sim, senhor. Olhe! O ar encheu-se com um som familiar, errático, mas inconfundível. — Alguém está se teletransportando da nave.

Certamente, alguém estava tentando, mas havia uma certa obstrução. Kirk ficou preocupado se o teletransporte, assim como os outros instrumentos, também não estaria falhando. O feixe de luz do teleporte não conseguia completar o processo. As partículas insistiam em tomar forma,

mas fracassavam. Depois de alguns instantes, Spock materializou-se diante deles.

— Spock! Minhas ordens eram para ninguém deixar a nave.

— Foi necessário, capitão. Não estava conseguindo contactá-lo pelo comunicador e o transporte está quase inoperante agora. Como eu lhe disse, existe um campo de força sugando todas as fontes de energia. Calculei a taxa de crescimento e concluí que apenas mais uma pessoa poderia ser teletransportada. Por isso estou aqui.

Kirk tinha de aprovar sua decisão. — Está certo. Podemos precisar de sua ajuda.

— Estamos presos aqui, capitão? — perguntou Sulu, ansioso.

— Até pelo menos descobrirmos o que está acontecendo.

Um tigre rosnou à distância.

— Por ali! — gritou Kirk. — Vamos encontrá-lo — Ele tentou não pensar nos feisers inoperantes.



Na clareira, Tonia Barrows e McCoy esperavam pelos outros, um pouco relutantes.

— Não estão aqui.

— Mas esse é o ponto de encontro — disse McCoy.

A garota andou pelo

lugar e o médico a seguiu. — O que foi isso? Eu acho... eu juro que ouvi alguma coisa.

— Não fale assim! — Apesar da roupa esplêndida e do olhar carinhoso de McCoy, ela ainda estava sobressaltada.

— Uma princesa não deveria ter medo, não com um bravo cavalheiro para protegê-la.

Ela sorriu, timidamente, e foi se proteger do sol sob a sombra de um carvalho. De repente, um tumulto e Barrows começou a gritar como se lutasse com alguém. McCoy correu a socorrê-la.

McCoy chegou disposto a tudo, já com o punho em riste Não ligou o elegante chapéu com uma pluma, não ligou o elegante cavanhaque ou a elegante e esvoaçante capa do libertino que estava atacando a oficial. Covarde demais para lutar, Don Juan fugiu.

McCoy amparou a ordenança por alguns instantes, sentindo-se extremamente cavalheiresco. Tinha combatido por sua donzela, e o faria de novo.

O casal pôde ouvir sons de cascos à distância. Os dois voltaram-se e viram, atravessando a pradaria, um cavalo imenso e surgido da floresta.

Sobre ele estava um cavaleiro numa brilhante armadura.

Mais uma vez McCoy não podia acreditar em seus próprios olhos. O Cavaleiro Negro abaixou sua ameaçadora lança e atçou a montaria.

Esses personagens de contos-de-fada já estavam passando os limites, pensou McCoy. Ele ia lidar com essa aparição da maneira adequada, como merecia um mero segmento da imaginação. Sendo irreal, era inofensivo. Uma alucinação não poderia causar mal algum. McCoy resolveu confrontá-lo de peito aberto, sem armas.

O Cavaleiro Negro cruzou a pradaria a toda velocidade, com a lança em riste.

— Cuidado, Magro! — McCoy ignorou o grito de alerta de Kirk, que chegava nesse momento. Determinado, irredutível, caminhou de encontro ao cavaleiro galopante.

O feiser de Kirk falhou de novo. Ele pegou a antiga pistola que havia confiscado de Sulu justo no momento em que a lança do cavaleiro varou o peito de McCoy.

O cavalo relinchou, enquanto Tonia gritava desesperadamente. O Cavaleiro Negro voltou a empunhar sua arma e foi nessa hora que Kirk atirou, fazendo o homem na armadura cair ao chão, alguns metros adiante. Os gritos de Tonia continuavam ecoando quando a moça caiu de joelhos junto ao corpo de McCoy. — Ele está morto, ele está morto. E é tudo minha culpa. Nunca teria acontecido se... ohhh!

— Não, Tonia... — disse Kirk.

— Mas foi, foi. Minha culpa. Eu sou culpada! — Ela estava histérica. — Eu o matei! Eu matei Leonard — Kirk tentou pegar seu braço, mas ela livrou-se dele e começou a socar o chão.

— Ordenança — chamou ele, em sua voz mais dura. — Estamos com problemas. Eu preciso de todos os tripulantes alertas e pensando.

Aos poucos a histeria a abandonou. — Sim, senhor — disse a moça, levantando-se e procurando recuperar a compostura.

Spock cobriu o corpo de McCoy, ocultando seu ferimento. Kirk deu as costas por momentos, tentando esconder a dor em seu rosto. Seu amigo estava morto. E eles foram atrás de uma licença para ganhar forças... Mascarando sua expressão de sofrimento com uma calma impassível e sem olhar para trás, Kirk dirigiu-se a Sulu. O piloto estava agachado junto ao corpo do Cavaleiro Negro.

— Capitão, não estou entendendo — disse o oriental, preocupado.

— Nem eu, sr. Sulu — murmurou Kirk, olhando o homem na armadura com raiva incontida. — Mas antes de deixarmos esse planeta, vamos entender.

— É melhor dar uma olhada nisso, senhor — insistiu Sulu, abrindo o visor da armadura para revelar o rosto do assassino de McCoy.

— Mas o quê... — Kirk olhou assustado para a perfeição dos traços esculpidos numa máscara de cera.

— É um manequim, capitão. Não está vivo.

— Tricorder?

— Não operacional.

— Spock! — chamou Kirk, passando o instrumento ao primeiro oficial.

— O que pode fazer com isso?

Spock fez as leituras com alguma dificuldade. — Não é tecido humano, senhor. Muito semelhante aos compostos sintéticos usados em cirurgias. Mais delicado, é claro.

— Senhor Spock, quero um julgamento exato.

— Definitivamente, é de origem mecânica. Seus tecidos têm uma estrutura celular semelhante às plantas desse planeta.

— Está sugerindo que isso é uma planta, Spock?

Spock concordou, também evidenciando sua admiração.

— Estou dizendo que todas essas coisas são arranjos multicelulares. As plantas, as pessoas, os animais... todos são manufaturados.

— Por quem? E por quê? E por que esses personagens em particular?

Spock sacudiu a cabeça. — Tudo o que sabemos é que eles agem exatamente como a coisa real. Tão agradável e... e tão letal quanto os verdadeiros.



Esteban Rodriguez não conseguira chegar ao ponto de encontro por causa do tigre de Bengala, que aparecera em meio às rochas e ficara rosnando para ele. Rodriguez, no entanto, conseguira escapar e estava contando sua aventura à ordenança Ângela Teller enquanto se encaminhavam para a clareira.

Foi quando algo passou zunindo sobre suas cabeças. Eles olharam para cima e viram um antigo avião da Segunda Guerra Mundial da Terra fazendo evoluções.

— O que é isso?! — perguntou Ângela.

— Que loucura! Lembra que eu estava falando agora há pouco sobre como eram engraçados os veículos aéreos usados nas guerras de antigamente?

Ângela concordou e ele olhou para cima de novo.

— Pois esse é um deles.

O avião mergulhou diretamente contra eles. Ângela continuava a olhar,

tensa.

— Pode nos ferir?

— Não, a não ser que comece a nos metralhar — disse ele, maravilhado com a visão. Era uma ótima oportunidade para demonstrar seu conhecimento a respeito. Jamais pensara que poderia ver um desses aviões voando de verdade!

— O quê? — Ela estava impressionada.

— Eles costumavam atacar pessoas no chão.

Nesse momento, o avião fez meia-volta e tomou a direção dos dois tripulantes. Num mergulho, começou a disparar contra eles.

— Santa Maria! — exclamou Rodriguez, puxando a garota para um abrigo das rochas próximo. Enquanto o avião ganhava altura novamente, a ordenança tropeçou e caiu.

— Ângela! — Ele a ergueu. O corpo da moça ficou inerte em seus braços.



Kirk e Spock estavam observando à distância o vôo do avião quando Sulu os chamou.

Os corpos de McCoy e do Cavalheiro Negro haviam desaparecido.

— Vejam! Eles foram levados.

Eles estavam vivendo um pesadelo. — Spock! — disse Kirk, em desespero.

O vulcano não parecia muito confortável. — A esse ponto, capitão, receio que minha análise não possa ser muito científica.

— A morte de McCoy é um fato científico — retrucou Kirk. Uma realidade inegável, concluiu ele, em pensamento.

— Existe uma tênue possibilidade. Algo bem diferente, no entanto... Capitão, quais eram seus pensamentos antes de encontrar as pessoas que o senhor citou?

Kirk tentou lembrar-se. — Eu estava pensando... na Academia.

— *Ei, Jimmy, meu garoto!*

Lá estava ele de novo. Finnegan. Correndo através da clareira.

— Vejo que você foi buscar reforço! — provocou ele. — Estou esperando por você, pequeno Jim!

— Finnegan! O que está acontecendo com meus homens?

O cadete, debochado como sempre, ria e se escondeu atrás das árvores. A risada do antigo colega fez Kirk não conter sua ira.

— Pegue o sr. Sulu.

Procurem o corpo de McCoy. Esse homem é problema meu — disse o

capitão, correndo atrás de Finnegan.

— Capitão... — tentou Spock.

— Isso é uma ordem, Spock! — gritou Kirk, já metido entre as árvores, no encalço de Finnegan.

A risada ecoava pela floresta. Kirk conseguiu alcançá-lo, mas ele começou a esquivar-se em movimentos rápidos, de um lado para outro.

— Por aqui, pequeno Jim, meu garoto!

Ele circulou um arvoredo e foi parar numa colina rochosa. Não havia vegetação, apenas um deserto preenchido pela zombaria da voz de Finnegan.

— As pernas não estão agüentando, Jimmy? Isso é a idade!

A voz vinha de trás. Kirk virou-se e percebeu que agora vinha do alto.

— Como antigamente, hein, Jim? Lembra? Você nunca conseguia achar a cabeça com as próprias mãos!

Kirk cerrou bem forte os punhos. Ia acabar com Finnegan nem que fosse a última coisa que faria em sua vida.

— Por aqui, Jimmy! Por aqui!

— Finnegan! Eu quero algumas respostas!

— Então suba! Hi-hi-hi-hi!

Kirk perseguia a voz, já espumando de raiva. Finnegan esperou junto a uma rocha e Kirk começou a escalar em sua direção.

Com agilidade, Finnegan jogou-se em cima dele. Os dois caíram juntos ao chão e começaram a rolar nele, numa sucessão de socos. Kirk tinha consciência do profundo prazer que sentia nesse corpo a corpo, apesar de saber que Finnegan jamais perdera uma luta: era fácil ver sua confiança e habilidade. Kirk recebia o impacto de murro após murro sem ser capaz de desferir um único soco razoável. Estava estourado e completamente esgotado por causa da caçada e da escalada.

Finnegan levantou-se e o olhou caído ao chão. — Levanta! Levanta, Jimmy! Você sempre luta limpo, não é oficial cavalheiro? Seu calouro estúpido! Você chegou ao fim! — A voz de Finnegan traduzia todo seu triunfo. — Eu ainda tenho vinte anos... e olhe para você! Você é um velho!

Kirk rolou o corpo e, num giro rápido, o atacou. Finnegan tentou esquivar-se, escorregou e caiu feio. Kirk saboreou um breve momento de vitória.

— Ai, ai... — gemeu o cadete, prostrado no chão. — Jim! Eu não posso mexer as pernas! Aiii. Minhas costas... quebrei a coluna. Ai, ai, ai... Você quebrou minha coluna...

Como oficial e cavalheiro, Kirk ajoelhou-se e cuidadosamente endireitou o corpo de sua vítima. Depois verificou as condições do músculo. Finnegan gemia e parecia atordoado. Kirk aproximou-se com prudência, mas

preocupado. — Pode sentir isso?

Foi atingido em cheio na nuca por um poderoso golpe de Finnegan, que ergueu-se agilmente, dando gargalhadas.

— Pode sentir isso? — zombou ele. — Bons sonhos, doce Jimmy. Durma o quanto quiser. Durma para sempre, pequeno Jimmy, para sempre e sempre...

Kirk não estava em condições de apreciar a canção de ninar. Sua visão estava ofuscada por confusas imagens, seu nariz doía e sua cabeça estava pousada diretamente em cima de uma pedra pontuda.

A figura Finnegan apareceu com o céu do planeta ao fundo. O cadete estava com as mãos nos quadris, sacudindo a cabeça num lamento.

— Você nunca aprende, não é Jimmy? Você não pode comigo!

Kirk ergueu-se com muita dificuldade e, escorando-se num cotovelo, cuspiu um pouco de sangue. Encarou o oponente.

— Finnegan, só mais uma coisa.

Magnânimo, Finnegan disse: — Claro, diga.

— Respostas! Ele devia saber.

— Vem pegar!

Kirk tentava levantar quando Finnegan o derrubou de novo. Ficou deitado ali, por um minuto. Isso já tinha ido longe demais. Tinha de dar um jeito naquele fanfarrão desordeiro. Reunindo todas suas forças e pensando em seu treinamento de combate sem armas, Kirk colocou-se de pé. Finnegan gesticulou um "venha, venha", já em posição defensiva. Vou tirar esse sorriso imbecil de sua cara, pensou Kirk, partindo para o ataque. Ele desferiu um soco e Finnegan cambaleou, retomando o equilíbrio em seguida.

Pareciam ser horas de golpes nas costelas, no queixo, no peito. Estava ficando cada vez mais difícil erguer o punho para um novo soco, assim como estava cada vez mais difícil até mesmo respirar. Num último esforço, Kirk atingiu Finnegan no diafragma. O brutamontes caiu, mas levantou de novo. Kirk encostou-se numa rocha, tentando respirar. E ele pensava que estava cansado antes disso tudo começar... Não podia fechar os olhos nem para livrar-se das gotas de suor que rolavam de sua testa, pois Finnegan estava lá, prestes a dar o bote. Kirk não tinha condições nem de levantar os braços!

Finnegan aproximou-se lentamente. — Nada mau... — disse ele, relutante.

— É isso aí.

— Uau... indo à forra, hein, Jim?

Kirk limpou o sangue de seus lábios. — De um monte de coisas — Ele também sentiu seu olho roxo. — Agora, me diz o que aconteceu a minha gente.

Com sua arrogância habitual, Finnegan sorriu maliciosamente. — E nunca respondo a calouros.

— Não sou um calouro. Isso é agora, quinze anos depois. O que você está fazendo aqui?

Durante um bom tempo os dois encararam-se fixamente.

— Estou sendo exatamente o que você espera de mim, pequeno Jim! — gritou Finnegan, enquanto atirava um punhado de terra nos olhos do capitão. Kirk perdeu o equilíbrio, mas ainda conseguiu dar um pontapé no tórax do outro.

Esgotados, movimentando-se como dois bêbados cambaleantes, nenhum dos dois desistia. Finnegan não estava mais rindo. Para quem tinha apenas vinte anos, pensou Kirk, ele estava cansado, mais cansado que o velho calouro. Esquivando-se de um golpe, Kirk o agarrou pela gola do uniforme e, socando-o diretamente no estômago, sentiu-o emitir um derradeiro grunhido.

E isso foi tudo. Finnegan estava fora de combate. E Kirk, completamente sem fôlego, ferido e sangrando, sentia uma perversa satisfação. Depois de todos esses anos...

Enquanto Kirk sentia a dor provocada pelo sorriso em seu lábio arrebatado, assustou-se com a voz de Spock: — Divertiu-se, capitão?

— Sim — respondeu Kirk, sem fôlego. — Eu me diverti. Por quase toda minha vida eu quis dar uma lição em Finnegan.

Spock ergueu sua sobrancelha. — Isso vem ao encontro a uma teoria que estou desenvolvendo...

— Que nós estamos encontrando pessoas e coisas sobre as quais pensamos no momento.

Spock concordou. — De algum modo, nossos pensamentos são lidos e o objeto deles é rapidamente manufaturado e providenciado.

— Então é perigoso se começarmos a pensar sobre... — e Kirk interrompeu a si mesmo.

— Devemos controlar nossos pensamentos — concluiu Spock, para quem, obviamente, isso não seria difícil.

Kirk tentou não pensar em nada... o que não era fácil.

— O campo de força que detectamos está, sem dúvida, nos subterrâneos do planeta e é a explicação para toda essa produção de coisas. Depois de produzidas, elas são trazidas à superfície. Por exemplo, quando Rodriguez pensou num tigre... — Mas até Spock não era infalível. Mal começou a falar, o rugido de um tigre interrompeu seu raciocínio. Eles olharam para o lado e viram um majestoso tigre de Bengala, observando-os nas rochas. A fera movimentou-se suavemente em direção a eles.

Paralisado, Kirk continuou com o olhar fixo no animal.— Temos de voltar e avisar os outros.

Spock, também imóvel, assentiu.

— Vamos dar o fora daqui.

— Imediatamente, capitão.

Eles procuraram por uma saída. — Vá você primeiro, Spock. Eu vou distrair a fera.

— Não posso deixá-lo fazer isso, senhor. Eu o distrairei.

O tigre esperava pacientemente para ver qual dos dois faria o primeiro movimento. Deitou-se calmamente e começou a lamber as patas.

— Vamos nos mover lentamente.

Com extremo cuidado, Kirk começou a andar. O tigre o observou com interesse. Então voltou a levantar-se e deu um passo. Spock acompanhou Kirk em seus movimentos suaves até contornarem uma grande pedra. Aí começaram correr a toda velocidade.

Indiferente, o tigre foi embora.

Rodriguez tropeçou na vegetação em seu caminho. — Ângela! O avião! — Nesse exato momento, o bimotor apareceu novamente sobre suas cabeças, num meio-mergulho. Kirk e seus homens jogaram-se ao chão quando começaram a ser metralhados durante a corrida.

— Parem de pensar! — gritou Kirk. — Todos para a clareira, rápido!

— Hai! — exclamou o samurai que encontraram pelo caminho, agitando sua imensa espada. Como o guerreiro se viu atrapalhado com a própria vestimenta, foi fácil ultrapassá-lo.

Quando alcançaram a clareira, a ordenança Barrows parecia estar em dificuldades de novo. Sulu estava enfrentando o cavaleiro de cavanhaque e capa, enquanto Tonia voltava a se preocupar com o uniforme rasgado; aparentemente, ela havia trocado de roupa nesse meio tempo. Don Juan saiu correndo quando Kirk e Spock chegaram atirando pedras.

— Sulu, Rodrigue, Barrows... enfileirados! — ordenou Kirk.

— Senhor...

— Sem perguntas. É uma ordem!

Todos obedeceram. Tonia lutava com seu uniforme.

— Todos vocês! Não falem! Não respirem! Não pensem! Não se mexam! Fiquem concentrados apenas nisso! Concentrem-se! Fiquem bem concentrados.

Os três tripulantes obedientemente lutaram para não pensar.

Spock chamou Kirk, que virou-se para ver uma nova aparição. Um homem idoso e de aparência gentil, usando uma túnica e sorrindo para eles.

— Quem é você? — De que pensamento teria surgido essa criatura?

— Eu sou o zelador desse planeta, capitão Kirk.

— Você me conhece?

— Claro que sim — Ele olhou os outros tripulantes admirados. — E tenente Rodriguez, tenente Sulu, ordenança Barrows e o sr. Spock.

Os perigos vividos até agora nesse planeta jamais chegaram camuflados em pele de cordeiro. Eram ame-

aças explícitas, mas dessa vez...

— Eu vim checar nossos suprimentos de energia e só então percebi que estávamos com convidados que não entendiam o objetivo disso tudo. Essas experiências que visam apenas divertir as pessoas.

Kirk estava surpreso. — Divertir-nos?! É assim que você chama tudo isso pelo que passamos?

O homem riu, de forma gostosa. — Oh, nada disso é permanente — Ele gesticulou indicando a clareira, a floresta, a pradaria. — Aqui você apenas tem de imaginar seu mais ansiado desejo... desejos antigos, desejos novos, batalhas, temores, amores, vitórias, tudo o que quiser pode acontecer aqui.

— O termo seria... — disse Spock, pensativo — Parque de Diversões.

— Isso mesmo — confirmou o zelador, como se fosse a coisa mais óbvia do mundo.

— É o antigo nome da Terra para um lugar onde as pessoas iam procurar por todos os tipos de divertimento e fantasias.

— Esse planeta foi construído para as pessoas de nossa raça, capitão. Nós sempre viemos aqui brincar.

Sulu estava intrigado.

— Brincar? Uma raça tão avançada quanto a sua e ainda brincam?

O zelador o olhou com pena. Kirk fez um gesto para Sulu ficar em silêncio.

— Brincar, sr. Sulu. Quanto mais complexa a mente, maior a necessidade de diversão simples.

— Exatamente, capitão. Você é muito sensível — aprovou o zelador. — Lamento muito que seu equipamento tenha sido afetado. O sistema precisava de uns ajustes, pois estava sugando energia da fonte mais próxima. Mas, não se preocupem, vocês vão descobrir que isso já foi consertado.

Mas nem tudo havia sido uma brincadeira. A luta com Finnegan fora extremamente satisfatória; o tigre não havia ferido ninguém; e a virtude de Tonia estava ainda intacta. Mas...

— Nada disso explica a morte do médico de minha nave — O parque de diversões de uma raça avançada havia se transformado no cemitério para um de seus homens. A face gentil e as palavras seguras do zelador não eliminavam o fato de que os brinquedos dessa raça eram muito perigosos.

— Provavelmente porque ninguém morreu, Jim — disse McCoy, atrás de todos.

A ordenança Barrows ficou pálida, mas, em seguida, sorriu radiante.

McCoy, na mais perfeita saúde, aproximou-se abraçado a duas belas mulheres vestidas com roupas sumárias.

— Eu fui levado para o subterrâneo do planeta — explicou ele, indicando o lugar no peito onde havia sido ferido. — Lá sofri admiráveis... "reparos". É incrível! Existe uma verdadeira fábrica lá embaixo, algo como jamais vi em minha vida! Eles podem construir tudo, imediatamente.

Tonia aproximou-se dele com ar completamente incrédulo. Ela tocou o peito do médico, que era vira ser varado pela lança. Só então conscientizou-se de que McCoy não estava só, ou melhor, estava muito bem acompanhado.

— Como explica *elas*? — perguntou, enciumada.

— Ah... — McCoy olhou sem jeito para as duas moças voluptuosas e seminuas junto de si. — Bem, eu estava pensando num pequeno cabaré em que estive em Rigel II. Essas duas garotas faziam parte do espetáculo... e... eu... Bem, elas estão aqui.

Tonia continuava olhando, seriamente. — Bom, afinal de contas eu estou de licença... — tentou ainda justificar.

— Eu também estou — disse Tonia, significativamente.

— É ... — murmurou McCoy, querendo fugir. — Você também.

Barrows estava esperando.

Conformado com a situação inevitável, mas também atraente, McCoy despachou as belas acompanhantes. — Bem, garotas, estou certo de que vocês saberão se arranjar.

As dançarinas sorriram sedutoramente em despedida e tomaram outra direção. Sulu gostou muito quando a ruiva partiu para seu lado, mas Spock não pareceu muito satisfeito quando a loura resolveu escolhê-lo. O vulcano tentou educadamente evitá-la, mas não adiantou. A loura permaneceu alarmantemente bem junto a ele.

Rodriguez murmurou, surpreso: — Ângela?

— Esteban! — disse ela, aproximando-se também. — Eu estava procurando por você!

O tripulante segurou a mão da moça, incrédulo.

O zelador sorriu, apreciando a situação. — Lamentamos que vocês estejam desconfortáveis, até mesmo intrigados.

Kirk conseguira relaxar o bastante para ficar curioso. — Você diz que seu povo construiu esse lugar? Quem são vocês? De que planeta vieram?

O zelador sacudiu lentamente a cabeça. — Sua raça ainda não está preparada para entender a nossa, capitão Kirk.

Spock, ainda tentando desvencilhar-se da loura charmosa, disse: — Creio que concordo.

O comunicador bipou. — Aqui é a ponte, capitão. Nossos sistemas estão operacionais. Vocês querem assistência?

— Está tudo em ordem, tenente Uhura. Aguarde.

Tudo agora parecia estar em ordem, mesmo assim...

— Com a precaução apropriada, nosso planeta de divertimentos seria o local ideal para seu pessoal descansar, capitão, se assim o desejar — disse o zelador.

McCoy, agora de braços dados com Barrows, concordou: — É o que o doutor recomendaria, Jim.

— Muito bem... Ponte! Vou enviar um breve informe. Assim que todo o pessoal tomar conhecimento dele, pode começar a coordenar o transporte dos grupos em licença. E diga a eles que se prepararem para ter a melhor licença de suas vidas.

Assim que Kirk desativou seu comunicador, Spock aproximou-se, ainda acompanhado pela lânguida dançarina: — Vou voltar para a nave, capitão. Com o devido respeito a jovem senhorita aqui, já tive toda a licença de que precisava.

A jovem loura, admitindo sua derrota, juntou-se à amiga. Sulu não pareceu se importar.

— Sim, sr. Spock. E eu vou com o senhor...

Foi quando ele viu Ruth ao longe, acenando e sorrindo.

— Por outro lado, talvez eu deva ficar um dia ou dois... — disse Kirk, deixando Spock com seu comunicador.



Spock os recebeu na ponte, tão impassível quanto sempre. O primeiro oficial percebeu o bronzeado de suas faces.

— Aproveitaram a licença, senhores?

Kirk e McCoy trocaram olhares divertidos. — Com toda a certeza, sr. Spock. Com toda a certeza.

Spock os observou, curioso. Eles pareciam plenamente satisfeitos. O vulcano comentou:

— Muito ilógico.

A *Enterprise* partiu em dobra espacial um, em meio às gargalhadas de seu capitão e do médico-chefe.

Sobre o episódio

Esta foi a primeira história escrita para o seriado por Theodore Sturgeon, um renomado crítico e escritor de ficção científica que, mais tarde, criaria todo o universo mítico de Vulcano através do episódio **Tempo de Loucura**. **A Licença**, no entanto, é mais um caso de roteiro excelente, mas tecnicamente inviável de ser realizado, por isso sofreu muitas modificações, obrigando Gene Roddenberry a alterar muitos elementos da história, inclusive, momentos antes das gravações terem início.

No entanto, **A Licença** é um dos episódios mais populares da série. Nele, são enfatizados elementos como o charme sulista do dr. McCoy e momentos distintos do passado do capitão Kirk, como o colega que era seu desafeto na Academia e o romance que teve com uma mulher mais experiente nos tempos de cadete.

Nesse episódio, a tripulante Angela Martine Teller, a noiva que acaba viúva no episódio **O Ardil Corbomite**, é vista novamente, com novos interesses românticos, o que evidencia que ela superou rapidamente a perda trágica de seu noivo.



O Senhor de Gothos



Título da adaptação: **The Squire of Gothos**

Título do episódio: **The Squire of Gothos**

Título em português: **O Senhor de Gothos** (nas duas versões)

Data da primeira exibição: **12-01-67**

Data estelar: **2124.5**

História de **Paul Schneider**

Direção de **Don McDougall**

Atores convidados:

Trelane: **William Campbell**

Tenente Karl Jaeger: **Richard Carlyle**

Tenente DeSalle: **Michael Barrier**

Ordenança Teresa Ross: **Venita Wolf**

O Senhor de Gothos



Aquele planeta até então não havia dado sinais de sua existência para os sensores da *Enterprise*. Não era mapeado, jamais fora detectado e sequer havia suspeitas de que estava ali, naquele quadrante da Galáxia. Mas agora, de repente, estava lá, revelando sua presença misteriosa. Depois do inesperado anúncio feito por Spock, Kirk, com ar meio aborrecido, pressionou um botão e na tela principal, onde deveria haver apenas o espaço completamente vazio, surgiu um planeta estranhamente brilhante.

Kirk o observou, atento. Essa descoberta certamente iria atrasar sua missão, que era levar suprimentos à Colônia Beta VI a uma velocidade ininterrupta de dobra espacial três. Isso o aborrecia profundamente. — Informe de navegação — pediu ele, sucinto.

O navegador De Salle verificou seus instrumentos. — Composição, ferro e silicato. Tamanho do planeta, magnitude Um-E. Vamos passar bem próximo, capitão.

O sr. Spock, com ar intrigado, deixou a estação de ciências e posicionou-se junto à cadeira do capitão, sempre com o olhar atento à tela.

— É incrível que um corpo como este não tenha sido registrado em todos os nossos mapas, senhor.

A imaginação, pensou Kirk, consegue mesmo ser motivadora, capaz de reservar um espaço para as coisas incríveis em meio aos fatos comprováveis. Havia uma certa aspereza em sua resposta. — Mas aí está, sr. Spock, por mais incrível que pareça — Deu uma olhada na tripulação da ponte. — Mas não podemos parar e investigar agora. As estações de ciências devem recolher todos os dados possíveis para os bancos do computador. Tenente Uhura, informe sobre a descoberta desse planeta através do rádio subespacial.

Ela tentou obedecer a ordem. — Forte interferência no subespaço, senhor. O planeta pode ser uma fonte de rádio natural.

— Então vamos sair de seu alcance — Girou sua cadeira para olhar o piloto.

— Desviar quarenta graus, sr. Sulu.

No momento em que Sulu se prestava a dar o comando em seu painel, ele desapareceu. Num instante, lá estava ele, substancial, familiar, competente e, no instante seguinte, sua cadeira estava vazia. — Sulu! —

gritou Kirk, dando um pulo. Foi na execução desse movimento que o capitão também desapareceu, em pleno ar, em meio à ponte. De Salle, completamente tenso, levantou-se de seu posto. — Eles *sumiram*, sr. Spock! *Os dois sumiram!*

Spock, assumindo o posto de comando abandonado, acionou um dos controles. Imediatamente o alerta vermelho começou a soar por toda a nave. Era o início da busca geral e completa, convés por convés. Quando Spock dispensou o último grupo de busca, sem maiores resultados, voltou-se para falar com o meteorologista a seu lado. — Eles podem estar lá embaixo no planeta... ou em qualquer lugar.

Ouvindo a conversa, De Salle continuava tenso: — Mas não existe sinal de vida humana na superfície, senhor. É claro que os sensores podem estar com algum defeito...

Spock verificou os instrumentos. — Estão funcionando normalmente. Continue com o rastreamento. Tenente Uhura, já verificou todas as faixas de onda?

— Todas elas, senhor. Sem resposta.

DeSalle levantou-se. — Com todo o respeito, senhor, peço permissão para descer à superfície e prosseguir com a busca lá embaixo.

McCoy, que também estava na ponte, agarrou o braço do vulcano. — Eu concordo! Estamos esperando o quê, Spock?

— A decisão será minha, doutor. É minha a responsabilidade por sua segurança — Ignorando a reação do médico, Spock voltou-se novamente para o meteorologista:

— Doutor Jaeger, por favor descreva suas descobertas sobre a superfície abaixo.

— Solo e vegetação não-detectáveis... e extremamente quente. A atmosfera é tóxica, atingida por tempestades... atividade vulcânica contínua... mortal a toda forma de vida que conhecemos *sem o* suporte de vida de oxigênio.

— Estimativa de sobrevivências de dois homens sem proteção lá embaixo — pediu Spock.

— O tempo necessário para alguém respirar.

Todos ficaram calados. Foi Uhura quem quebrou o silêncio: — Senhor Spock! Em minha tela, olhe! — Todos os olhos na ponte buscaram a estação de comunicações. Algumas letras, numa grafia de inglês arcaico, começaram a surgir na tela e, gradualmente, uma mensagem foi se formando. Ao contrário do clima pesado que reinava na ponte, ela dizia:

Saudações e felicitações.

Spock a leu em voz alta, sem inflexão. — Saudações... e... felicitações.

Envie isso, tenente. *USS Enterprise* a quem envia a mensagem no planeta abaixo. Identifique-se. Nós...

O vulcano parou ao ver que novas letras estavam surgindo e formando palavras na tela. Depois de um momento, começou a lê-las, com ar incrédulo. — "Hip... hip... hurrah"... e a última palavra, acredito que se pronuncie "tallyho".

— É algum tipo de piada, senhor? — perguntou De Salle.

— Estou aceitando teorias, sr. De Salle. Qualquer uma.

— Uma coisa é certa — disse McCoy. — Existe vida nessa planeta!

— Pode estar correto, doutor — disse Spock, procurando o intercom.

Depois de ordenar a preparação da sala de transporte, foi interpelado por Scott. — Permissão para integrar o grupo de descida, senhor.

Muitas vezes os olhos de Spock pareciam estar a quilômetros de distância. E estavam mais longe do que nunca quando o vulcano sacudiu a cabeça. — Não, sr. Scott. Nem o senhor, nem eu podemos nos afastar daqui. Senhor De Salle, providencie o que for necessário para o grupo de descida, armas, comunicadores e máscaras de suporte de vida. Doutor Jaeger, seu conhecimento geofísico será vital. Doutor McCoy vai acompanhá-los. Se essa mensagem partiu do capitão Kirk ou de Sulu, a racionalidade deles pode estar afetada.

Ele esperou para emitir sua ordem final até o grupo de descida estar em posição na plataforma de teletransporte. Então, entregando a De Salle um pequeno aparelho, disse:

— Uma vez na superfície, devem estabelecer contato imediato conosco e utilizar esse feixe de laser sinalizador, se necessário.

Scott acionou seus controles e os três oficiais desvaneceram-se em partículas de luz.

Eles não sabiam direito o que esperavam encontrar. Talvez alguma coisa do tipo tremores de terra, vendavais, calor sufocante, gases tóxicos, tudo misturado num planeta que seria o palco de uma guerra travada pelas forças cósmicas de seu núcleo em ebulição. Mas o que encontraram era muito diferente de seus mais vagos receios. Estavam numa floresta, fria, verde, com árvores frondosas oferecendo um abrigo de sombras e flores enchendo o ar com seu perfume. Confuso, McCoy observou uma folha flutuar e cair junto a ele.

Sua voz foi engrossada pelo filtro do suporte de vida:

— Jaeger, onde estão suas tempestades?

Sacudindo a cabeça, o meteorologista checkou os instrumentos. — A atmosfera, McCoy, é exatamente igual a nossa!

De Salle resolveu remover sua máscara e determinou: — Comunicação

com nave, informe! — Mas algo estava errado com seu comunicador, um defeito que atingiu todos os outros. De Salle não desistia. — Continuem tentando — disse ele, instalando o feixe de laser direcionado para o céu. Mas franziu as sobrancelhas. — Algo está bloqueando nosso sinalizador. Vou para céu aberto...

De Salle circulou um conjunto de arbustos e parou, ao notar um reflexo de luz sobre as folhas escuras. Lentamente, voltou-se e deu de cara com uma escultura de pedra. As asas da estátua estavam abertas, majestosas sobre sua face de leão. Uma das garras estava erguida, segurando uma tocha acesa.

— Dr. McCoy! Dr. Jaeger! Olhem aqui!

Percebeu que, na realidade, havia duas estátuas, ambas segurando tochas. Foi quando McCoy notou um portal entreaberto entre as duas feras heráldicas. De Salle, movimentando-se com precaução, aproveitou para ajustar seu feizer. Seguido pelos outros, empurrou a porta meio-aberta e entrou.

Exceto pelo som do que parecia um imenso crepitar de fogo, encontraram um absoluto silêncio.

— Em nome dos céus... onde nós estamos? — perguntou McCoy.

Eles estavam num salão de estilo vitoriano, iluminado por candelabros. A parede em que havia uma lareira acesa ostentava um arranjo de espadas, mosquetes, pistolas e bandeiras de batalha. As outras paredes também estavam tomadas com tapeçarias, pinturas de ancestrais em armaduras ou em coloridos uniforme napoleônicos. Também havia uma vistosa mesa de mogno, acompanhada de um guarda-louças com pratos de ouro. Um elegante cravo estava colocado sob um imenso espelho de molduras douradas. Tudo estava em ordem, tudo se enquadrava ao cenário de uma era vitoriana benevolente e auto-indulgente. Exceto por uma coisa. Uma das paredes possuía nichos que revelavam um gosto muito peculiar em termos de estátuas. Eram imagens esculpidas de criaturas em forma de lagarto, delfins com olhar torturado, um par de gigantescas formas humanóides... e um ser aracnóide e cheio de tentáculos.

— Olhem! — gritou De Salle, subitamente.

No final do salão havia um nicho bem ressaltado de sua parede. Como os demais que ostentavam estátuas, este, era específico, exibia as formas enrijecidas de Kirk e Sulu, os dois congelados na posição em que estavam no momento em que desapareceram da nave. As duas figuras estavam sob o foco de uma luz violeta. De Salle correu até eles, chamando por McCoy.

Mas o tricorder de McCoy já estava acusando os terríveis fatos. — Nada... Kirk e Sulu... são imagens de cera — disse o médico, com aparência abatida.

Nesse momento, ouviram o bater de uma porta. No instante seguinte, o cravo começou a tocar acordes do que poderia ser uma peça de Mozart. E, executando a partitura, estava um homem vestido com um elegante traje militar do século XVII, exibindo um discreto sorriso malicioso em seu rosto rosado.

Ao ver-se alvo do olhar dos três visitantes, concluiu a música com um floreio de acordes. Então voltou-se para encará-los. Sua elegância era ao melhor estilo do poeta Byron, dos traços refinados de sua boca e corte impecável de seu cabelo até o desdenhoso ar de superioridade, que traduzia um forte sentimento de auto-estima. O gesto que fez em direção ao nicho com as formas de Kirk e Sulu foi o de alguém genuinamente enfadado... ou então a mais pura representação de seu culto pessoal ao enfado.

— Devo observar — disse o músico, com ar amigável — que eles formam um estranho par — Um tom de remorso tomou conta de sua voz. — Mas suponho que vocês os queiram de volta.

O dândi ergueu a mão enfeitada pelos babados de seu punho e, instantaneamente, Kirk prosseguiu no movimento que iniciara a bordo da ponte e Sulu agitou-se, com o olhar traduzindo sua confusão. — Capitão, onde estamos? — perguntou um dos tripulantes.

O homem sentado ao cravo resolveu levantar-se. — Bem-vindos a minha de ilha de paz em meio a este pequeno e atormentado planeta de Gothos.

Kirk o ignorou para dirigir-se a seus homens. — O que aconteceu?

— Jim, você desapareceu da ponte depois que Sulu também sumiu. Estamos procurando por vocês há horas... — informou McCoy.

O estranho anfitrião os interrompeu. — Desculpem meu extravagante modo de atraí-los até aqui. Mas quando os vi passando, simplesmente não pude resistir em convidá-los a vir aqui.

Kirk, trocando olhares com McCoy, deu um passo a frente. — Eu sou o capitão James Kirk, da nave estelar *Enterprise*...

A criatura curvou-se numa reverência. — Então você é o capitão desses bravos homens! Minhas saudações e felicitações, capitão. É tão bom ter a você e a seus oficiais aqui. Muito adorável de sua parte.

A teatralização dos gestos e da voz soavam falsos. Kirk esforçou-se para manter seu tom neutro. — Quem é você? De onde veio?

O homem fez um majestoso gesto com os braços. — Nada temam, amigos. Eu me tornei um de vocês...

De Salle não conseguiu conter por mais tempo seu temperamento exaltado e explodiu: — Quem é você? Foi isso que lhe foi perguntado! Responda! E responda logo!

O ser demonstrou sua apreciação. — Ah, que ferocidade! — comentou,

alegremente. E então, como uma criança que lembra das aulas de boas maneiras, acrescentou: — Oh, perdoem-me. General Trelane, na reserva. A seu serviço, senhores. Meu lar é seu lar.

Isso não serviu para amenizar De Salle, que falou em voz baixa para Kirk: — Capitão, perdemos contato com a nave. Estamos presos aqui.

Ouvindo o comentário, o general Trelane esfregou as mãos em exuberante prazer. — Presos aqui... Eu não consigo expressar para vocês o quanto me delicia ter visitantes nesse planeta, que é o meu passatempo. Mas, em minhas observações, não pensei que vocês já fossem capazes de fazer tais viagens.

Foi a vez de Jaeger murmurar algo para Kirk. — Capitão, observe o período... novecentos anos-luz da Terra. O tempo e o lugar se ajustam ao que poderia ser visto daqui através de telescópios

Foi interrompido pelo sorriso nos lábios avermelhados de Trelane. — Sim. Tenho muito interesse em observar as coisas em sua pequena Terra, senhor...

— Então você está observando a Terra de há novecentos anos no passado — disse Kirk. — Isso é um longo tempo.

Trelane deu uma risadinha. — Céus! Eu cometi um erro de tempo? Que incompetência a minha! — Observou as coisas ao redor. — Queria tanto que se sentissem em casa. Eu tenho muito orgulho dos detalhes.

— General Trelane... — começou Kirk, que se viu interrompido pelo dedo indicador da criatura, que fazia movimentos de negação.

— Não, não, general na reserva, senhor. Apenas Senhor Trelane, agora. Pode me chamar de Senhor... sim, eu gosto do título.

Em toda sua carreira de capitão estelar, Kirk tinha encontrado as mais excêntricas criações galácticas, das mais horrendas e alienígenas às mais belas maravilhas, exija afinidade sensorial falava direto à alma. Mas nessa situação, face a face com esse fabricado representante de uma Era Vitoriana escolhida ao acaso, Kirk parecia encarar um grande fenômeno espacial... o X de um problema que parecia uma mistura de inocência e culpa. Fitou o Senhor Trelane. — Para que propósito nos aprisionou neste planeta?

Quando o outro falava, Kirk tinha a sensação de estar caindo nas malhas viscosas e bem trançadas de uma aranha. Era como se já tivesse ouvido aquela voz pomposa falar antes.

— Aprisionados? Que absurdo! Você são meus convidados — o lábio inferior do anfitrião tremeu, sugerindo sua ansiedade por ser hospitaleiro. — Entendam, acabei que completar meus estudos sobre sua curiosa e fascinante sociedade. Vocês apareceram num momento mais do que apropriado — Sentou-se numa cadeira sem braços. — Capitão Kirk, deve me contar tudo

sobre suas campanhas, suas batalhas, suas missões de conquista...

Pela primeira vez desde que tudo começara, Kirk percebeu aonde estava. Agora sabia aonde estava pisando. — Nossa missão é pacífica. Não estamos aqui para conquistar. Batalhamos apenas quando não temos escolha.

Trelane sorriu e deu uma piscadela, sugerindo que compreendia muito bem como as coisas eram feitas nas altas esferas de poder. — Então essa é a história oficial, não é isso?

Discretamente, McCoy direcionou seu tricorder para Trelane e Kirk, percebendo isso, aproximou-se de seu anfitrião. — Senhor Trelane, peço que nos deixe voltar a nossa nave.

Tudo o que consegui foi um lânguido movimento de mão.

— Não falemos disso! Vocês vão ficar para repartir uma refeição comigo. Existe tanta coisa que quero aprender com vocês... seus sentimentos sobre a guerra... matança... conquista... essas coisas — O jeito lânguido virou acusador. — Sabem que são uma das poucas espécies predadoras que depredam a si mesmos?

De Salle, ao lado de Kirk, pegou seu feiser. — Senhor? — perguntou ele, quase num apelo.

— Em tonteio, De Salle. Não o mate.

O que havia em relação a essa estranha criatura, questionou-se Kirk, que o levava a sentir um misto repelência e compaixão? Trelane dirigiu seu interesse para o navegador. — De Salle... é esse o nome? *Vous êtes un vrai français?*

— Sim... meus ancestrais eram franceses...

— *Ah, monsieur! Vive la gloire! Vive Napoleon!* Fique sabendo que eu admiro demais seu Napoleão...

— O sr. De Salle é nosso navegador — disse Kirk. — Esse cavalheiro é nosso oficial médico, dr. McCoy, esse é nosso piloto, Sulu, e nosso meteorologista Carl Jaeger...

Trelane cumprimentou a todos com uma reverência. — Bem-vindo, bom médico. Minhas reverências a seus ancestrais, honorável senhor...

Sulu riu. — Está brincando...

Mas Trelane estava mais interessado em Jaeger. Batendo seus calcanhares de forma militar, começou a gritar: — *Und Offizier Jaeger, die deutsche Soldat, nein?* — Também começou a marchar ao ritmo de suas palavras — *Eins, zwei, drei, vier! Gehen wir mit dem Schiessgewehr!*

A voz de Jaeger foi seca. — Eu sou um cientista... não um militar.

Trelane avançou para ele. — Vamos, vamos, todos nós somos militares no fundo. E como apreciamos um uniforme! — Era óbvio que ele gostava muito do uniforme que estava usando, a julgar pela forma com que se

admirava no imenso espelho de moldura dourada. Trelane ficou distraído por instante, observando o brilho de suas medalhas.

Kirk aproveitou para sussurrar a De Salle.

— Agora!

Mas antes do feiser ser disparado, Trelane voltou-se e, erguendo sua mão, fez De Salle ficar imóvel.

— Que arma interessante temos aqui? — perguntou, retirando o feiser da mão petrificada do navegador. — Ah, sim! Entendo! Não está para matar... mas isso mata! O mecanismo é bem simples

— E, fazendo um ajuste, disparou contra a escultura da criatura em forma de lagarto. A figura desapareceu por completo e Trelane riu, cheio de prazer.

— Oh, que maravilha! — exultou, passando a desintegrar todas as demais estátuas. — Que devastador! Isso pode matar milhões!

Aproximando-se dele, Kirk arrancou a arma de sua mão.

— Começando com quem, Trelane? Com minha tripulação? Somos seus próximos alvos?

— Que coisa típica de sua espécie, capitão! Como não entende, está com medo. Mas não seja impaciente. Anteciparei seu próximo desejo. Quer saber como eu manipulo tudo isso, não é mesmo?

Trelane antecipou-se a uma resposta e assumiu ares de professor que vai dissertar sobre uma poesia de Virgílio.

— Nós... quer dizer, eu e outros, fizemos, resumindo bem a questão, um aperfeiçoamento do processo que permite que a matéria seja transformada em energia e vice-versa...

— Como o sistema de transporte a bordo de minha nave.

— Ah, isso é um exemplo rude de um processo infinitamente mais sofisticado. Acontece que não apenas transportamos a matéria de um lugar para o outro, como também damos a ela a forma que desejamos.

— Esse salão aqui... foi você que criou? Reorganizando a matéria do planeta?

— Exatamente.

— Mas como...

A criatura voltou a agitar o dedo indicador de forma negativa, revelando uma certa irritação. — Querido capitão, suas perguntas já estão ficando exaustivas. Por que? Eu quero que sejam felizes, afastem a preocupação de suas mentes. Vamos nos divertir dentro do espírito marcial da boa camaradagem!

Kirk olhou seus homens. — Vamos embora daqui.

— Meu teimoso capitão... Está sendo rude. Vocês não podem ir embora.

Oh, que admirável e feroz olhar de protesto! De toda minha alma, eu o admiro, senhor, mas aparentemente quer outra demonstração de minha autoridade...

Trelane ergueu sua mão direita e Kirk encontrou-se em meio ao vazio. De repente, estava de volta, de joelhos e dominado por uma profunda agonia. Levado para além da proteção dos domínios de Trelane, ele fora exposto aos efeitos da atmosfera letal daquele planeta. Com os pulmões cheios de gases nocivos, tossia, ainda sentindo a tortura dos vapores em seu corpo.

— Essa foi uma amostra — disse Trelane — do que acontece à atmosfera desse planeta sem a minha bondosa influência. Eu espero que isso os faça ficar comportados agora, para o seu próprio bem. Pois, caso contrário, ficarei muito zangado.

Um poder que nada tinha a ver com moralidade, com a responsabilidade. Trelane era esse poder. Simplesmente existia. Kirk podia reconhecer isso, mas não seria obrigado a aceitar.



Os sensores da *Enterprise* finalmente localizaram o frio e verdejante oásis de Trelane. — É uma área tranqüila como se fosse na Terra. Como explica isso, sr. Spock? — perguntou Scott, olhando para a tela principal.

— Eu não explico, sr. Scott. Apenas existe. Talvez artificial ou lapso da natureza. Mas o fato é que a vida pode existir nesse espaço. Aplique alta frequência aos sensores. Veja se consegue localizar alguma forma de vida inteligente nesse planeta.

— Mesmo que encontremos, senhor, talvez não sejam nosso pessoal — afirmou Scott, já procedendo para cumprir a ordem.

— Afirmativo. Mas se o capitão estiver livre lá embaixo, deve estar nessa área. Tentarei transportar qualquer ser pensante que nossos sensores indicarem.

— Atirando no escuro, sr. Spock?

— Prefere ficar parado e não fazer nada, sr. Scott?

Kirk e seus homens estavam sendo conduzidos pelo salão de Trelane. — E aqui — dizia o orgulhoso proprietário — estão bandeiras e flâmulas de suas batalhas, algumas do tempo das Cruzadas, das invasões de Haníbal, das hordas da Pérsia!

Ninguém estava interessado, mas isso não diminuiu o entusiasmo de Trelane. — Pode imaginar, capitão? Milhares... não, milhões que marcharam para a morte cantando sob essas bandeiras? Não faz seu sangue correr mais depressa?

Dominado por sua exuberância, correu para o cravo e começou a

dedilhar uma composição marcial. Sulu aproveitou para sussurrar para Kirk:
— Capitão, de onde ele veio? Quem é esse louco?

— É melhor perguntar o que é ele — disse McCoy, também baixinho. —
Eu o chequei com tricorder. O que descobri é inacreditável.

Kirk estava olhando atentamente para o pianista e antecipou-se às
palavras de McCoy. — Ele não está vivo.

— Não, Jim. Não como definimos vida. Sem traços. Zero.

— Quer dizer que as leituras indicam que ele está morto? — perguntou
Sulu.

— Elas mostram que ele sequer existe, vivo ou morto.

Jaeger apontou a lareira. — Observem o fogo, capitão. Queimando
constantemente, na mesma intensidade, mas não desprende o mínimo de
calor.

Kirk, mo vendo-se ao longo da sala, Kirk acionou discretamente seu
comunicador e, em rápidas palavras, passou os detalhes da situação.

— Fogo sem calor — repetiu Spock, pensativo. — Parece-me, capitão,
que todos esses erros, como criar uma Terra fora de seu tempo, evidenciam
que está alheio à questão tempo.

— Sim, sr. Spock. Seja lá o que for com que estamos lidando, não é tão
poderoso quanto aparenta. Comete muitos erros.

— Erros simples, mas significativos.

— Vamos trabalhar com isso, sr. Spock. Kirk desliga — ao desligar o
comunicador, percebeu que a música havia acabado e que Trelane o
observava, sorridente. — Discutindo planos de estratégia, eu suponho,
capitão. Não vejo a hora de vê-los em ação.

Kirk aproximou-se dele. — Trelane, não temos planos de...

— Não pense que deploro suas bélicas virtudes de decepção e
estratagemas. Ao contrário, tenho muita admiração por sua espécie!

— Se sua admiração é verdadeira — disse Kirk,, após um longo suspiro
— então deve respeitar nosso senso de dever. Somos necessários em nossa
nave... temos tarefas a cumprir... cronogramas a respeitar...

— Oh, mas não posso deixá-los ir embora. Eu estava ficando enfadado
até vocês chegarem — Começou a tocar um ritmo mais esfuziante no cravo.

— Vocês vão ficar. Eu insisto.

— Por quanto tempo?

— Até acabar, é claro.

— Até o quê acabar?

— Querido capitão, quantas perguntas... Por que se preocupar com um
futuro incerto e inevitável? Aproveite o hoje, meu caro senhor. O amanhã...
talvez nunca venha. De fato, quando chegar, já terá se tornado hoje...

A expressão "escorregadio como uma enguia" passou pela cabeça de Kirk. — Trelane, mesmo que quiséssemos ficar, nossos companheiros precisam de nós.

— Eu deveria experimentar esse sentimento de interesse pelos seus, seu pesar com a separação — Trelane começou a tocar uma composição mais triste, num tom de lamento.

Kirk estava perdendo o controle. — Existem quatrocentos homens e mulheres a bordo da nave esperando por...

— Mulheres! — Ele interrompeu a canção. — Então tem mesmo representantes do belo sexo em sua tripulação! Oh, mas que encanto! Acredito que devam ser muito bonitas. E eu farei tudo para ser galante para elas. Bem, deixe-me trazê-las para cá agora mesmo...

Ele ia erguer sua mão, mas Kirk a segurou. — Não!

— Não?

— Não! Esse jogo já foi longe demais. Elas são indispensáveis na nave. Não pode fazer isso...

— Eu posso fazer tudo o que eu quero! Pensei que já tivesse entendido isso.

— Jim! — chamou McCoy. — Estou recebendo um sinal de transporte.

— Sinal de transporte, o que é isso?

— Significa que a festa acabou, graças ao sr. Spock! — disse Kirk, chamando seus homens para assumirem a posição de transporte.

Trelane correu até eles. — Esperem! O que estão fazendo? Eu não os dispensei! Parem! Eu não permito isso!

O salão e a face furiosa da criatura desapareceram aos olhos de Kirk e seus homens, que materializaram-se diante do sr. Spock.

— Capitão, está bem?

Kirk deixou a plataforma. — Informe, sr. Spock. Como os sensores conseguiram penetrar no campo de radiação?

— Eles não conseguiram, senhor. Simplesmente teleportamos todas as formas de vida naquele espaço.

— Jim, isso confirma o que eu disse — afirmou McCoy.

— Trelane não é uma forma de vida como nós conhecemos. Ou ele estaria aqui, no transporte, conosco.

Kirk assentiu, mas estava com pressa. — Preparar para partir em máxima velocidade! Todos a seus postos!

Na ponte, o pessoal substituto cedeu lugar aos titulares Sulu e De Salle. Uma bela tripulante, Teresa Ross, correu até Kirk. — Capitão, estávamos tão preocupados com vocês — disse ela, quando, na realidade, gostaria de dizer "Eu estava preocupada com você, James Kirk". — Obrigado, ordenança

Ross —disse Kirk, reconhecendo polidamente o interesse. — Scotty! — prosseguiu, no intercom. — Quero força total para os motores. Vamos colocar toda a distância possível entre nós e aquele maluco lá embaixo!

— Sim, senhor. Bem-vindo a bordo, capitão.

McCoy estava observando uma de suas mãos tremendo. — Jim, estou rindo, mas não sei se é porque é engraçado ou estou apavorado.

— O que aconteceu, doutor? O que havia em Gothos? — perguntou Uhura, deixando sua estação com um brilho de interesse nos olhos.

— Algo que... é melhor deixar para lá.

Foi quando McCoy notou o olhar admirado de Teresa direcionado para algo na ponte. — Veja! — gritou ela. Spock deixou sua estação.

Trelane estava parado em meio à ponte. Uniformizado, com um sabre resplandecendo em sua bainha, e com as mãos atrás das costas, observava o pessoal da *Enterprise*. — Mas onde estão todas as armas? Vocês não vão exibir suas armas?

Kirk levantou-se lentamente de sua cadeira. Trelane o cumprimentou com uma reverência. — Não se aborreça, capitão. Eu só estou um pouco indignado com o senhor — disse, ainda observando as pessoas na ponte. — Esse sr. Spock que mencionou... o responsável por sua saída tão brusca de meu lar. Quem é ele, capitão?

— Eu sou Spock.

— Sim, certamente é. Não é um cavalheiro, senhor — disse Trelane, mostrando admirado, o que o fez voltar-se para Kirk. — Ele não é nem humano, é?

— Meu pai — explicou Spock — é do planeta Vulcano.

— Seus nativos são predadores?

— Não especificamente.

— Não, eu acho que não. E você, capitão, vai cuidar da punição dele?

— Ao contrário, eu aprovo a atitude.

Os lábios de Trelane contraíram-se. — Mas eu não gosto dele.

Kirk conseguiu manter seu controle. Sem inflexão, disse: — Trelane, saia da minha nave! Já estou cheio de você!

— Absurdo, capitão! Vocês vão voltar comigo.

De repente, todo o controle foi por água abaixo. — Não vamos a lugar nenhum! Esta nave está de partida...

— Tolice! Tenho um programa especial preparado para vocês em Gothos. E vocês não serão desmancha-prazeres.

Kirk já sabia o que ele ia dizer em seguida. — Além do mais, o cenário de minha sala é muito mais apropriado — E ergueu a mão.

A ponte da nave foi substituída pelo salão de Trelane. A única diferença

era a presença dos tripulantes. De Salle e Sulu estavam na mesa de jantar, junto a pratos cheios de uma misteriosa, mas aparentemente deliciosa comida. Uhura estava sentada junto ao cravo. — Não acham do maior bom-gosto? — perguntou Trelane.

— Não — respondeu Sulu, aborrecido.

Trelane fez uma reverência oriental para ele. — Mas é muito mais familiar, honorável senhor — disse, olhando rapidamente para o imenso espelho, para verificar a elegância de seus trajes. Foi a vez de De Salle perder totalmente o controle. — Seu imbecil... — começou ele, correndo para Trelane. Kirk ia gritar, mas viu que era muito tarde. Trelane já erguera sua mão e De Salle, mais uma vez, parou congelado. Interessado, Trelane circulou a figura petrificada. — Mas que fúria primitiva! Ele é a própria sublimação da selvageria!

— Trelane, liberte-o

— disse Kirk, lentamente. — Eu disse: deixe-o livre.

Trelane observou o capitão e, então, concordou.

— Sim, é claro. Eu esqueci que não devo assustá-los demais. Mas eu os previno: não devem me provocar de novo. Para seu próprio bem. Tenho um temperamento muito difícil — Fez um novo gesto de mão e De Salle voltou ao normal, disposto a atacar o alienígena. Kirk e Sulu correram a contê-lo. — Nem temos feisers! — alertou Sulu ao companheiro.

— Vamos, vamos, todos! — disse Trelane, dirigindo-se à mesa e indicando os lugares. — Vamos esquecer suas péssimas maneiras. Vamos conversar coisas agradáveis e ficar alegres. Vejam, temos especiarias para a delícia do paladar e boa companhia para entreter a mente! — Servindo conhaque, ofereceu a bebida a McCoy e a Sulu. — Compartilhe, bom doutor. E o senhor também, honorável senhor. — *Allons, enfants! Zum Kanipf, mein Herr!* — completou ele para De Salle e Jaeger.

Os homens olharam para seu capitão, que assentiu e indicou a mesa. — Sirvam-se. É uma ordem.

Enquanto os outros aproximavam-se da mesa de forma desconfiada, Kirk, com Spock a seu lado, olhava atentamente para Trelane. Qual era o segredo de seu poder? Tolo, exibicionista e fanfarrão, em todo caso possuía um segredo que o tornava capaz de estabelecer um enclave habitável em meio a um planeta inabitável. Em seu rosto entusiasmado não havia indicações de uma inteligência apurada, capaz de desenvolver tais truques. Na realidade, ele agora parecia mais imbecil do que nunca. — Receio que esteja em falta com seus deveres sociais, capitão. O senhor ainda não me apresentou ao contingente mais charmoso de sua tripulação.

Houve um curto silêncio antes de Kirk dirigir-se a Uhura e a Teresa. —

Este é... o general Trelane.

— Na reserva — corrigiu Trelane. — Contudo, se preferirem, queridas damas, podem se dirigira mim como o solitário Senhor de Gothos.

— Esta senhorita é Uhura, nossa oficial de comunicações...

Trelane aproximou-se dela, pegou sua mão e a beijou. — Um prêmio núbio, capitão. Tomada, sem dúvida, em uma de suas grandes conquistas. Ela tem os mesmos olhos ardentes da Rainha de Sabá. A mesma cor apaixonante.

Sem conseguir ocultar seu tremor, Uhura retirou sua mão. Com o trejeito melodramático de sempre, Trelane voltou-se para Teresa. — E essa jovem? — Com as mãos no coração, começou a recitar: — Seria essa a face que lançou mil navios... e queimou as torres nuas de Ilium? Bela Helena, faça-me imortal com um beijo!

Teresa corou. Kirk tentou distrair a atenção de Trelane pela moça. — Essa é a ordenança Teresa Ross. E eu creio que já conhece o sr. Spock, nosso oficial de ciências e meu primeiro oficial.

Trelane olhou com desprezo para o vulcano. — Espero que saiba que é apenas em deferência ao capitão que eu o trouxe até aqui.

— Afirmativo.

— Eu não gosto do seu tom. Muito desafiante. É isso que está fazendo? Desafiando-me?

— Eu sinto rejeição. Rejeição por um intelecto sem disciplina, um poder sem objetivo construtivo.

— Ah, sr. Spock. Pelo menos uma coisa se salva no senhor! É sem educação... sua metade humana, sem dúvida. Mas estou perdendo tempo... — Pegou a mão de Teresa e a puxou.

— Venha, minha doce ninfa. Dance com seu Delfim! E você, minha beleza núbia, dê-nos um pouco de música.

— Eu não sei tocar esse instrumento — alegou Uhura.

— Claro que sabe! Uhura olhou para Kirk. Então concentrou-se no teclado e ficou chocada ao ver seus dedos desusarem por ele com total naturalidade. Trelane pegou Teresa nos braços e começou a rodopiar com ela pelo salão.

— Capitão, até onde vamos levar essa charada? — perguntou Sulu.

— Até descobrirmos um meio de sair daqui. Enquanto isso, vamos aceitar sua hospitalidade — disse Kirk, sombrio.

— Hospitalidade! — resmungou McCoy, mal-humorado. — Ele empurrou o prato sobre a mesa. — Deveria experimentar essa comida, Jim. Capim tem gosto melhor. E água tem mais gosto que esse conhaque. Nada aqui tem gosto de nada.

Spock estava pensativo. — Comida sem sabor, fogo que não esquentava. Isso sugere que tudo o que Trelane sabe da Terra é sua forma, não sua substância.

— E se ele tem falhas, não é todo-poderoso. Isso significa que tem algo que o ajuda.

— Concordo, capitão.

— Uma máquina. Um aparelho de algum tipo que cria essas coisas para ele — Os olhos de Kirk continuavam acompanhando o bailado de Trelane, que, por sua vez, estava dedicado a admirar seu reflexo no imenso espelho. — Oh, minha querida... — disse para Teresa. — Formamos um par adorável... exceto por um pequeno detalhe. Seu traje não combina com esse charmoso cenário!

Trelane, com os olhos fixos no espelho, ergueu sua mão e Teresa desapareceu para reaparecer, em seguida, usando um lindo e luxuoso vestido do século XVII. Em seu pescoço e braços haviam lindas jóias e seu cabelo estava ornamentado por uma rica tiara de brilhantes.

— Agora está mais de acordo! — exultou ele, em deleite. — Eu, o galante guerreiro, e você, minha elegante dama!

A nova demonstração de poder fez McCoy resmungar: — Há três mil anos, ele seria considerado um deus... um pequeno deus da guerra. Qual não seria surpresa dos antigos se soubessem que esse deus da guerra não passa de um empavonado que adora se olhar no espelho!

Kirk repetiu a palavra.

— Espelho. O espelho parece fazer parte de sua audiência. É um pedaço de seu ego. Ele nunca se afasta dele.

— Ego ou algo mais? — questionou Spock.

— Explique.

— O espelho.

— O que tem?

— Como disse, senhor, ele nunca se afasta do espelho. Suponho que seja apenas vaidade.

— Não, sr. Spock. Ele é vaidoso, sim, mas a vaidade não explica sua dependência do espelho — Fez uma pausa. — Que tipo de máquina poderia fazer essas coisas?

— Uma extremamente sofisticada. Além do poder de criar matéria de energia, também elabora sua forma através de ondas de pensamento, o que demanda um grande banco de memória.

Kirk concordou. — Como um computador. Diria que uma máquina pequena o suficiente para caber nessa sala poderia ser responsável pela manutenção dessa atmosfera, dessa casa?

— Não, capitão. Não acho. Tal aparelho teria de ser imenso... poderoso o suficiente para resistir à atmosfera natural desse planeta.

— Bom. Concordo. Isso nos deixa livres...

— Livres para quê, capitão?

— Para fazer algo que parecerá muito estranho para o senhor, sr. Spock. Não pense que enlouqueci. Sei exatamente o que estou fazendo.

— Que é...?

Pela primeira vez desde que encontraram o Senhor de Gothos, Kirk sorriu. — Acho que vou desligar a tomada dele na origem.

Trelane continuava a valsar com Teresa quando ouviu os comentários do capitão. — Não fiquem muito chocados com o que estão vendo, senhores, afinal são atitudes imaturas de uma mente desequilibrada.

Trelane interrompeu a dança bruscamente. — Eu ouvi muito bem o comentário, capitão, e receio que terei de liquidar com você...

Kirk o interrompeu antes que pudesse erguer o braço.

— Você ouviu apenas parte do todo. Eu estava apenas começando, Trelane!

Os olhos da criatura brilharam de curiosidade. — Oh?

— Sim. Eu quero que você deixe minha tripulação em paz! *E que tire as mãos de minhas tripulantes também.* — Aproximou-se do casal, puxou Teresa dos braços de seu par e a olhou, severamente. — Não dance mais com ele! Eu não gosto!

Primeiro, tirou a tiara do cabelo da moça. Depois arrancou os braceletes, seguidos das luvas que ela usava. Com as faces vermelhas, ela pediu: — Capitão, não pense que eu...

Trelane estava exultante. — Ora, acho que o bom capitão está com ciúmes de mim!

— Ache o que quiser! Apenas tire as mãos dela!

— Que curiosamente humano! Que maravilhosamente bárbaro!

— Já estou cheio dessas atenções com ela! — disse Kirk tenso, aparentemente já não mais representando.

— Claro que está! Afinal de contas, isso é a origem de tudo, não é, capitão? Os machos lutam pela atenção, admiração e posse das mulheres...

Kirk usou a luva de Teresa para esbofeteá-lo. — Se é luta que quer, é luta que terá!

Trelane deu um pulinho de prazer. — Quer dizer... que está me desafiando para um duelo?! — Seus olhos brilharam.

— Isso é melhor do que planejei! Eu não faltarei a uma questão de honra!

Saltitante, Trelane foi pegar uma caixa em cima da lareira, entre as armas

exibi das. — Um duelo! Um duelo como o que liquidou seu heróico Alexander Hamilton.

Fazendo uma reverência, apresentou a caixa a Kirk. Em seu interior, sobre um Rindo de veludo, havia duas imponentes pistolas.

Trelane pegou um:i delas e apontou para a cabeça de Kirk.

— Capitão... deve interessar ao senhor saber que eu nunca erro o alvo.

Trelane tomou posição numa das extremidades da sala. Enquanto checava o mecanismo da arma, McCoy, Sulu e os outros tripulantes colocaram-se, ansiosos, por trás de Kirk. Ele mandou que todos se afastassem. Já sei o que vou colocar no diário de bordo, pensou o capitão. Sem armas e impotentes, nossa única esperança de escapar com a *Enterprise* foi aceitar os joguinhos desse retardado de Gothos. Kirk continuou examinando sua pistola dominado pelo absurdo da situação. Seu adversário continuava encantado.

— Maravilhoso! — gritou, em êxtase. — Estou fazendo parte de um verdadeiro duelo entre humanos!

— Está pronto, Trelane?

— Estou, senhor. Vamos testar nossas coragens e então veremos...

Kirk começou a erguer sua pistola e Trelane gritou. — Espere! Como sou o desafiado, tenho o direito, do primeiro tiro.

— Vamos atirar juntos. Trelane estava queixoso. — O jogo é meu, as regras são minhas! — Erguendo sua arma, apontou para Spock. — Mas se precisa ser persuadido...

Quando a questão envolve idiotas, não se pode bancar o herói. — Está bem. Você atira primeiro.

— Capitão... — ia protestar Spock. Mas Kirk já abaixara sua arma. Trelane ergueu sua pistola acima de sua cabeça e atirou para o teto.

Estava tão envolvido pela glória da luta que achou que não poderia interromper esse prazer. — E agora, capitão, como costumam dizer... meu destino em suas mãos — Ele fechou os olhos, exibiu um sorriso beato e, descobrindo o peito, o exibiu e o deixou à mercê do destino.

Mas o destino reservava para ele uma surpresa. Ao invés de disparar contra o peito de Trelane, Kirk apontou e atirou bem no centro do espelho emoldurado de dourado. O vidro fragmentou-se e, por trás dele, houve a explosão de um circuito eletrônico, seguida de sons confusos, muita fumaça e uma chuva de partículas.

Trelane gritou e correu para o espelho. —O que você fez? O que você fez?

— A máquina de sua força — disse Spock, calmamente.

O equipamento consumiu-se em chamas bem rápido. Ao mesmo tempo,

as luzes dos candelabros começaram a falhar até apagarem-se completamente. As chamas sem calor da lareira também extinguíram-se.

Trelane gritou ao ver o estado de sua sala. — Vocês arruinaram tudo! — Ele deixou-se cair no banco junto ao cravo e debruçou-se sobre o teclado, passando a emitir um som distorcido.

Kirk estava tentando estabelecer contato com seu comunicador. — Capitão, a interferência subespacial é grande... — avisou De Salle.

— Contacte a nave!

Trelane estava recuperando o controle sobre si mesmo.

— Ah, a horrível traição da raça humana — vociferou, levantando-se para aproximar-se da parede e observar os destroços de sua máquina.

— Vamos, Trelane! Olhe para isso. Está acabado! Sua força acabou! Esse é seu fim!

Pela primeira vez, um sentimento genuíno substituiu a emoção teatralizada do Senhor de Gothos. Ele olhou ameaçadoramente para Kirk. — Vocês sentirão minha ira! Volte para sua nave! Voltem! Mas preparem-se. Todos vocês já estão mortos... você em particular, capitão!

Trelane virou-se em direção ao buraco onde antes estava o espelho e, ao alcançá-lo, desapareceu.

Kirk, que estava atrás dele, parou junto à parede vazia. Então voltou-se para seus homens. — Vamos sair daqui! Agora!

Sua voz estava áspera ao falar no comunicador. — Aqui é o capitão, *Enterprise*. transporte-nos agora! Velocidade máxima!

Scott realizou o processo tão rápido quanto pôde. Kirk deixou a sala de transporte em direção à ponte. De volta a sua cadeira, determinou a Scott aceleração máxima para deixar a órbita.

— Força total, senhor! — respondeu Scott.

A nave seguiu em frente e, na tela, o planeta Gothos começou a diminuir em tamanho.

— Estabeleça curso para a Colônia Beta VI, sr. Sulu.

— Implementado, senhor.

— Dobra fator um, em caso de emergência.

— Preparados para a dobra, senhor.

— Devo enviar relatório completo ao Comando da Frota, capitão? — perguntou Uhura.

— Não ainda. Não até estarmos fora de seu alcance. Podemos ser detectados.

— Como saberemos qual é esse alcance, senhor? — perguntou Spock, em sua estação.

— Podemos arriscar uma suposição. Nesse ponto aqui... — Kirk estava

indicando uma localização em um dos vários mapas exibidos pelos instrumentos de Spock. — Aqui é onde pela primeira vez detectamos o sistema solar — Estava voltando para sua cadeira quando encontrou Teresa no meio do caminho. Ela ainda usava o vaporoso vestido criado por Trelane. O olhar admirado do capitão a deixou sem jeito.

— Senhor, posso ir trocar de roupa?

Kirk sorriu. — Pode ir. O baile acabou.

Teresa afastou-se com as faces ainda vermelhas. Kirk teve dificuldade para tirar o olhos de cima dela, mas voltou a olhar para a tela. Gothos ia ficando cada vez menor e mais distante.

Uhura, visivelmente mais relaxada, avisou: — Sem sinal de perseguição. Os instrumentos estão normais.

— Capitão, estamos prontos para entrar em dobra... — o piloto, no entanto, foi interrompido pelo alerta de De Salle.

— Na tela, senhor! Um corpo grande a nossa frente!

Há alguns segundos, a tela estava vazia. Kirk olhou para o que agora a estava preenchendo. — Curso de colisão, senhor! — gritou De Salle, quase pulando de seu posto.

— Virar para a esquerda! — disse Kirk, visivelmente tenso.

A tripulação da ponte perdeu o equilíbrio com a virada brusca da nave. Todos estavam com os olhos fixos na tela, onde o objeto ficava cada vez maior. *A Enterprise fez* um novo movimento de desvio. De Salle anunciou, estupefato: — É o planeta Gothos.

Kirk voltou-se para Sulu. — Estamos rodando em círculos?

— Não, senhor! Todos os instrumentos estão normais...

— E Gothos de novo, capitão! — avisou De Salle.

O planeta mais uma vez apareceu na tela. Kirk ordenou manobra evasiva e, de novo, os tripulantes precisaram agarrar-se a seus lugares. A imagem do planeta, que abandonara por segundos a tela, voltou novamente a preenchê-la. Sem receber nova ordem, Sulu repetiu a manobra para escapar do planeta, mas foi inútil. — É um jogo de gato e rato — observou Spock.

— E Trelane é o gato — concluiu Kirk.

De Salle, já sem forças para suas costumeiras explosões emocionais, observou, em voz baixa: — Continua bem à frente, senhor.

O planeta voltou a crescer na tela, com sua cor vermelha recoberta de névoa e sua aparência sinistra e ameaçadora.

— Noventa graus a estibordo, sr. Sulu!

Apesar da agilidade de Sulu com seus controles, o planeta voltou a interceptar a nave, cada vez maior em tamanho.

— Estamos voltando, capitão. Estamos voltando, não conseguimos nos

afastar!

— Firme nos noventa graus, Sulu! Ajustar!

A situação não apresentava alteração. — Volta completa, senhor! — Alertou Sulu. — E ainda estamos acelerando em direção ao planeta.

— Ou o planeta está em direção a nós — acrescentou Spock, secamente.

Kirk olhava em silêncio o planeta na tela. — Isso já basta. Vamos desacelerar... Vamos entrar novamente em órbita! Preparar a sala de transporte!

McCoy manifestou-se pela primeira vez. — Você não vai descer de novo, vai? Não pode fazer isso, Jim!

Kirk levantou. — Eu vou descer, sim, dr. McCoy. E vou ter o prazer de reencontrar nosso excêntrico general Trelane. E, se necessário, vou esganá-lo até que deixe minha nave livre... — Kirk dirigiu-se ao elevador, ainda falando. — Senhor Spock, atento às comunicações. Se não receber mensagem minha em uma hora, vá embora com a nave. Isso é uma ordem. Não se preocupe em voltar por minha causa.

A aquiescência silenciosa de Spock era um alívio para Kirk. Sem atitudes heróicas, sem fraquezas sentimentais. Apenas a percepção da realidade, algo tão necessário a todos a bordo. Assim era Spock, seu melhor amigo.



Numa das paredes do elegante salão de Trelane havia a sombra de uma forca balançando. Kirk a ignorou. A não ser por isso, o lugar ainda era o mesmo. A lenha queimava na lareira. A luz das velas refletiam nos cristais dos candelabros. O imenso espelho estava restaurado, mas agora estava recoberto por uma espécie de tela de proteção.

Uma voz potente e imponente o recebeu: — O prisioneiro pode se aproximar.

Era Trelane. Ele trocara a garbosidade de seu trajes militares pela solenidade de uma túnica de juiz. E também usava uma peruca branca dos antigos magistrados ingleses. Em sua mão, havia uma longa pena de ganso, com a qual escrevia uma espécie de documento em forma de pergaminho. O laço da forca — uma sombra ou realidade? — oscilava acima de Kirk.

— Trelane!

Não existe ninguém mais solene que um idiota. E Trelane, um típico idiota, estava muito solene. Solene e perigoso. — Qualquer demonstração de insolência pesará contra você nessa Corte. E, dessa vez, capitão Kirk, meus instrumentos são indestrutíveis.

— Parece que minha cabeça está a prêmio nesse tribunal. E seu pescoço,

Trelane, está a salvo?

— Ah, o absurdo desses seres inferiores! — Pegou o pergaminho. — E agora, capitão James Kirk, você é acusado de altos crimes de traição, conspiração e tentativas de fomentar insurreição.

— A peruca devia estar pinicando, pois ele a ajeitou na cabeça. — Como se declara?

— Nada tenho a declarar em sua "Corte", Trelane.

O Senhor de Gothos sentou-se e começou a tamborilar com a caneta de pena sobre a mesa. — Devo alertá-lo de que tudo o que dizer poderá ser usado como evidência contra você.

Isso mais parecia saído de *Alice no País das Maravilhas*, como na Terra dos Espelhos, onde tudo que parecia ser não era e o que não parecia ser, de fato, era. Tentando manter a lucidez, Kirk o encarou fixamente. — Eu vim com um propósito. Eu quero que devolva minha nave.

— Irrelevante — disse Trelane, dando outro puxão irritado em sua peruca.

— Nós o incomodamos com nosso desejo de sobreviver, é isso?

— Irrelevante — repetiu Trelane. — Um comentário sem propósito.

— Claro que é. Então direcione sua raiva contra mim! Fui eu que trouxe os demais... fui que atirei em seu espelho.

Pela primeira vez, a raiva superou a vaidade em Trelane. Sua voz engrossou. — E você achou realmente que eu não teria outros instrumentos em meu poder?

— Eu arrisquei. Eu aceito o preço de arriscar e errar.

Trelane ergueu-se, enfurecido. — Então admite as acusações. Essa Corte não tem outra escolha a não ser estabelecer a sentença. Será pendurado pelo pescoço até estar morto, morto, morto! Já tem seu último pedido?

Kirk soltou uma grande gargalhada. — Se pensa que eu vou colocar minha cabeça naquela forca...

Trelane fez um gesto com sua mão e Kirk descobriu-se com o laço da forca, forte e real, em torno de seu pescoço. Trelane, pegando o capuz negro de carrasco, parecia inconsolável. — Isso já está ficando cansativo. É muito fácil.

Kirk livrou-se da forca. — Fácil! — desdenhou ele. — É esse o seu problema, Trelane! Tudo é muito fácil para você! Você não precisa nem mesmo pensar! E, dessa forma, perde muitas oportunidades! Está se divertindo com todo esse poder, mas não teve a chance de experimentar algo realmente especial. Está perdendo seu tempo. Qual é a graça de um simples enforcamento? Deixar que uma corda mate por você?

— A graça? — repetiu Trelane, pensativo. De repente, sua face

iluminou-se e ele começou a bater palmas. — Oh, sim, estou curioso. Continue, capitão! O que sugere?

— Um conflito pessoal entre nós... com um prêmio... a vida humana... a minha!

— Que idéia inspirada! Precisamos de algo mais fantástico... uma verdadeira caçada real, talvez. — Ele gesticulou para fora das janelas. — Você sai e se esconde de mim. Na floresta... e eu vou procurá-lo com isso... isso! — Ele fez surgir uma espada da bainha de sua túnica e começou a brandi-la ferozmente. — O que acha, capitão? Agora tem graça?

— Sim. Mas você tem de fazer o jogo valer alguma coisa. Enquanto jogamos, liberte minha nave.

Trelane fungou, lamentoso. — Sempre volta a sua nave. Oh, está bem. Se isso aumentar a graça do jogo...

Kirk correu e arremessou-se através de uma das janelas. Em meio aos arbustos verdes, com gestos desesperados, pegou seu comunicador. — *Enterprise! Enterprise*, pode me ouvir? Afastem-se com a nave, depressa! O mais depressa que puderem! Vou tentar ganhar o tempo que precisam...

Ele parou, pois Trelane irrompeu de entre os arbustos, destroçando as folhas com sua espada. — Ah! Ah! Eu o estou vendo, capitão! — Kirk jogou-se ao chão e rolou pela terra para desviar da espada de Trelane, que passou rente sobre sua cabeça. Correndo em desespero para o abrigo do tronco de uma imensa árvore, o capitão perdeu seu comunicador.

— Tem de se esforçar, capitão! — gritou Trelane. A ponta da espada atingiu o braço de Kirk. O capitão ergueu-se de seu esconderijo atrás da árvore, quebrou um de seus galhos e começou a contra-atacar seu oponente. Kirk conseguiu fazer com que a arma voasse da mão de seu adversário. Pegando a espada, Kirk desfechou um golpe contra Trelane com toda sua força.

A espada varou o corpo da criatura e, mesmo assim, não havia sinais de ferimento ou sangue. Kirk congelou os movimentos, horrorizado, mas Trelane, ainda bancando o galante espadachim, sorriu para ele. — Touché, capitão! Tenho de admitir que você ganhou dessa vez, mas, afinal de contas, eu nunca brinquei disso antes!

Ele desapareceu. Kirk, ainda tremendo, agachou-se junto a uma árvore. Em meio ao mato, viu o brilho do metal de seu comunicador.

— *Enterprise..!*

— *En garde!*

Trelane reaparecera, com uma nova espada. Bem a tempo, Kirk rolou para trás de uma sebe e, tomando impulso, abandonou o abrigo em busca da entrada do castelo.

— Tallyho!

Mas o Senhor de Gothos o encurralou junto ao portal, entre as duas estátuas. Kirk tentou fugir pela direita, mas uma parede de pedras surgiu à sua frente. Tentou fugir pela esquerda, e outra parede apareceu do nada. Bloqueado, recuou para a porta do castelo de Trelane, que não escondia sua satisfação. — Gostei de seu modo de lutar, capitão!

— Ele experimentou o fio de sua lâmina. — Mas está derrotado. Vencido, capitão. Agora, ajoelhe-se!

— Você não venceu nada, Trelane! — disse Kirk, com a espada junto a sua garganta.

— Eu venci! Vou acabar com você. Ordeno que fique de joelhos! Eu ordeno!

Kirk, inesperadamente, pegou a espada da mão de Trelane e, dando um golpe com ela sobre o joelho, a quebrou ao meio. Depois, jogou os dois pedaços fora.

— Você quebrou! — lamuriou-se Trelane. — Você quebrou minha espada! Mas eu não perdi! Vou apagá-lo da existência com um movimento de minha mão!

Sem falar nada, Kirk deu dois tapas em seu adversário, que o fuzilou com o olhar. — Vai me pagar por isso! — disse, preparando-se para disparar o feiser que, de repente, apareceu em sua mão. No momento em que ia acionar o raio desintegrador, uma voz de mulher encheu o lugar. — Trelane!

— Não! Não! — choramingou ele, correndo para os degraus de seu castelo. Dois globos de luz pairavam no ar. — Não! Vão embora! Vocês disseram que eu podia ter esse planeta só para mim! — As esferas de luz, uma ligeiramente menor do que a outra, intensificaram sua luminosidade.

Trelane continuava gritando. — Vocês sempre me atrapalham quando estou começando a me divertir!

— Se não pode cuidar direito de seus bichinhos, não poderá tê-los.

Trelane começou a soluçar. — Mas vocês viram! Eu estava ganhando! Eu teria ganho! Teria! Teria! Teria — e, enquanto chorava, a imagem de Trelane foi perdendo substância até desaparecer completamente.

Kirk olhava para o céu, confuso, à procura de explicação. — Onde estão vocês? Quem são vocês e Trelane?

— Deve perdoar nosso filho — disse a voz de mulher. — É culpa nossa por lhe darmos muita liberdade. Mas ele será punido.

Uma voz masculina manifestou-se. — Não o teríamos deixado interceptar sua nave se tivéssemos compreendido mais cedo sua vulnerabilidade. Perdoe-nos, capitão. Vamos manter as condições de suporte de vida até o senhor voltar para sua nave. Por favor, aceite nossas desculpas.

Kirk ainda tentou comunicar-se com os globos. — Não podem me dizer o que... — mas, a exemplo de Trelane, as esferas desapareceram. Depois de um longo momento, Kirk pegou seu comunicador. — Capitão para a *Enterprise*. Chamando a *Enterprise*...

Ele fechou os olhos aliviado ao ouvir o som familiar da voz de Spock. — Capitão, estamos recebendo....

Kirk deu uma olhada em torno da propriedade de Trelane, a vegetação, as duas estátuas de leão alado, toda a solidão em meio às brumas do inferno de Gothos. — Teleporte-me, sr. Spock. Estamos livres para ir embora.



Kirk estava estranhamente pensativo quando deu K a ordem para os procedimentos normais de aproximação da Colônia Beta VI. E ficou feliz ao ver Spock deixar sua estação e aproximar-se da cadeira de comando. Sabia que apenas com Spock poderia discutir os paradoxos de seu recente encontro com o Senhor de Gothos.

— Estou fazendo o registro de... — vacilou o vulcano — nossa recente... uh, interessante experiência no diário de bordo, capitão. E estou intrigado.

— Intrigado, você, Spock? — Por um momento, um ar zombeteiro cruzou a expressão do capitão. — Estou surpreso que esteja admitindo isso. Explique, por favor...

— O Senhor de Gothos, capitão. Como descrevê-lo? Pura energia? Uma força do intelecto? Energia incorporada? Uma super-entidade? Temos de classificá-lo, senhor.

— Sim, é claro, sr. Spock. Ele deve ser classificado. Tudo tem de ser classificado, do contrário, onde estaríamos?

— Eu não compreendo bem...

— Um deus da guerra, sr. Spock?

— Pouco apropriado...

— Então... um menininho. Um menininho bem malcriado. Que tal?

— Terá uma posição bem estranha nos bancos de memória.

— Mas ele era um menininho muito estranho. Por outro lado, ele provavelmente só estava fazendo coisas comparáveis às travessuras malvadas que você mesmo fazia quando era criança.

— Travessuras malvadas, capitão?

— É, enfiando as trancas das meninas nos tinteiros, roubando maçãs das macieiras do vizinho, amarrando latas nos rabos dos cachorros... — Kirk interrompeu-se, ao notar o ar de surpresa do vulcano. Em que parte do Universo poderia ele encontrar um outro sr. Spock, uma pessoa em que confiava tão cegamente, por razões que nenhuma outra relação humana

poderia explicar? Kirk sorriu. — Perdoe-me, sr. Spock. Eu deveria imaginar que o senhor nunca foi um menino travesso. — Concordo com o senhor, capitão — disse Spock, retornando a sua estação. Antes de voltar a concentrar-se em seu computador, no entanto, ergueu uma sobrancelha, em dúvida. E a *Enterprise*, com o curso estabelecido, deixou momentaneamente para trás os mistérios do espaço profundo, indo em direção a sua missão de rotina na Colônia Beta VI.

Sobre o episódio

O Senhor de Gothos marcou a primeira participação do ator William Campbell, que posteriormente seria visto em Problemas aos Pingos, vivendo o bem-humorado klingon Koloth. Como Trelane, o Senhor de Gothos, Campbell criou um dos personagens mais memoráveis da galeria de vilões simpáticos de STAR TREK: uma entidade alienígena com superpoderes e a mentalidade de uma criança, disposta a colocar a raça humana numa espécie de jogo sem. Há quem diga que Trelane serviu de inspiração para a criação de Kiu (Q), o ser todo-poderoso que adora colocar a tripulação de A Nova Geração em apuros.

A adaptação de James Blish segue fielmente o roteiro do episódio levado ao ar, com exceção do trecho em que o sr. Spock tenta localizar os tripulantes perdidos no planeta de Trelane, quando o autor, curiosamente, comete um pequeno erro de continuidade.

O Senhor de Gothos é um "garoto" que criou um planeta vindo do nada da mesma maneira que um garoto humano poderia fazer uma torta de lama numa caixa de areia.

O capitão Kirk sofre da indignidade de ser chamado de "criatura primitiva" pela mãe de Trelane. Embora Trelane seja na realidade uma criatura insubstancial, seus pais têm vozes masculina e feminina (fornecidas na versão para tevê por James Doohan e Barbara Babcock).

O ator convidado deste episódio William Campbell também irá aparecer como Koloth o capitão Klingon em **Problemas aos Pingos**.

JetCom

Star Trek: Universo moderno, mitos Eternos

Em toda nossa história, as "Viagens" tiveram uma presença fundamental em nossa civilização. As "Viagens" dentro da ficção científica fecham esse ciclo de importância. Primeiro foram as viagens por terra — as necessidades de sobrevivência fizeram do homem um nômade—e depois a humanidade lançou-se ao mar. Em seguida, a temática religiosa levou-nos às "viagens oníricas", à ascensão aos céus, à descida ao inferno, etc. E, finalmente, vieram as viagens espaciais, do homem rumo ao desconhecido, percorrendo o infinito. Há uma constante nas viagens, tanto nas da Antiguidade, quanto nas do futuro — o anseio pelo desconhecido e a atração pelo proibido, em que a viagem representa uma busca e a resposta é sempre um retorno, a volta para a origem, um encontro consigo mesmo.

Em todas as épocas, há narrações míticas sobre viagens, como a aventura do herói babilônico Gilgamesh, a do bíblico Jonas, a dos mitológicos Jasão e Ulisses e a dos renascentistas Dante e Camões. Na era espacial é natural que o símbolo vista o arquétipo da época, em que as naus são substituídas pelas naves, os mares pelo espaço, a tripulação, tal como os "barões assinalados", é uma elite que vai rumo ao desconhecido — a fronteira final.

O homem moderno se vê lançado para o futuro da mesma maneira que o cristão se via lançado para o céu ou o inferno. A ficção científica se encarrega de narrar esse novo tipo de viagem. E STAR TREK é um momento muito especial dentro da ficção científica.

Tal como as viagens de Ulisses e Dante, STAR TREK é a suprema expressão do "audaciosamente indo aonde nenhum homem jamais esteve", em um futuro que nós desejamos e, ao mesmo tempo, tememos (por representar o vazio, o estéril, o robótico, criando em nós o medo do caos primitivo). Se formos analisar o aspecto junguiano das "viagens", teríamos uma "volta" para dentro (que é o mar ou o espaço desconhecido, cheio de perigos). A sedução feminina (tão presente nos enredos do seriado) é a "anima" que o homem terá de encontrar, entender e aceitar para conseguir o que Jung chama de "*sizigia*" (união dos contrários) ou a obtenção do "eu total". É através da exploração do inconsciente que o homem chega à totalidade e, como o inconsciente é primitivo, ele é povoado de mundos

míticos e mágicos.

Trek não significa apenas viagem; de acordo com o dicionário *The Heritage of the English Language*, de William Morris, *trek* é uma viagem em carro de boi, simbolizando que a viagem desse tipo é lenta e árdua, o que caracteriza a aventura do herói. O herói é um elemento formador da civilização, já que é quem aceita o desafio da iniciação e passa por um processo de transformação (*pathos*) que é, em si, a busca da compreensão da essência humana.

A primeira forma que o herói atingiu na literatura foi a do herói épico; Homero foi o pioneiro em trabalhar na forja desse tipo de herói. A leitura da **Odisséia** e da **Ilíada** nos encanta porque elas contêm um aspecto universal que ultrapassa a realidade — um desejo humano de superar seus limites, o que é expresso na figura do herói. Por isso é inevitável a comparação das viagens da *Enterprise* com as aventuras de Ulisses.

A ENTERPRISE

Uma nave que se desloca no espaço vazio evocando a nostalgia protetora da caverna, do útero materno, que carrega em seu bojo nossas paixões, esperanças, crenças e dignidades humanas. É o veículo que leva o herói a vários pontos em sua busca e representa, ao mesmo tempo, o ponto de retorno, de encontro consigo mesmo. Nas viagens da *Enterprise* são comuns "encontros" com monstros, mulheres sedutoras, lugares mágicos, etc.

Ulisses, em suas viagens, teve de derrotar o ciclope Polifemo, enfrentar as sereias, livrar-se da feiticeira Circe, etc. É na *Enterprise* que vive uma tripulação carismática, na qual existem três personagens que representam muito bem as diversas características do estereótipo heróico.

CAPITÃO KIRK

É o "fazedor de façanhas" ou o *red horn* da mitologia nórdica. Por isso equivale a Ulisses ou Aquiles grego, onde as qualidades humanas estão bem delineadas, dando ênfase à sensualidade e à astúcia, podendo cobrar direitos de liderança e camaradagem.

Kirk se comporta como o Ulisses do espaço, o herói de Homero que é estruturado no "*nanos*" (que significa "errante") herói navegador mencionado nos fragmentos etruscos chamados "Retornos". Na busca do infinito, do proibido e do inexplicável, há uma busca de si mesmo. O

"Retorno" é sempre doloroso pois implica em autoconhecimento. As mulheres que Ulisses encontra em seu caminho, assim como as várias paixões de Kirk, são "paradas" nesse retorno.

O psicanalista junguiano Sicuterri denomina isso de "não retorno", o paraíso da sensualidade, onde o herói gostaria de viver eternamente; mas ele sabe que é impossível, pois sua viagem deve continuar e, no final, à sua espera, está Penélope, a esposa fiel. E para ninguém é segredo que a Penélope de Kirk é sua nave.

DOUTOR MCCOY

É o herói civilizador, um personagem montado nos xamãs, nos feiticeiros tribais, conhecidos como *medicine men*. Segundo lendas arcaicas, no antigo Egito a arte da cura era ensinada secretamente a uns poucos escolhidos pelos deuses. Estes pertenciam a uma ordem chamada

"Cavalheiros da Serpente de Bronze" (a serpente atualmente é o símbolo da Medicina).

É curioso o fato do ator DeForest Kelley ter olhos azuis, pois um ator de olhos castanhos ou escuros não teria o mesmo carisma para representar um *medicine man*. A figura do médico é ligada à do sacerdote — ele cuida da vida e da morte. Cristo, que é considerado o "grande médico", é sempre representado com olhos azuis, embora fosse moreno; supõe-se que isso se deva ao ideal de beleza renascentista, mesmo que outros santos sejam representados com olhos escuros. Da mesma forma, o xamã, o primeiro *medicine man* que se tem notícia, é representado com olhos claros; como existem referências de que o xamã possuía o terceiro olho (que lhe dava o poder da sabedoria, cura e conhecimento do passado e futuro), fica explicada nossa associação inconsciente da eficiência do curandeiro aos olhos claros.

McCoy também é pouco afeito aos avanços da tecnologia, o que enfatiza seu comportamento intuitivo e místico, primitivo no sentido humanístico. Sua medicina é empírica e, por várias vezes, Spock se refere a ele como "curandeiro", que utiliza "rezas e chocalhos".

SPOCK

É indiscutivelmente a legítima criação de Gene Roddenberry. Representa o herói mitológico, metade humano e metade divino. O vulcano tem, como se sabe, duas naturezas: uma humana e outra extraterrestre. A humana é sua

fraqueza, mas também é sua redenção.

Na mitologia, o herói sempre é filho de um deus uma mortal ou vice-versa. Spock é filho de uma mulher da Terra e um vulcano, que não é um deus, mas é um ser de outro planeta, de civilização mais adiantada que a nossa; seu corpo físico é mais resistente, os sentidos mais apurados. Vulcano tem tecnologia mais avançada e seu povo já controla a mente, controla os impulsos primitivos.

O vulcano tem uma anomalia física (tomando como normais nossos padrões) — as orelhas pontudas. É outro significado profundo encontrado nas civilizações arcaicas, pois o deus é sempre representado com uma anomalia. Na Caldéia, Marduk é chamado "senhor das orelhas grandes" (para ouvir melhor as súplicas de seu povo). A melancolia de Spock, a máscara com que oculta seus sentimentos, verdadeira catedral de contradições, suas orelhas demoníacas (lembrando os sátiros que na mitologia grega foram consagrados como seres ao mesmo tempo demoníacos e angelicais), todos esses elementos remontam a símbolos arcaicos, redescobertos por Roddenberry.

Na mitologia grega, Vulcano é um deus ferreiro e há muita analogia entre esse deus e o arquétipo em que Spock está montado. Vulcano está ligado à cor vermelha e isso simboliza força, fogo, ferro incandescente. Nas civilizações arcaicas, o ferreiro tem ligações com o sacerdote, por ser o senhor dos metais e das transmutações. O deus Vulcano era representado coxo (é sua anomalia física), era sensível à música, indiferente à morte, com a face de um deus que mata ou vivifica. É impressionante a ambigüidade de Roddenberry na confecção desse tema mítico — um misticismo arcaico associado a sofisticados conhecimentos científicos. Essa idéia do "homem misto" (*mixed man*) não é nova na ficção científica, onde em geral se trata de descendentes do cruzamento de raças de planetas diferentes, o que provavelmente serviu de base para Roddenberry desenvolver o IDIC (Infinita Diversidade em Infinitas Combinações), símbolo máximo de Vulcano.

IDIC

É a união do círculo penetrado por um triângulo que termina em uma pedra no meio do círculo. Segundo a geometria pitagórica, a configuração do Cosmos foi sempre representada por variações na geometria (por isso dizemos que a geometria é a linguagem cósmica, que pode ser entendida por qualquer ser espacial). Há muitos escritos filosóficos e esotéricos que explicam a origem do Universo, dos deuses e das forças da natureza através

dos princípios geométricos. IDIC, em síntese, significa sabedoria, eternidade, mito do eterno retorno através do Todo que é representado por elemento feminino (círculo) e masculino (triângulo), sendo que o triângulo ascendente indica fogo, elemento gerador, e a pedra no topo indica sabedoria, poder e magia.

STAR TREK

Com sua obra Gene Roddenberry nos revela que é um romântico e um humanista incorrigível. O universo por ele criado permite que o seriado e suas personagens saiam das telas de tevê e cinema e invadem nossa intimidade, formando conosco uma "*participatium mystic*". As personagens de STAR TREK evocam a eterna criança que existe em cada um de nós, permitindo nossa participação nessa odisséia, a espacial. O medo sentido pelos partidários do velho humanismo de que o homem que participará dessa empreitada não será o homem como o conhecemos, pois estará dominado pela lógica e isento de paixões, em STAR TREK perde o sentido, pois nela vemos esse novo homem muito parecido conosco, mas muito mais equipado para superar seus anseios e dores.

Transformando seus instintos, controlando suas paixões, disciplinando-se através da lógica, esse novo homem não perdeu, pelo contrário, expandiu seu humanismo. A tripulação da *Enterprise* é o protótipo desse novo homem. A integridade e obstinação (Kirk), guiada pela lógica (Spock), garantidas pelo humanismo (McCoy), somadas à lealdade da tripulação para com o homem que está no comando, este novo homem em nada difere do que somos, sem poderes excepcionais, sem comportamentos robóticos, mas com a chave que abre as portas do espaço (futuro).

A imaginação também é a chave do artista para o mergulho dentro do inconsciente. E Gene Roddenberry tem essa chave. Existem, por isso, várias maneiras de se entender STAR TREK sem ser necessariamente a mitológica ou a científica e uma delas é a minha maneira, da qual não abro mão. A *Enterprise* é a minha pasárgada.

A cidade do texto de Manuel Bandeira, Itinerário de Pasárgada, foi fundada por Ciro nas montanhas do sul da Pérsia, onde o rei passava seus verões. Também representa uma catarse, um grito de evasão nos momentos de cansaço e desânimo:

*"Vou-me embora pra Pasárgada!
Em Pasárgada você tem tudo*

*É outra civilização (...)
Lá sou amigo do Rei
Vou-me embora pra Pasárgada"*

A *Enterprise* tem sido minha Pasárgada. Para ter a "permissão de vir a bordo" e avançar para o futuro em velocidade de dobra, é preciso libertar o eu racional que há em todos nós (como Spock), o eu intrépido (como Kirk) e o eu humano, feiticeiro (como McCoy). Se você algum dia sentir que peso da realidade que o cerca está acima do suportável, bem-vindo a bordo!

Anna Creuza Zacharias

Esta análise sobre STAR TREK faz parte de um trabalho cujo tema "Viagem" Anna Creuza desenvolveu para o Centro de Pesquisa Pluridisciplinar e Interuniverstária sobre o Imaginário e o Símbolo, um órgão fundado em 1966, na França. A ele podem se associar pessoas de qualquer parte do mundo que sejam formados em Antropologia Física e Cultural, como é o caso de Anna. É preciso salientar que este texto é uma condensação de um trabalho bem mais complexo sendo que a autora gentilmente permitiu que fosse sintetizado por Cristina Nastasi para publicação pelo JETCOM. (N.E.)